

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

*Sou uma árvore para dois de mim*

O LIVRO E A LEITURA NO 1º CICLO - UMA ABORDAGEM COMO ROTEIRO

Sónia Cristina dos Santos Louçada

Relatório Final realizado no âmbito da  
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada  
Mestrado em 1º Ciclo do Ensino Básico

**Lisboa**

**Julho de 2013**



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

*Sou uma árvore para dois de mim*

O LIVRO E A LEITURA NO 1º CICLO - UMA ABORDAGEM COMO ROTEIRO

Sónia Cristina dos Santos Louçada

Relatório Final realizado no âmbito da  
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada  
Mestrado em 1º Ciclo do Ensino Básico  
Ano letivo 2012/2013

**Orientadora: Mestre Joana Duarte**

**Lisboa**

**Julho de 2013**

## EPÍGRAFE

### ASAS

*Nós nascemos para ter asas, meus amigos.  
Não se esqueçam de escrever por dentro do peito: nós  
nascemos para ter asas.  
No entanto, em épocas remotas, vieram com dedos  
pesados de ferrugem para gastar as nossas asas como  
se gastam tostões.  
Cortaram-nos as asas para que fôssemos apenas  
operários obedientes, estudantes atenciosos, leitores ingênuos  
de notícias sensacionais, gente pouca, pouca e seca.  
Apesar disso, sábios, estudiosos do arco-íris e de coisas  
transparentes, afirmam que as asas dos homens crescem  
mesmo depois de cortadas, e, novamente cortadas,  
de novo voltam a ser.  
Aceitemos esta hipótese, apesar não termos dela  
qualquer confirmação prática.  
Por hoje é tudo. Abram as janelas. Podem sair.*

**José Fanha, *Eu sou português aqui***

## **DEDICATÓRIA**

A todos os Seres de Luz que iluminam o caminho.

Para ti, André.

A meu Pai.

## AGRADECIMENTOS

Do fundo do coração quero dizer o meu Obrigada sentido a todos os que me apoiaram, ajudaram, inspiraram, ouviram, compreenderam e partilharam comigo o caminho que foi percorrido.

À minha orientadora Professora Joanhina Duarte, pela disponibilidade interior de escuta, dedicação, por todos os conselhos e por todas as conversas que me inspiraram a continuar a trilhar. Obrigada por tudo!

À Diretora Maria de Fátima Souto por me abrir as portas da sua “casa”. Por ter sempre tempo para uma conversa sentida e por ter sido um forte pilar desde o primeiro momento em que entrei na Instituição IDEIA – Instituto para o Desenvolvimento Educativo Integrado na Ação.

Às minhas colegas de trabalho: Sara Honório, Carla Gonçalves, Olga Encarnação, Gisela Gonçalves, Alda Fonseca, Ivone Escalreira. Muito Obrigada pela partilha!

E um abraço do tamanho do mundo às minhas colegas de A.T.L que ajustaram horários, confortaram, apoiaram e por todos os conselhos que me deram e me tranquilizaram em alturas difíceis deste caminho. São fonte de força incondicional. A vocês, Cátia Pássaro, a colega que carinhosamente me inspirou com a partilha do livro do ano, à Carla Coutinho e à Susana Carlos o meu muito, muito obrigada!

À Professora Filipa Cravo, que me acolheu na sua sala do 2º ano com um grande carinho, humildade e disponibilidade. Pela liberdade de colocar a minha prática pedagógica em ação e por todo o conhecimento e estratégias que me transmitiu ao longo da mesma.

A todas as crianças com quem aprendo tanto, tanto! Obrigada!

A todos os professores que me deram alicerces, a D. Isabel, a minha querida professora primária, a professora Violante Magalhães, o professor Humberto Duque, a professora Clara Silva, professora Joanhina Duarte, professora Teresa Macara, professora Luísa Toscano, e muitos, muitos outros. Com todos aprendi.

Às minhas colegas que ao meu lado foram caminhando, Carla Salvador, Andreia Figueiredo, Joana Completo, Luzia Gomes, Sónia Silvestre. Obrigada.

À minha família que acredita na pessoa que sou.

A todos os amigos que me aquecem o coração. Obrigada!

À Nina, Cleo e Lua pelo amor incondicional.

Obrigada José Guilherme Louçada e às minhas sobrinhas Mariana e Constança. Obrigada pela força! Em especial à minha irmã Carla. Companheira de vida. Obrigada por tudo irmã!

Obrigada querido Pai e querida Avó Adriana. Sinto o vosso amor junto ao peito!

A ti, André. Sem ti este momento não seria possível. Mais do que caminhar juntos, tu foste o meu colo.

## RESUMO

Este Relatório Final surge da Unidade Curricular - UC de Prática de Ensino Supervisionada -PES e tem como objetivo descrever e analisar o estudo do tema de investigação que surgiu no contexto de uma turma de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico - CEB. O tema deste estudo é a leitura e o livro no 1º ciclo, mais concretamente numa turma de 2º ano e pretende olhar o roteiro como abordagem de aprendizagem. Este relatório tem como objetivos: Identificar e repensar a importância da leitura na sala de aula; Compreender o livro como um roteiro de mediação de aprendizagens nas diferentes áreas curriculares e não curriculares e refletir no papel do professor enquanto mediador, promotor e animador da leitura. Foi utilizada uma metodologia qualitativa de investigação, através de uma observação participante descrita através de Diários e de Entrevistas e por conseguinte a análise de conteúdo. Desse modo, foi possível constatar que o livro na sala de aula é fundamental para a aquisição de hábitos de leitura e que o papel do professor é essencial como um mediador de aprendizagens que surgem a partir de um roteiro, tendo o livro como facilitador. O Diário foi realizado no decorrer do estágio e as Entrevistas foram realizadas a duas professoras do 1º Ciclo e a quatro crianças do 2º ano de escolaridade depois de terminado o período de estágio. Através da realização do Relatório Final foi possível constatar que o papel do livro e da leitura, numa sala de aula do 2º ano, são estruturantes para a criança, enquanto aluno e leitor e que é possível mediar as aprendizagens tendo como ponto de partida o roteiro.

**Palavras- Chave:** Criança, Leitura, Professor, Roteiro



## ABSTRACT

This report arises from the Curricular Unit -CU Supervised Teaching Practice -PES and intends to describe the research and analysis performed under a 2<sup>nd</sup> year (1<sup>st</sup> Cycle Basic Education -1<sup>st</sup> CEB class perspective. The research theme is the books and reading on the 1<sup>st</sup> Cycle, addressing an itinerary as learning approach. The main goals are: Identify and reshape the reading significance on the classroom; Address the book as a learning mediator itinerary for both curricular and non-curricular activities and finally consider the teacher role as a reading impeller and mediator. The research was driven by a qualitative methodology based on the active observation and registered on logs and interviews further analyzed. This way it was possible to notice books on the classroom are a requirement for the acquisition of reading habits, as well as teachers play a fundamental role as learning mediators and promoters of an itinerary enabled by those books. The Log was written during the internship and the interviews were conducted with two 1<sup>st</sup> cycle teachers and four 2<sup>nd</sup> grade children. With this Final Report it was possible to conclude that books and reading roles on a 2<sup>nd</sup> grade classroom increase children foundations as student as well as a reader, and that it's possible to mediate learning procedures thru an itinerary.

**Keywords:** Child, Reading, Teacher, Itinerary

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEB – Ciclo do Ensino Básico

IDEIA - Instituto Educativo Integrado na Ação

MEM - Movimento de Escola Moderna

OT – Prática de Ensino Supervisionada

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNL - Plano Nacional de Leitura

PNEP – Programa Nacional de Ensino do Português

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

U C - Unidade Curricular

# Índice

<b>Introdução – <i>A raiz</i></b> .....	1
1. Percursos – <i>da semente ao voo</i> .....	2
2. O Problema .....	4
2.1. Plano de trabalho do Relatório .....	7
<b>Capítulo I</b> Enquadramento e Contextualização Teórica - <i>o tronco</i> .....	9
1. A Literatura Infanto-Juvenil – em “torno” da história de um conceito .....	9
2. Leituras .....	13
3. O papel do professor como mediador e construtor de um roteiro de literatura infanto -juvenil em sala de aula.....	15
4. Achegas para a elaboração de um Roteiro – <i>Os ramos</i> .....	22
<b>Capítulo II</b> A Pesquisa - <i>As folhas</i> .....	29
1. Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo).....	29
2. O Diário e a Entrevista como instrumentos de recolha de dados.....	30
2.1. Diário .....	31
2.2. Entrevista.....	32
3. Descrição dos Procedimentos.....	34
4. Implementação – cronograma – PES .....	37
<b>Capítulo III</b> Análise de Dados – <i>As flores e os frutos</i> .....	38
1. CATEGORIA A: O papel do professor na promoção do livro e da leitura.....	40
2. CATEGORIA B: A leitura realizada por gosto.....	48
3. CATEGORIA C: O Roteiro como mediador de aprendizagens.....	53
<b>Considerações Finais - O Voo</b> .....	60
Constrangimentos .....	62
Pistas que se delineiam - Uma árvore que cresce. Um pássaro que voa .....	63
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	64
<b>ANEXOS</b> I	

Anexo I A Árvore da Vida.....	II
Anexo II Guião de Entrevista – Professores.....	III
Anexo III Entrevista 1 .....	VI
Anexo IV Entrevista 2.....	XIX
Anexo V Guião de Entrevista – Crianças .....	XXXV
Anexo VI Entrevista Crianças .....	XXXVII
Anexo VII Diários.....	XLVI

## **Introdução – A raiz**

*Olho pela janela: a terra é o céu das raízes, não é? É,  
confirma a minha irmã mais nova*

**Afonso Cruz, O livro do ano**

O Relatório Final está inscrito na Área Científica da Prática de Ensino Supervisionada – PES e tem como objetivo descrever a apreciação crítica do estágio realizado em 1ºCiclo do Ensino Básico, realizado no período de 26 de novembro de 2012 a 5 de março de 2013. Este mesmo Relatório visa apresentar um estudo compreensivo de uma problemática que se prende com a importância da leitura e do livro no 1º ciclo e na sua abordagem como roteiro de aprendizagem. O referido trabalho de investigação procura levar cada aluno estagiário a refletir no papel de Professor e a adquirir valores, atitudes e comportamentos adaptados a uma docência atenta aos objetivos da organização do ensino. Simultaneamente, atento às necessidades dos profissionais e às expectativas da comunidade educativa, assim como a adquirir a capacidade para compreender o conjunto dos recursos educativos da escola e dos parceiros educativos, mobilizar e estruturar conhecimentos, experimentar, pelo exercício fundamentado, as funções de educador/professor, através da participação em diferentes atividades desenvolvidas na escola/sala onde realiza a PES, assim como a construção de um projeto profissional futuro/de uma intencionalidade pedagógica, a partir da realidade observada e da formação inicial obtida.

É no Estágio que esta ação se revela no sentido prático, na medida em que o estagiário/professor é, em simultâneo, um investigador da sua realidade educativa.

Neste momento privilegiado do percurso académico, o estudante questiona a sua realidade e é dela que brota o problema que será objeto de estudo no presente Relatório. Aliando assim um educador/ professor /investigador buscando sempre a sustentação teórica com autores de referência como Glória Bastos, Violante Magalhães, Maria do Carmo Vieira, Bruno Bettelheim, Fátima Albuquerque, Inês Sim-Sim, Daniel Pennac, Teresa Meirelles, Rui Marques Veloso assim como o Roteiro de Educação Artística da Unesco, o Programa de Português e as Metas Curriculares para o Ensino Básico do Ministério da Educação. São também fonte de inspiração autores como José Fanha,

Luísa Dacosta Matilde Rosa Araújo, Afonso Cruz e Paulo Freire. Todos constituem um pilar fundamental para o referencial teórico do presente Relatório.

## **1. Percursos – *da semente ao voo***

O meu percurso formativo teve lugar em diferentes casas, desde a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde realizei a Licenciatura em Estudos Artísticos, na Escola Superior de Educação João de Deus onde efetuei a Licenciatura em Educação Básica e no presente, a morada é a Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich onde caminho para o final do Mestrado Profissionalizante na área do Ensino Básico do Primeiro Ciclo. Considero enriquecedor o facto deste caminho ser trilhado em diferentes Escolas. Como aluna do Mestrado do 1º Ciclo do Ensino Básico, tive a possibilidade de contactar com crianças diferentes em diversos locais de estágio, percorrendo diferentes salas, observando e questionando distintos modos de estar em sala. É nesta amplitude de querer ver mais e diferente que procurei realizar a minha formação académica em locais diferentes também.

O gosto pela leitura habita em mim desde tenra idade. O gosto por inventar histórias e de as “escrever” gatafunhando folhas e folhas faziam a minha delícia. A vendedora de fósforos foi minha companheira de infância. Dessa caixinha luminosa até ao presente vai um longo caminho. Da Faculdade de Letras trago em mim a abertura para a diversidade. Uma Faculdade grande, com muitos cursos, com muitos alunos e entre estes, uma aluna que sonhava com a Educação Artística. Após término da Licenciatura em estudos Artísticos iniciei a minha vida profissional no campo da Educação. As atividades de enriquecimento curricular em escolas do concelho de Oeiras abriram portas para o ensino da Expressão Dramática a crianças do 1º e 2º ano do 1º CEB. Desta experiência despertou a vontade de saber mais sobre pedagogia e no ano letivo seguinte iniciei a minha segunda licenciatura na Escola Superior de Educação João de Deus. A licenciatura em Educação Básica que me iria abrir portas como futura profissional de educação. Desde que iniciei o 1º ano da licenciatura em Educação Básica, trabalhei sempre na área. Desde centro paroquial a A.T.L social e no presente no Instituto de Desenvolvimento educativo Integrado na Ação (IDEIA), onde dou apoio a crianças com Necessidades Educativas Especiais e onde dinamizo o atelier de expressão plástica com crianças de 1º Ciclo (idades compreendidas entre os 6 e os 13 anos). Foi neste mesmo local que realizei os meus estágios no âmbito do mestrado. No Pré-Escolar estive em

Outeiro de Polima na Sala dos 5 anos. E no estágio do 1º ciclo estive em Tires, na sala do 2º ano. A IDEIA é uma Instituição que pretende ser diferente, desde a sua essência, porque nos contextos atuais acredita que se deve pensar a Escola no sentido de construir um mundo melhor ou seja, a razão da origem, percurso e desenvolvimento deste projeto Educativo. Deixar crescer crianças autónomas, responsáveis, capazes de decidir, preocupadas com o mundo que as rodeia, sensíveis ao sentido ético, estético e humano (à natureza, à beleza e aos outros), seres livres, na verdadeira aceção de liberdade, capazes de fazerem da vida uma festa. Nos contextos atuais, a Escola é pensada como um espaço e um tempo que assumem tanta importância quer ao nível do desenvolvimento cognitivo e das aprendizagens, como no afeto e na relação, no jogo e no trabalho, na criatividade e na arte, no ambiente e na natureza.

O Roteiro de Educação Artística da Unesco defende que a Educação na Arte e pela Arte estimula o desenvolvimento cognitivo, o que pode ainda tornar aquilo que os educandos aprendem mais relevante perante as necessidades das sociedades humanas em que vivem (Roteiro para a Educação Artística, 2006). Paulo Freire (1970) diz-nos que a ação do educador humanista identifica-se desde logo com a dos educandos, orientando-se assim no sentido da “humanização de ambos”. O educador deve acreditar no potencial criador de cada um. (Freire, 1970) Pensando na peculiaridade do projeto educativo da instituição onde trabalho e onde realizei o estágio, aliando ao Roteiro de Educação Artística e ao pensamento do filósofo e pedagogo Paulo Freire, acredito que o contributo do vertente humanista e artística foram fonte motivadora para realizar o Relatório Final.

A minha grande motivação consiste no facto de acreditar que a educação pode ser mediada pela arte. O Estágio representa uma etapa fulcral no processo de formação profissional, que permite um período de vivências que promovem o desenvolvimento de competências e conhecimentos sobre a prática pedagógica. A minha maior motivação é acreditar que a componente pessoal, profissional e social estão condensadas numa unidade mínima e indivisível - o Ser Humano, o que nos permite dizer como Ricardo Reis, heterónimo de Fernando Pessoa:

(...) Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.  
(Odes de Ricardo Reis)

## 2. O Problema

As minhas intenções para o presente estudo consistem em aliar a arte à educação, e sentir que a fronteira entre estas duas áreas pode deixar de existir. A arte anda de mãos dadas com a educação e a educação com a arte. É tempo de deixar de colocar a educação em gavetas, é tempo de abrir a janela e deixar voar “Qualquer obra bem escrita, destine-se ela a quem se destinar, é uma obra de arte” (Villasante, 1977, p. 11). O livro serve de ponte entre a arte e os Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico. Acreditando assim que a Educação terá um maior significado. Este significado, na minha opinião, não se traduz tanto nos resultados mas a sua verdadeira riqueza está no processo que se adivinha grande no seu interior.

Para me ajudar a refletir na prática e nas questões que emergem do mundo da sala de aula, utilizei o instrumento Diário, com o qual me encontrava no final de cada dia, e onde escrevi os meus pensamentos, inquietudes e momentos marcantes vividos na sala de aula e a Entrevista que foi realizada após término do estágio. A professora cooperante demonstrou uma prática onde o livro tem um papel crucial. Aliando as minhas motivações pessoais para a profissão de educadora e de professora à metodologia que observei e que pratiquei no estágio, percebi que a problemática do presente trabalho deveria assentar na questão do livro e da leitura como mediadores de aprendizagem. “Ninguém educa ninguém, nem ninguém aprende sozinho, nós homens [mulheres] aprendemos através do mundo” (Freire, 1970, p. 39). Esta perspetiva de Paulo Freire aliado à minha observação e questionamento da realidade onde desenvolvi a minha prática pedagógica leva-me ao problema “Como compreender o papel do professor na promoção do gosto de ler e na gestão da leitura como mediadora de aprendizagens?” O contacto com as histórias, com a poesia, com a literatura, com o objeto livro é fundamental para o crescimento saudável da criança e do futuro jovem leitor. O livro levará a criança a criar relações entre o mundo e a imaginação, entre o que é real e o que é do campo da ficção (Vieira, 2009). Neste campo, a literatura possibilita o abrir de uma janela que tem vista para um campo desconhecido, desafiante e muito “saboroso”. Como futura educadora/ professora considero este tema de pesquisa um verdadeiro desafio na medida em que se revela fundamental para uma formação que se pretende estética, sensível e enriquecedora. O livro será, no presente Relatório, um ponto de partida para a mediação de aprendizagens. Estas aprendizagens dão-se em



contexto formal porque fazem parte do currículo do 1º ciclo do Ensino Básico, mas atuam em níveis de formação pessoal, social, ética e estética.

O presente Relatório tem como motivo inspirador o caminho multidisciplinar que o livro percorre na Sala de Aula, onde se pretende entroncar as diferentes áreas de estudo: língua portuguesa, matemática, estudo do meio, expressões, formação cívica, aliado a uma perspetiva estética. Poderá o professor do 1º ciclo do Ensino Básico criar o seu roteiro tendo como base as histórias? Poderá a criança comprazer-se no processo de aprendizagem?

O problema que emerge do contexto de estágio e que será objeto de estudo do presente Relatório – Como compreender o papel do professor na promoção do gosto de ler e na gestão da leitura como mediadora de aprendizagens?

A identificação do problema emergiu do contexto, do meu local de estágio, Instituto para o Desenvolvimento Educativo Integrado na Ação – (IDEIA- Tires), com a turma do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. A turma é composta por 16 crianças, 7 dos quais rapazes e 9 raparigas. É importante caraterizar o grupo numa perspetiva psicológica, mas é crucial para o presente relatório, procurar estabelecer linhas de força de forma a contextualizar o grupo no seu papel (papéis) de leitor.

As relações entre a leitura e o desenvolvimento psicológico têm sido objeto de vários estudos (Bastos, 1999). As estruturas cognitivas, os envolvimentos afetivos, as relações interpessoais, os papéis sociais que a cultura dominante atribui ao leitor em desenvolvimento constituem um conjunto de laços particulares que se estabelecem com o objeto livro e a leitura. São distinguidos cinco papéis que o leitor pode assumir: “leitor como player”; “leitor como herói ou heroína”; “leitor como pensador”; “leitor como intérprete” e “leitor pragmático” (Appleyard, 1991, pp. 11-12, citado em Bastos, 1999, p.33). O leitor tem direitos, como o de saltar páginas ou não terminar um livro e se queremos que as próximas gerações se tornem leitores, teremos de lhes transmitir os mesmos direitos que nós próprios temos (Pennac, 1993). Cada um destes papéis é caraterizado em função dos laços que o individuo estabelece com a leitura, laços estes dependentes não só das caraterísticas psicológicas como de fatores que influenciam a leitura e onde o contexto escolar ocupa um lugar importante (Bastos, 1999). É importante referir que as crianças deste estudo estão no estágio das operações concretas (dos 7 aos 11/12 anos) segundo adaptações de Cervera em relação ao quadro proposto por Piaget: “A fase das operações concretas caracteriza-se por uma interiorização

progressiva do real; grande parte do desenvolvimento da criança, nesta altura, consiste em criar “agrupamentos” que permitem organizar a realidade.” (Cervera, 1991, pp. 25-27, citado em Bastos 1999, p. 35). Tendo em conta o grupo onde realizei o estágio (2º ano) pode-se dizer que são assumidos dois papéis distintos: o de “leitor como herói ou heroína” e o de “leitor como pensador”. Embora este último se refira a crianças numa idade mais avançada, encontra-se neste grupo, pinceladas deste papel. Importa aprofundar em que consistem estes papéis: No papel “leitor como herói ou heroína” a criança assume-se como figura central de uma história que está constantemente a ser reescrita, de acordo com a imagem que a criança vai construindo do mundo”; e o papel “leitor como pensador” o leitor procura descobrir nas histórias o sentido da vida, valores e verdades, imagens ideais e autênticos papéis- modelo para imitação” (Appleyard, 1991, pp. 11-12, citado em Bastos, 1999).

Em termos de leituras costuma-se referir que neste período prevalece a literatura fantástico-realista, com contos maravilhosos, fantásticos e de aventuras, a vida dos animais, mas também o conhecimento de outros países e povos, os assuntos relacionados com jogos e desportos, as experiências científicas e conhecimento do mundo (Bastos, 1999).

A escolha deste tema surge após observação do grupo e da prática pedagógica da professora cooperante. Observei que o livro ocupa um lugar central na sala de aula. Esta ação pedagógica despertou o meu interesse e desse modo escolhi o livro como linha condutora de estudo do presente Relatório.

Este problema insere-se num contexto de sala de aula que privilegia a expressão artística, a leitura, os valores e o crescimento saudável e harmonioso da criança. O quotidiano é organizado de modo a proporcionar diferentes momentos onde o contato com o livro está presente. Desde a leitura que é realizada por gosto e onde a exploração é livre, até momentos de leitura mais orientada e onde a ação pedagógica do professor incide em obras de referência. A Sala de Aula tem uma biblioteca apetrechada de livros direcionados à faixa etária. Neste contexto vive-se a leitura de forma prazerosa e motivadora de aprendizagens.

Após reflexão sobre o meu problema surgiram-me as seguintes questões, às quais tentarei dar resposta no decorrer da Investigação:

- Como compreender o gosto pela leitura na expressão oral da criança?
- De que modo a reflexão da literatura, através do livro, se poderá tornar num roteiro de aprendizagens?

Tendo em conta as questões que levantei ao problema, formulo os seguintes objetivos:

- Identificar e repensar a importância da leitura na sala de aula;
- Compreender o livro como um roteiro de mediação de aprendizagens nas diferentes áreas curriculares e não curriculares;
- Refletir no papel do professor enquanto mediador/ promotor/ animador da leitura.

Para averiguar e tentar responder a estas questões de estudo, optei por uma metodologia qualitativa, compreensiva e descritiva, apoiada na análise de Diários e Entrevistas realizadas a professores e a crianças, para o enquadramento empírico do estudo. Para o seu enquadramento teórico procurei autores de referência que ajudem na sustentação do problema em estudo.

## 2.1. Plano de trabalho do Relatório

O presente Relatório está organizado do seguinte modo: a introdução, o capítulo I onde será realizada a sustentação documental/teórica que está organizado em quatro unidades estruturais: 1) a literatura infanto-juvenil – em “torno” da história de um conceito; 2) Leituras; 3) o papel do professor como mediador e construtor de um roteiro de literatura infanto-juvenil em sala de aula e 4) achegas para a construção de um roteiro. De seguida explicarei a metodologia adotada no presente trabalho - metodologia descritiva qualitativa, tendo como instrumento de recolha de dados o Diário e a Entrevista. Consecutivamente serão descritos os procedimentos e a sua implementação, onde constará um Cronograma no qual é possível observar o seguimento cronológico da organização do Relatório Final.

Seguidamente será realizada a leitura e análise de dados, onde será efetuada a interpretação dos dados recolhidos nos Diários e nas Entrevistas e a sua organização através de Categorias aliando todo este processo à fundamentação teórica, procurando, desse modo, responder ao problema, questões e objetivos para o qual me propus. Serão ainda realizadas as considerações finais deste relatório onde são ponderados os aspetos fulcrais de todo o processo, nomeadamente na transformação e compreensão da realidade educativa e as minhas visões para o futuro: a nível pessoal, profissional e social, assim como os constrangimentos que foram ocorrendo ao longo de todo este processo.

O presente Relatório termina com as referências bibliográficas/ documentais. Em anexo serão colocados os Diários (dados brutos recolhidos no terreno/ contexto educativo onde foi realizado o Estágio), assim como a transcrição das Entrevistas e os guiões elaborados.

# Capítulo I

## Enquadramento e Contextualização Teórica - *o tronco*

*Para aquecer o corpo, o melhor é uma lareira. Mas, para aquecer a parte de dentro do corpo, o melhor é ler.*

**Afonso Cruz, 2013**

### **1. A Literatura Infanto-Juvenil – em “torno” da história de um conceito**

A palavra Literatura é intransitiva e, independentemente do adjetivo que receba é arte, encantamento e conta as pessoas e o mundo geração após geração (Roteiro para a Educação Artística, 2006). Deste modo, o termo infantil associado à Literatura não significa que esta tenha sido feita necessariamente para crianças, na medida em que a qualidade literária deve estar presente independentemente da audiência. (Bastos, 1999). “Mesmo ao leitor mais pequeno se podia falar dos maiores e mais complexos problemas do século, mas era necessário procurar a forma narrativa que abrisse um caminho direto e aberto para chegar ao espírito e ao coração da criança” (Araújo, 1998, p. 28).

Durante muito tempo, os livros para crianças desempenharam um papel de instrumento de normalização. Na época em que surgiram, a criança (o seu destinatário) era considerada um ser em construção, valendo apenas pelo que viria a ser. Foi durante o século XVII que a Literatura Infantil se constitui como género. Nesta época verificaram-se muitas mudanças na estrutura da sociedade que desencadearam repercussões no âmbito artístico (Magalhães V. , 2009).

Na Idade Média cristã, a infância era vista como um período obscuro do qual urgia sair o mais rapidamente possível. Ainda em relação a este ponto diz-nos Philippe Ariès:

Se bem que a descoberta da infância tenha começado no século XIII, na sociedade medieval tal sentimento não existia”. Advogando que nos últimos anos do século XVI e no início do Século XVII ainda seria manifesta a “ausência total do moderno sentimento de infância” este historiador elucida que, a partir de então, ter-se-ia entrado numa etapa muito importante, para, no século XVIII (...) o mundo das crianças separar-se do dos adultos.

(Philippe Ariès, 1988, p.76, citado em Magalhães V. , 2009, p. 29)

Atualmente, esta afirmação pode causar espanto, no entanto, a conceção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitados de uma formação específica, “só no século XVII se encontra a menção a um período de vida com características biológicas e culturais próprias” (Magalhães V. , 2009, p. 33). Contudo, esta mudança também se deveu a outro acontecimento desta época: a emergência de uma nova conceção de família, centrada num núcleo unicelular, preocupada em manter a sua privacidade e estimular o afeto entre os seus membros. Deste modo, a partir do século XVIII, para os pedagogos herdeiros de Rousseau, a infância deixou de ser “considerada como um mal necessário, um período lastimável e inevitável da existência” (Defourny, 1999, p. 16), embora muitos passos fossem necessários dar. O reconhecimento do sujeito criança surgiu “ no decurso dos séculos XIX e XX” devido à fomentação de “uma ciência sobre a infância, consubstanciada particularmente na Pediatria, na Pedagogia, na Psicologia, na Psicanálise, que se ia entrecruzando com uma intervenção sobre o mundo infantil” (Magalhães V. , 2009, p. 32). Da junção de todos estes pontos, surgiu o reconhecimento do sujeito criança ”esboçado em 1924, pela Liga das Nações, e mais tarde, em 1959 foi selado na Declaração dos Direitos da Criança, promulgada pela Organização das Nações Unidas” (Magalhães V. , 2009, p. 32).

A par e passo, a literatura infanto-juvenil vai acompanhando e entrecruza-se com todas estas alterações sociais, históricas e científicas. “A literatura infantil subordinava-se fundamentalmente a uma perspetiva pedagógico-didática” (Magalhães V. , 2009, p. 135). E que “Entre os anos 70 e finais do século XIX regista-se um crescendo quer de traduções (por exemplo, de obras dos irmãos Grimm ou de Hans Christian Andersen), quer de livros nacionais, dirigidos à criança” (Rocha, 1984, citado em Magalhães, 2009 p. 135).

Nesta perspetiva, a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias. Deste modo, a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e passa a distanciar-se da vida dos mais velhos e a receber uma educação direcionada ao seu desenvolvimento para que a preparasse para o futuro. Surge, então, uma nova conceção da infância que começa a impor a sua influência. As novas doutrinas pedagógicas acreditam na criança, apostando na sua criatividade e capacidade de construção dos seus próprios saberes. E são realizadas novas descobertas na psicologia e na psicanálise que permitem tratar de forma diferente as questões de educação e de aprendizagem (Defourny, 1999).

No que concerne à relação texto-imagem, a história do livro é uma extraordinária aventura, “uma marcha para uma criação cada vez mais original e interativa” (Defourny, 1999). Deste modo, o século XIX surge como um marco fundamental no domínio da escrita para crianças, quer pelas implicações decorrentes de alterações no próprio conceito de criança, quer por novas perspetivas que avançam face às potencialidades deste novo leitor.

A sala de aula é um espaço propício para o desenvolvimento da leitura e cabe ao professor a responsabilidade de escolher obras apropriadas ao leitor infantil (os seus alunos). Estas obras devem conseguir despertar nele o gosto pela leitura e provocar o prazer de ler. É na aventura da palavra ouvida, ou lida que treinamos a imaginação, aprendemos a tocar com os olhos o que nos seduz, alimentamos a sensibilidade para o Belo. Este belo inclui a Natureza, recolhemos experiências das situações vividas pelas personagens. Desvendamos atos que estimularão a criatividade e ajudarão a despertar a amizade pela ciência e pela arte (Vieira, 2009).

No Roteiro de Educação Artística, é defendido que o método da Arte na Educação utiliza as formas de arte (e as correspondentes práticas e tradições culturais) como meio para ensinar disciplinas de natureza geral e como instrumento para o aprofundamento da compreensão dessas disciplinas (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

O livro e a leitura são no caso deste Relatório, e através do termo artístico – literatura – a forma de arte privilegiada neste trabalho.

Sir Ken Robinson refere que “A imaginação, a criatividade e a inovação estão presentes em todos os seres humanos (...). Existe uma forte relação entre estes três processos. A imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia” (Roteiro para a Educação Artística, 2006, p. 11).

Ao colocar questões centrais relacionadas com a vida da criança, o livro valoriza o mundo infantil enquanto simboliza a manifestação do novo, do livre e do criativo. Por sua vez, é através da presença do elemento fantástico que a imaginação adquire vida, ampliando os horizontes da criança e exercendo a representatividade e a inovação do seu próprio processo marcado pelo seu ritmo (Bettelheim, 1975).

Neste sentido, é necessário ter em conta as Metas Curriculares de Português para 1º Ciclo do Ensino Básico.

**Iniciação à Educação Literária (2º ano)**

19. Ouvir ler e ler textos literários.
20. Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.
21. Ler para apreciar textos literários.
22. Ler em termos pessoais.
23. Dizer e escrever, em termos pessoais e criativos.

(Buescu, Morais, Rocha, & Magalhães, 2012, pp. 19-20)

E se atualmente é contemplada a Educação Literária desde a mais tenra idade, tal deve-se a este caminho diacrónico que se foi fazendo e que nos separa em “anos-luz” da Idade Média e até mesmo do Século XIX e início do século XX.

A criança deve ser motivada a contactar com os livros o mais precocemente possível para deles retirar o que mais necessita, consoante o seu desenvolvimento psicológico e emocional, interiorizando gradualmente a noção do bem e do mal, aprendendo a suportar medos e a vencer obstáculos (Vieira, 2009). A Literatura transmite a mensagem por etapas, e de forma lenta. Desta forma, não se pretende que o livro substitua a experiência que deve ser vivida pela criança, mas que permita um retomar imaginário de experiências já conhecidas ou compreendidas. “Essa é a força da literatura que nos dá um tempo processual de viver as sensações que em nós se operam” (Dacosta, 2002, p. 201).

As histórias infantis além de constituírem momentos lúdicos e atrativos para as crianças, são um meio de transmissão da herança cultural (Bettelheim, 1975).

O autor defende que as histórias têm um grande impacto psicológico sobre as crianças, na medida em que os temas dos contos são meios através dos quais as crianças reveem os seus medos, angústias, desejos, alegrias ou problemas, ao mesmo tempo que promovem o desenvolvimento da sua personalidade.

Bruno Bettelheim (1975) explica que a Literatura Infantil é muito variada e que se manifesta, principalmente, através do género narrativo – o conto, a lenda ou a fábula – todos encantadores e capazes de transportar a criança para a fantasia de um mundo imaginário.

Como professores, devemos preservar este género e levá-lo à sala de aula. Porém, não podemos fazer dele o único recurso literário. A arte literária deve chegar à sala de aula de forma diversificada.

É no encontro com qualquer forma de Literatura que o Ser Humano tem a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer a sua própria existência



(Albuquerque, 2000). Neste sentido, a Literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de uma cultura, mas também de ideologias porque conta o Ser Humano.

Por iniciar a criança no mundo literário, a Literatura Infantil deve ser utilizada como instrumento de sensibilização da consciência para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo (Bastos, 1999). Além disso, o principal objetivo da Literatura Infantil é formar leitores e contribuir para que a leitura se torne um hábito e uma prática.

A Literatura é metáfora do humano. Acompanha de mãos dadas a visão artística, cultural, social, ideológica e um outro panorama que se abre grande por dentro: a interioridade de cada Ser Humano.

## 2. Leituras

Começarei por tentar definir o que significa leitura, tendo em conta que esta definição nunca nos dá o significado pleno:

“Entende-se por leitura o processo interativo que se estabelece entre o leitor e o texto, em que o primeiro apreende e reconstrói o significado ou os significados do segundo. A leitura exige vários processos de atuação interligados (decifração de sequências grafemáticas, acesso a informação semântica, construção de conhecimento, etc.); em termos translatos, a leitura pode ainda ser entendida como atividade que incide sobre textos em diversos suportes e linguagens, para além da escrita verbal.”

(Ministério da Educação, 2007, p. 16)

Os adultos de referência têm como dever ajudar a mediar uma série de competências que ajudarão a criança a se desenvolver saudavelmente a nível emocional, intelectual, desde a mais tenra idade. O professor do 1º ciclo, assim como o Educador de Infância têm um papel fundamental em todo este processo, pois, existe todo um mundo de possibilidades e oportunidades de exploração do meio e do ser.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, mais concretamente nos objetivos pedagógicos que a Lei-quadro da Educação Pré-escolar estabelece, num dos seus objetivos: “Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” (Ministério da Educação, 2007, p. 15). Este objetivo abraça a Leitura no Jardim-de-infância, assim como a importância do domínio da língua (comunicação) e como a leitura está relacionada com a língua. Neste sentido nas

Orientações Curriculares para o Pré-Escolar, na abordagem do Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, o livro é mencionado do seguinte modo:

O contacto com a escrita tem como instrumento fundamental o livro. É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica. As histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler. Mas, para além de livros de literatura infantil em prosa e poesia, são ainda indispensáveis, na educação pré-escolar outro tipo de livros, como dicionários, enciclopédias, e também jornais, revistas, etc.

(Ministério da Educação, 2007, p. 70)

Na sala, o Professor deverá encaminhar os alunos no sentido de serem leitores. Por isso é importante ler todos os dias, e ler diferentes tipos de texto: “A leitura que o educador faz para as crianças, ajudando-as a contactar e interpretar diferentes tipos de texto escrito, tem como complemento a escrita que é realizada com as crianças; ao ver o educador escrever, a criança compreende melhor como e para que se escreve.” (Ministério da Educação, 2007, p. 71). O domínio da língua, a leitura e a escrita estão intimamente interligados.

(...) a leitura funciona como uma segunda placenta protetora, já que através da leitura se podem experienciar vivências de outro ou outros, no faz de conta, sem perigos e sem traumas, porque não é ainda a sério como na vida. Experiências (...) de humanização, enfim, visto que num livro vivemos o bafo humano do outro.

(Dacosta, 2002, p. 203, citado em Magalhães, V., 2006, p. 60)

As histórias tão presentes no pré-escolar não devem ser esquecidas no 1º Ciclo. “Ler é compreender uma mensagem escrita” (Neves, 2002, p. 109). Refletindo em relação à utilização de manuais no Ensino Básico, Manuela Castro Neves defende que no 1º ano de escolaridade não se deve utilizar e que nos outros anos, o manual pode ser um recurso como qualquer outro, e que pode, em certa medida, os textos fragmentados, consistirem num ponto de partida para o conhecimento da obra donde foram retirados. Para Neves, a utilização dos manuais só será legitimada num contexto onde se valorize a escrita das crianças e se promova a sua circulação; onde haja uma biblioteca de sala; onde seja contemplado na agenda semanal do professor, tempo para a leitura pelo professor às crianças e tempo para a leitura recreativa pelos alunos e projetos que envolvam o conhecimento das obras completas. Manuela Castro Neves, contrariando o

título “As fadas não foram à escola” de Augusta Seabra Dinis afirma “ as fadas vão à escola, pois as práticas que daí derivam contêm, de facto, a magia capaz de criar o gosto pela leitura” (Neves, 2002).

Para formar leitores é necessário tempo, que é por si mesmo um fator de maturação (Dacosta, 2002). A educação também é estética e as diversas artes tocam-se na sua essência pois “afeiçoar-nos-emos mais à literatura e, por arrastamento, a toda a arte” (Vieira, 2009, p. 9). É possível, através de uma pintura, representar determinado sentimento ou objeto que determinada história suscita. Decorar um poema e torná-lo musical, posso ouvir uma história e representá-la (excelência do texto dramático) posso brincar ao faz de conta sem sair da sala ou como diz Luísa Dacosta: “ Viver mil vidas duma forma quase real” (Dacosta, 2002, p. 201).

A escola tem a responsabilidade de fazer com que os alunos se apaixonem, não só pela Literatura, mas também pela leitura. O professor precisa ler para que os seus alunos possam ser possuídos pelo texto e assim se apaixonem pela Literatura Infantil.

Numa primeira fase, a sonoridade é o cordão umbilical que une a criança e a leitura porque a formação se começa a criar quando as crianças não sabem ler e se lhes contam histórias (Dacosta, 2002) mas à medida que a criança vai crescendo, é a palavra escrita que se apresenta como o derradeiro elo (de uma cadeia que une o indivíduo à obra literária “e tornamo-nos íntimos das palavras, transformando em ato de magia a aprendizagem da leitura” (Vieira, 2009, p. 9). Todavia, quando os diferentes sentidos do ato de ler se instalam no ser humano, modifica a sua condição. Neste sentido, a interpretação da leitura modifica a criança porque a integra num universo mais completo de processos interiores “famo-nos instruindo na arte (...) moldando dentro de nós defesas, comportamentos e exemplos, num caminho iniciático interior, em que ensaiávamos pela ficção o encontro consciente com a Vida (...)” (Vieira, 2009, p. 8).

Nesta perspetiva, e enquanto precioso meio de informação e formação, a leitura pode e deve ser um meio de formação pessoal e social de cada leitor.

### **3. O papel do professor como mediador e construtor de um roteiro de literatura infanto -juvenil em sala de aula**

A animação da leitura torna-se essencial. Desde a leitura do próprio texto à exibição de imagens, ao uso do flanelógrafo, mural didático, canções infantis, slides, álbuns, filmes, dramatizações, teatro de sombras, fantoches (de mão, meia, dedo, tecido, luvas,

etc.), teatro de varas, cartazes, dobragens, mímica, sequência de imagens, reportagem, debate, pesquisa (Oliveira, 2008).

A “Animação da Leitura é uma atividade coletiva, social, é um ato dirigido, ato ruidoso, mobilidade, carácter lúdico, festivo, gratuito. (...) A animação, por si só, não forma leitores (...) todavia, é certo que permite vencer medos, romper certos distanciamentos” (Bastos, 1999, p. 291). Alguns exemplos de animações de leitura:

1. Animação de informação – consiste sobretudo em apresentar livros, de forma variada e atrativa. O livro/o autor/ o ilustrador do mês; Levar a biblioteca aos leitores.
2. Animação lúdica – o seu principal objetivo é o de estabelecer uma mediação ou contacto aprazível com o livro e a leitura (...) – Exposições; - Concursos de leitura; - A maleta das histórias: constitui uma variante para o contador de histórias. Numa maleta velha e usada colocar uma série de objetos, alguns do quotidiano e outros estranhos. Um dia leva-se e abre-se a maleta na aula, perante a curiosidade geral. Vai-se tirando os objetos e contando uma história a partir deles. Pode-se convidar os alunos a contarem outras histórias com os objetos da mala; - Livros vivos;
3. Animação de aprofundamento; - Recriações a partir de leituras; - O livro fórum;
4. Animação responsabilizante; Feiras do Livro

(Bastos, 1999, pp. 292-293)

A animação da leitura é também fonte de motivação para a criança. Ao ver as histórias de uma maneira mais lúdica, a criança vai-se envolvendo de diferentes óticas. O lúdico é uma componente importante na captação da atenção da criança. O papel das bibliotecas escolares também é extremamente importante no estímulo da leitura.

Pela sua proximidade face ao aluno, por se tratar de um espaço familiar, pode criar, se o seu trabalho for consistente e sistemático, um importante foco da promoção do livro. Pode igualmente articular a sua atividade com iniciativas levadas a cabo pela biblioteca pública, estabelecendo elos que o aluno, noutras ocasiões, e por sua própria iniciativa, poderá aprofundar.

(Bastos, 1999, p. 295).

Cabe ao Professor selecionar os melhores materiais a trabalhar com os seus alunos. Deve procurar os melhores livros dos vários tipos, e as bibliotecas fornecem um leque enorme de possíveis opções. Cabe ao professor selecionar com rigor as leituras que pretende realizar e como as irá dinamizar. O primeiro passo é a escolha de um bom livro.

Quando procuramos definir o que é um bom livro para crianças, temos de ter em conta que ele é o resultado do trabalho criativo de um escritor, de um ilustrador, de uma equipa de design, complementado pelo trabalho do editor e dos seus assessores, onde a impressão, acabamento, promoção e distribuição não podem ser descurados. (...) A temática das narrativas ou

dos poemas para as crianças tem de ter em conta a especificidade do destinatário.

(Veloso R. , 2003, p. 176)

Não podemos esquecer que o professor, como referi anteriormente, é um adulto de referência para a criança porque o livro será lido sobretudo por professores e outros profissionais da educação (Bastos, 1999) e como tal, é visto como um “modelo”. Deste modo, quanto melhor for o exemplo, mais qualidade terão os valores e os saberes mediados. Isto é, se o professor gostar de pintura, de música, de cinema, de arquitetura, de teatro, de ir a museus, a exposições, de ler e se transmitir estes gostos com entusiasmo e alegria, às crianças.”Porque se queremos que o nosso filho, a nossa filha, a juventude leiam, é urgente outorgar-lhes os direitos que outorgamos a nós próprios” (Pennac, 1993, p. 140). E se quisermos que os nossos alunos leiam, é fundamental que o professor seja amante do livro (Pennac, 1993). Cabe ao professor partilhar com as crianças esse gosto, pois, desse modo, as crianças apreenderão esse amor inerente pelos livros, pela leitura, pela literatura.

Luísa Dacosta na sua pedagogia do imaginário defende:

Continuei a minha pedagogia de deslumbramento pela palavra literária, acompanhada da necessidade de criação de olhos interiores, já que essa palavra exige que não percamos o nosso olhar lúdico da infância, um olhar humanizado que nos irmane a todos, um imaginativo que nos dê asas, um olhar sensível, atento às pequenas coisas que passam despercebidas, e o olhar transformacional dos poetas, que não veem as borboletas voar duas a duas mas um voo “dobrado pelo espelho do ar”, nem gotas de água a cair de uns dedos magros a aspergir um jardim seco, mas “sementes de vidro ao sol”.

(Dacosta, 2002, p. 206)

Parafraseando esta escritora e professora, diria que nenhum profissional de educação deveria esquecer a sua criança interior, os seus olhos interiores, o seu olhar de poeta, estando atento às pequenas coisas. Procurando sempre que o ato de mediar saberes seja de qualidade e sem se alienar da magia e do encantamento que o mesmo poderá ter.

A magia habita nas histórias e desse modo “Os contos e recontos proporcionam à criança a possibilidade de mergulhar num imaginário da literatura infantil, quer através do acesso a bons livros, quer através da oportunidade de ouvir contar histórias”. (Pessanha, 2002, p. 50). O ato de ouvir histórias e contar histórias existe desde o princípio dos tempos (Albuquerque, 2000). O professor mediador/promotor/animador é também um contador de histórias, que encanta os ouvintes e que lhes transmite valores

culturais. O professor/contador de histórias desempenha um papel duplo: divertir instruindo. Este duplo papel torna-se um dos princípios fundamentais de uma boa pedagogia (Albuquerque, 2000).

Para desenhar um possível processo de realização de um roteiro, onde estes dois papéis estão presentes, é necessário a compreensão da literatura infantil e garantir que o ensino da literatura inclui uma boa seleção de livros apropriados à idade; disponibilização de tempo para a leitura, partilhando conhecimentos, fantasias, opiniões, motivação e curiosidade; jogo dramático e material expressivo. Os professores necessitam de garantir que o material utilizado é original e criativo de modo a permitir que os alunos interpretem a literatura com interesse, compreensão, fantasia e imaginação (Pessanha, 2002). O interesse da criança deve ser estimulado através de vivências que criem memória. Memória esta, que fará parte de um viver de significados interiores que a criança levará para um *continuum* criando relação com futuras leituras fazendo com que crie pontes entre aprendizagens e vivências. Esta aprendizagem está ligada à forma como o adulto mediador cria as oportunidades para orientar e induzir situações de jogo socio dramático, de modo a serem criadas situações de “faz de conta”. (Pessanha, 2002).

Os professores do 1º Ciclo são muitas vezes desafiados a manter as leituras em voz alta como experiências divertidas e agradáveis. A narração (...) facilita aos professores apresentar questões às crianças de dificuldade proporcional à idade (Albuquerque, 2000). E como tal, é extremamente importante a seleção dos livros apropriados à idade e interesses dos alunos. É na infância que se adquire o hábito de ler e é a ler e a ouvir histórias que as crianças se tornam, respetivamente, leitores e ouvintes assíduos (Bastos, 1999).

Ao ouvir histórias, a criança é estimulada no seu imaginário e sente emoções que estão implícitas nos contos com toda a amplitude, significância e verdade que cada história delas gera. O que significa que cada história está apetrechada de uma infinidade de oportunidades de aprendizagem. “Com efeito, quanto melhor é a atuação do professor como contador de histórias, melhor é a sua apresentação de um tempo subjetivo, que transforma qualquer menção ao tempo cronológico numa mera ilusão” (Albuquerque, 2000, p. 37).

Neste processo, estão envolvidos duas personagens que merecem ser analisadas: o professor/contador de histórias e a criança. Não é apenas o que se conta que merece destaque. Os peritos aconselham os professores a ler aos alunos todos os dias, a escolher

literatura de alta qualidade, mostrar às crianças a capa do livro – estratégias de pré-leitura como conduzir a atenção da criança para a ilustração da capa, perguntar quais as previsões sobre a história, fazer uma breve introdução à história – “esta história é sobre...” isto ajuda a ligar o tema, ler com entoação e com velocidade moderada – quando os professores leem com entusiasmo e variam a voz para encarnar diferentes personagens no seguimento do diálogo, tornam a história mais viva para as crianças (Pessanha, 2002).

Trabalhar com a Literatura Infantil na escola é abrir as cortinas do mundo para uma plateia que busca a construção do ser, seres estes que fazem parte de uma sociedade. Cabe ao professor deixá-los sedentos de descobertas. Através da leitura como fruição haverá a reflexão e a aprendizagem.

A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o Ser Humano enfrenta ao longo do seu amadurecimento emocional (Bettelheim, 1975) e “retiramos ensinamentos morais, que influenciarão mais tarde o nosso comportamento” (Vieira, 2009, p. 9). A Literatura Infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo que a rodeia (Bettelheim, 1975).

Através das histórias, as crianças descobrem lugares outros, outros tempos, outras maneiras de ser e de agir. Deste modo, despertam para outras realidades, onde é possível ultrapassar os problemas e as dificuldades existentes. Ler e ouvir histórias não é apenas lazer ou um passatempo, mas é, essencialmente, um recurso valioso e agradável para a predisposição à aprendizagem e à sua complementação. E através deste ponto desenha-se um possível roteiro, na medida em que a narração facilita aos professores apresentar questões às crianças (...) assim se abre, toda uma gama de possibilidades (Albuquerque, 2000).

Todavia, num universo tão amplo de publicações, torna-se difícil selecionar um livro infantil de boa qualidade. Existe o Plano Nacional de Leitura (PNL), assim como listas de recomendação nas Metas Curriculares de aprendizagem da Língua Portuguesa. Contudo, para além das listas, existe um sentido crítico do professor, que se espera que seja um leitor, e que com este seu atributo e com o conhecimento do grupo de crianças, possua as ferramentas necessárias de modo a selecionar adequadamente um livro de boa qualidade. É competência do professor do 1º Ciclo iniciar a aprendizagem do texto literário (Magalhães V., 2006).



É neste cenário que a sociedade atribui o papel de incentivador da leitura à escola, tornando-a um dos locais primordiais para o encontro da criança e do livro (Bastos, 1999). A escola torna-se um espaço privilegiado para se desenvolver o gosto pela Literatura Infantil e, devido a esse facto, tem a função específica de proporcionar este encontro entre o livro e a criança para que esta possa utilizar a Literatura para se compreender a si própria e compreender as coisas que a rodeiam (Vieira, 2009). Além disso, como ninguém ama o que não conhece e para que o professor possa levar as suas crianças a experimentar textos literários, também ele necessita sentir a leitura como uma atividade decisiva e ativa na vida dos alunos (Bastos, 1999) e entender que este alargamento de horizontes irá permitir um discernimento do mundo e um posicionamento diante da realidade (Vieira, 2009).

A importância de selecionar livros de Literatura Infantil que desenvolvam o sentido crítico na criança, construindo-se um ser independente e com uma visão de mundo onde deve existir uma aprendizagem do olhar. “A forma de ver o mundo transforma-se e a nossa sensibilidade apura-se” (Veloso R. , 2003, p. 177). Neste sentido, o espaço da sala de aula é um lugar privilegiado para desencadear o gosto pela leitura e a educação do olhar.

Todavia, não existe uma receita para despertar o prazer pela leitura nos alunos, pelo que o professor deve recorrer à sua própria sensibilidade, tendo em mente que cada situação e ocasião têm aspetos muito particulares.

Se fizermos uma leitura em voz alta é fundamental que a façamos com entoação e interpretação. A atenção do aluno irá depender, nesse momento, da atuação do professor. Desta forma, o professor deve sensibilizar o aluno para acreditar que o livro, além de ser o caminho para encontrar prazer, descobertas e lições de vida, pode ser utilizado para desenvolver a capacidade de pensar e crescer. Para que se consiga sucesso neste sentido, pode-se inventar e improvisar situações agradáveis e significativas, como por exemplo os trabalhos em grupos, os debates ou a dramatização de histórias, entre outras. É através de situações como estas que o aluno irá assumir-se como um sujeito atuante, que sente liberdade, prazer e gosto pela leitura. Além disso, sentir-se-á valorizado por participar deste processo (Paixão, 2002).

O professor deve ousar, ter criatividade e ter coragem de inovar e mudar. A sala de aula deve transformar-se num ambiente dinâmico, atraente e capaz de promover a arte, na medida em que contribui para uma educação que integra as faculdades físicas,



intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

O professor tem nas suas mãos a tarefa de propor ao aluno situações de aprendizagens para a (re) construção do conhecimento. A Literatura Infantil é um instrumento que contribui para elaboração destas situações. Assim sendo, é importante ter conhecimentos acerca deste elemento tão importante e que também saiba utilizá-lo de forma a preservar a função real da Literatura. Esta atua de uma forma mais profunda e duradoura, uma vez considerada como uma das manifestações da Arte. Além disso, dá forma e divulga os valores culturais que dinamizam uma sociedade.

Deste modo, torna-se cada vez mais importante ter um olhar consciente sobre tudo o que nos rodeia, ou seja, sobre a sociedade em que estamos inseridos e que se encontra em constante evolução. A Educação Artística contempla três dimensões: aquela em que o aluno interage com o objeto (o livro, por exemplo e onde o aluno adquire conhecimentos através da sua própria prática artística (escrever histórias por exemplo), o estudante que adquire conhecimentos pela investigação e pelo estudo de uma forma de arte, e a terceira dimensão relaciona a arte e a história (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

Como professores, devemos estar cientes da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural das crianças. Devemos, portanto, desempenhar a nossa função pedagógica com seriedade e ainda com um carácter inovador. Além disso, é crucial não esquecer que a educação não se preocupa apenas com a preparação da criança para ser útil à comunidade, mas que esta cresça naturalmente integrado nela. Por vezes, a escola é a única oportunidade que as crianças têm para entrar em contacto com a leitura (Bastos, 1999).

O mundo da Literatura Infantil é mágico porque as palavras têm o poder de envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real. É real porque se pode viver um momento ímpar, mesmo que ele seja fruto de um imaginar, sentir, fruir, aprender ou sonhar. Este universo da Literatura permite aos professores uma elasticidade (Albuquerque, 2000). E é através dessa “elasticidade” que se criam “achegas” para a elaboração de um Roteiro.

#### 4. Achegas para a elaboração de um Roteiro – *Os ramos*

*Não é preciso ser cientista para compreender as  
árvores, basta ser pássaro. Ou abril.*

**Afonso Cruz, 2013**

A palavra Roteiro, no dicionário online da Porto Editora, significa: descrição pormenorizada de uma viagem; itinerário; livro onde se consignam todos os pormenores de uma viagem importante; descrição de todos os acidentes marítimos e geográficos necessários para se fazer uma viagem; indicação dos caminhos, ruas, etc., de uma região ou povoação; figurado regulamento; norma (Infopédia - Definição Roteiro).

A partir destes significados procurarei definir a palavra Roteiro numa perspetiva pedagógica.

**Roteiro:** Uma viagem que consagra todos os pormenores importantes e onde é indicado um caminho. A viagem começa num livro e o roteiro é o caminho que se percorre durante a viagem. Pode ser comparado a uma árvore. O livro é a raiz, que cresce e será caule e dará origem aos ramos. Os ramos serão as diferentes ideias que surgem e as folhas são os rebentos das aprendizagens que poderão dar flor e fruto.

“Viver é trocar seiva por seiva, fruto por fruto, alegria por alegria” (Torga, 1951, p. 92).

O Roteiro é o ciclo que faz surgir cada estação do ano. A obra “A árvore e a vida” de Gustav Klimt (anexo I) é um símbolo que reúne diversos elementos, desde a flor, a vegetação à renovação das estações. A árvore e as mulheres encontram-se confundidas e as mulheres transformam-se em árvore e invadem toda a natureza. A morte está presente na obra de arte sob a forma de ave empoleirada na árvore. A representação deste pássaro remete para o ciclo da vida (Néret, 2004).

A espiral é um símbolo de evolução e de movimento ascendente e progressivo (...) traduz o todo, a união dos contrários, o nascimento e a morte, o ciclo da vida. (Infopédia - Definição Espiral). *Sou uma árvore para dois de mim* porque em mim habita a professora e a aluna; a seiva que de bruta passa a elaborada e para tal são necessários fatores exteriores como a água e a luz. Esse processo será realizado no interior. Em simultâneo sou árvore e observo o pássaro e sou pássaro e observo a árvore. O pássaro que quer voar na sua liberdade e que volta a pousar na árvore. É neste eterno ciclo que o Roteiro se torna árvore e que em mim sou dois [duas]: sou árvore porque sou aluna e

mediadora e sou pássaro porque observo a árvore e porque vou voar com as aprendizagens realizadas.

Para elaborar um Roteiro é necessário olhar para o livro do mesmo modo que se olha para uma árvore. Cada professor deve procurar o pássaro que existe dentro de si. E do mesmo modo que o pássaro procura a árvore para fazer um ninho, para descansar, para se alimentar, para se proteger, também o professor deve olhar para esta árvore com olhos interiores: o interior está escondido e por isso não se vê, como é o caso da seiva que de bruta passa a elaborada para alimentar a planta. E é este processo que permite que o exterior exista. Tudo se passa de dentro para fora. Só assim o tronco, os ramos, as folhas, as flores e os frutos farão sentido. A criança é também esta mesma árvore. Com necessidade de aprendizagens significativas para poder “florescer” forte e será também o pássaro.

Os roteiros são propostas de atividades que surgem a partir de uma história, poema ou obra de arte. As propostas de atividades que advêm são realizadas pelos alunos e pelos professores e são parte integrante do processo educativo. A leitura deve ser utilizada para diferentes finalidades desde prazer a aprendizagem (Magalhães V., 2006).

Para realizar o roteiro que apresentarei de seguida, terei como ponto de partida para esta viagem o livro “A árvore generosa” (Silverstein, 1964).

“Olho pela janela: a terra é o céu das raízes, não é? É, confirma a minha irmã mais nova” (Cruz, 2013, p. 127).

Mas como elaborar o roteiro? Como fazer brotar do céu das raízes, o caule?

É importante desenvolver diferentes abordagens no contato com os textos, pois desse modo desenvolvem-se diferentes capacidades. Por esse motivo, o roteiro está organizado sobre diferentes olhares: o olhar sensorial, o olhar lúdico, o olhar sensitivo, o olhar mágico, o olhar artístico, olhar de escritor, olhar de cientista e o olhar de filósofo. Após cada olhar é sugerido uma abordagem didática. “Por estratégias de leitura entende-se procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 10). Cabe ao professor a passagem para patamares de maior exigência e complexidade, em relação à relação de questionamento e compreensão do texto. Pretende-se que as crianças compreendam, interpretem, façam inferências, avaliem, criem relações entre diferentes textos [e arte]. O importante não é apenas saber o que diz mas porque diz e quais as suas intenções e propósitos (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011).

**Olhar sensorial:** O professor seleciona o local onde o livro pode ser lido: na sala, no pátio, no jardim.... O olhar sensorial consiste em explorar os sentidos que tanto podem ser estimulados pelas cores do livro, cheiro do papel, textura das páginas, como pode ser estimulado pelos elementos da natureza. No caso de o livro ser explorado em contexto natural, como por exemplo no jardim. No caso de o livro ser dinamizado na sala de aula, pode o professor ou a criança trazer material alusivo que permita explorar os sentidos em contexto de sala, como casca de árvore, terra, folhas, ramos, pinhas, caruma, etc. Pode ainda utilizar instrumentos, gravações de sons da natureza. É importante estimular os diferentes sentidos de modo a que a criança se conecte com o livro de forma multissensorial. “É necessário ter em conta que a leitura é um processo que envolve uma relação dinâmica entre o leitor, o texto e o contexto” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 8).

Achegas didáticas: a partir do livro “A árvore generosa” (Silverstein, 1964), é narrada a amizade entre um menino e uma árvore. A cada página é possível acompanhar a experiência sensorial com a experiência vivida pelo menino e pela árvore, seja através do toque na árvore, do cair das folhas ou das emoções e movimentos da personagem, por exemplo quando sobe à árvore. A história pode ser dinamizada a partir dos sentidos auditivo, por exemplo bater com troncos, escutar o som do bosque. Através do tato, tocando em casca de árvore e em terra. Através do sentido da visão, por exemplo pedindo que as crianças tragam fotografias de um dia junto da natureza ou de uma árvore que tenham no seu jardim ou junto à sua casa e que explorem os elementos visuais. A nível olfativo, cheirando as folhas e a terra. Se for possível levar as crianças ao contexto natural, num jardim junto à escola ou visitar um parque natural. Todos os sentidos serão estimulados e a história ganha uma outra dimensão.

**Olhar lúdico:** O jogo que nasce a partir da história ou o jogo que fará surgir a história. O livro é mote para brincar, seja antes ou depois da leitura. O professor pode recriar, adaptar, inventar um jogo que advenha da história. Pode ter como objetivo aprofundar determinado ponto do programa. O lúdico é associado ao livro com os objetivos que cada professor considerar mais pertinente para a sua intenção pedagógica.

Achegas didáticas: No livro a árvore generosa é possível realizar o seguinte jogo: divide-se a turma em duas partes: a uma metade são atribuídos nomes de árvores e à outra metade nomes de frutos. Todas as crianças terão a identificação da árvore ou do fruto num cartão. A um sinal, combinado com o grupo, por exemplo utilizando um

instrumento de madeira, as crianças devem procurar o par respetivo. Esta atividade pode ser realizada no pátio ou num jardim junto à escola.

**Olhar sensitivo:** O livro que desperta um sentido de cumplicidade para com as personagens e que se relacionam com uma situação de alguma criança ou da turma. O livro mergulha dentro da criança pela forte ligação. Os assuntos sérios podem ser falados através da história. Sejam assuntos de alegria, de tristeza, de perda, de separação. A sensibilidade é condutora neste olhar.

Achegas didáticas: Depende sempre do grupo de trabalho mas podem surgir temas de conversa: o que sente o menino? E a árvore? Já sentiste a mesma coisa? Tens algum amigo tão especial como a árvore da história?

A leitura como experiência pessoal, ligada ao campo afetivo, sobretudo no campo da leitura de textos literários, deve ser valorizada, tendo um lugar de destaque em contexto escolar, ao longo de todo o ensino básico pois é um forte pilar. (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011).

**Olhar mágico:** A magia existe nas histórias e pode ser transportada para o seu exterior através do ambiente que é criado. A meia-luz, o silêncio ou música selecionada para o efeito são fatores a ter em conta na ambiência criada pelo educador/professor ou pelas crianças, assim como o relaxamento antes de iniciar a história. Sentar ou deitar de forma confortável e imaginar o ar a entrar pelo nariz e a circular pelo corpo e a voltar a sair. A criança relaxa deixando as tensões de parte. A magia, a fantasia, a imaginação, o acreditar em algo que não se vê ou que não existe no “mundo real” é chave preciosa para as crianças entrarem no mundo da magia. A criança pode ser qualquer personagem, uma princesa, fada, bruxa ou árvore. Deve senti-la interiormente, como uma semente que cai no seu interior e vai crescendo. Essa magia pode ser transportada para a sala de aula através de “fórmulas mágicas”, (palavras secretas combinadas pela turma) e é fundamental manter os “olhos da imaginação” muito despertos para olhar a magia dia a dia, fora e dentro das histórias.

Achegas didáticas: Atividade de relaxamento: as crianças deitam-se no chão (em cima de uma manta ou colchão). É pedido que fechem os olhos. Coloca-se uma música de fundo com sons da natureza. Pede-se a cada criança que imagine que está numa floresta. Que inspire e que sinta o cheiro das árvores, da terra e que sinta o vento. Poderemos orientar o relaxamento dizendo “imagina que os pés são as raízes fortes e bem fixas ao chão”. O bosque/ floresta/ jardim pode existir dentro da sala como pura magia.

“A visão do mundo que o texto literário proporciona é, ao nível do imaginário, insuperável. A imaginação permite a conquista do real e intervém em processos complexos como o da elaboração da linguagem” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 16).

“As árvores alimentam-se de luz, diz a minha mãe. Devem comê-la toda, sofregamente, pois ao fim do dia já acabaram com ela. Fica tudo às escuras” (Cruz, 2013, p. 16).

**Olhar artístico:** O livro é mote para a expressão artística. No caso da expressão plástica: recriação de personagens através de fantoches, realização de cenários, desenhar/ pintar o que sente explorando diferentes materiais e técnicas promovendo a valorização estética e a criatividade. Na expressão dramática, dramatizar a história com os cenários realizados, fazer teatro de fantoches, dramatizar pequenas situações da história quer das personagens quer do contexto natural. Ser árvore, pássaro, rainha ou fada. Na expressão musical criar uma banda sonora para determinado momento da história, criar ritmos com instrumentos musicais. É importante criar relações entre o livro e as obras de arte, ou entre os trabalhos realizados pelas crianças e as obras de arte. Selecionar quadros que estejam relacionados com a história, apresentá-los, discuti-los, descobrir quem foi o artista que o realizou.

Achegas didáticas: Para além da literatura, procurar obras de arte onde se represente a árvore e a natureza, por exemplo: A árvore da vida, do artista austríaco Gustav Klimt (anexo I). Descobrir quem foi o artista. Pedir que cada criança pinte a sua árvore com materiais plásticos diversos: tintas, lápis pastel, aquarela, entre outros. Realizar uma exposição com as descobertas do quadro do artista Gustav Klimt e com todos os trabalhos das crianças. Convidar as outras turmas e as famílias a visitar a exposição.

**Olhar de escritor:** Criar um atelier de escrita criativa a partir da história. Pode ser a partir da ilustração, de uma frase, inventar um final diferente, continuar a história, criar uma nova personagem... a copa da árvore é o limite... E do mesmo modo que esta está em constante crescimento do mesmo modo desabrocham as ideias. Este olhar abre a possibilidade de trabalhar diferentes tipologias textuais, como o texto descritivo, a carta formal e informal, o texto narrativo, o texto dramático, o texto poético. Este olhar permite abordar a área de língua portuguesa de forma direta e indireta. Pode o professor selecionar uma parte da história para análise gramatical, para interpretação e compreensão. Com as histórias inventadas é possível criar um livro de turma com a compilação de todos os textos e destes surgem novas ilustrações. De seguida o novo

livro poderá ir para a biblioteca da turma. As crianças serão as autoras desde novo livro que habitará na biblioteca.

Achegas didáticas: Inventar uma história a partir das imagens. Ilustrar e fazer um livro com as ilustrações e com a(s) história(s). O trabalho pode ser coletivo ou individual.

“Desde que percebi que os animais gostam de histórias, passei a ler à janela. Apareceu uma andorinha. E ainda é Inverno” (Cruz, 2013, p. 118).

**Olhar de cientista:** “Caiu uma folha dum livro. Já é Outono” (Cruz, 2013, p. 80).

Histórias onde habita a ciência. O estudo dos animais, suas características, classes e habitats. As estações do ano e a noção temporal, medições, as plantas e os seus constituintes, a possibilidade de questionar cientificamente fenómenos naturais e realizar experiências são algumas das possibilidades que abrem caminho para a exploração científica a partir das histórias. Para além da área curricular de estudo do meio, este olhar leva-nos à matemática. O encadeamento dos problemas pode surgir da história. As personagens da história são levadas para o contexto problemático. Para além dos problemas, as histórias permitem abordar, as contagens, padrões, simetria, grandezas e um mundo de possibilidades que estará de acordo com a história selecionada.

Achegas didáticas: a partir do livro “A árvore generosa” é possível trabalhar os constituintes da planta, os tipos de solo, as estações do ano, as matérias-primas, realizar trabalho de metodologia de projeto, por exemplo descobrir de onde vem o papel. É possível criar situações matemáticas que partam do contexto do livro. O conceito de número utilizando a imagem das folhas que caem da árvore, assim como a ordenação, seriação e partir para os problemas a partir das ilustrações do livro.

“Se a Estética é a ciência que trata do belo e do sentimento que ele desperta em nós, teremos de ter em conta não só a génese do ato criador como o sentimento de prazer face à obra de arte” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 19).

**Olhar de filósofo:** A história que leva ao questionamento da vida, dos valores e que nos faz refletir nas atitudes, comportamentos, palavras. Pensar e elevar esses mesmos pensamentos no sentido de nos tornarmos seres humanos mais elevados interiormente. As atitudes de cidadania estão inerentes neste olhar, o silêncio, o esperar pela vez de falar, o ouvir o outro, o perceber como o outro pensa e se sente. O que posso mudar em” mim” para ajudar o outro que é igual a mim. A importância de olhar para as histórias de modo a semear uma educação pela paz.



Achegas didáticas: Conversar com as crianças sobre questões éticas. A importância de mantermos as florestas limpas. O respeito pela natureza. O que podemos fazer para sensibilizar a comunidade? Criar cartazes com slogans que alertem para a importância da preservação ambiental.

Em sala de aula deve-se recorrer a diferentes estratégias de modo a implicar os alunos no sentido simbólico e filosófico dos textos trabalhados (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011).

“Estive a ver uma planta começar a furar a terra...As plantas procuram a luz, como as traças e os filósofos” (Cruz, 2013, p. 35).

Todos estes olhares se entrecruzam, permitindo que as árvores floresçam e que cada criança possa dizer: “Ando pela rua e ninguém repara no jardim enorme que levo na minha cabeça” (Cruz, 2013, p. 18).

O Roteiro apresentado pretende contemplar uma série de diferentes olhares que permitem abordar o livro de diferentes perspetivas. Permitindo desse modo que o profissional de educação utilize o livro de forma livre e que nessa liberdade se encontre a multidisciplinariedade tendo presente os sentidos, a sensibilidade, a arte, a ciência, a filosofia, as relações humanas, o jogo e a brincadeira. É importante referir que a abordagem para a elaboração do roteiro não é estanque, permitindo assim todos os olhares que as crianças e o professor considerem adequados à sua realidade. O livro apresentado foi apenas um exemplo. Cada livro abre um novo mundo de potenciais formas de olhar.

“Para aquecer o corpo, o melhor é uma lareira. Mas, para aquecer a parte de dentro do corpo, o melhor é ler” (Cruz, 2013, p. 107).



## Capítulo II

### A Pesquisa - *As folhas*

*Caiu uma folha dum livro. Já é Outono*

**Afonso Cruz, 2013**

## METODOLOGIA

### 1. Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo)

O presente trabalho tem como ponto de partida a questão: “Como compreender o papel do professor na promoção do gosto de ler e na gestão da leitura como mediadora de aprendizagens?” Para tentar responder a esta questão será utilizada a metodologia descritiva qualitativa, onde irei proceder à interpretação e análise da realidade observada. A interpretação realizada será sustentada teoricamente como nos sugerem, Bogdan e Biklen (Bogdan & Biklen, 1994):

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal (...) ainda que alguns investigadores utilizem equipamento vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos e um lápis.

A pesquisa qualitativa é, algumas vezes, definida como pesquisa interpretativa. Todas as pesquisas exigem interpretações e, na realidade, o comportamento humano exige interpretações a cada minuto (Stake, 1999).

O Relatório Final incide numa investigação feita no campo das Ciências Humanas, observamos pessoas em contexto natural e por esse motivo, o paradigma qualitativo e interpretativo preserva a autenticidade do caráter humano desta investigação. Segundo os autores anteriormente citados “ A investigação qualitativa possui cinco características. Nem todos os estudos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência (...) trata-se de uma questão de grau” (Bogdan & Biklen, 1994) .

1. “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”.

O investigador recolhe os dados do contexto natural e que estes mesmos dados estão embrenhados no próprio contexto. Segundo Bogdan e Biklen “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto (...) as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas no ambiente habitual da ocorrência”.

**2. “A investigação qualitativa é descritiva”.**

Os dados recolhidos são através de palavra e imagens, não pretendendo a quantificação. Segundo os autores citados anteriormente, “Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa.

**3. “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados dos produtos”.** O investigador qualitativo interessa-se mais em saber a origem e o modo como determinada ação ocorre, do que propriamente o seu resultado último.

**4. “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”.**

O processo de análise de dados é “afunilado”, ou seja, começa com a recolha e não pretende confirmar hipóteses. A investigação começa por ser abstrata e só depois da análise de dados, da sua interpretação e fundamentação teórica é que se direciona para um estreitamento de significados cada vez mais concretos.

**5. “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”**

Na investigação qualitativa a vida humana é a essência. Ou seja, o investigador dá importância ao pensamento e aos sentimentos, como se constroem interiormente e como essa mesma construção se revela nas ações e comportamentos humanos.

Os aspetos enunciados nestes 5 tópicos, assim como o posicionamento paradigmático são a base metodológica do Relatório Final.

## **2. O Diário e a Entrevista como instrumentos de recolha de dados**

Este relatório de investigação tem como fonte direta a observação naturalista (ambiente natural). Os instrumentos de recolha de dados utilizados são o Diário e as Entrevistas, as quais são o ponto de partida para a fundamentação teórica com autores de referência que elucidem cientificamente o problema que é motor deste estudo.

Os “Instrumentos são ferramentas de investigar” (Sousa, 2009, p. 181) e a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos (Bogdan & Biklen, 1994, p. 90).

## 2.1. Diário

Na sala, contexto natural da unidade curricular de PES, o estagiário é sumamente investigador e professor. O Diário é composto por notas descritivas

São registos descritivos anotados no próprio momento e no campo de observação. Descrições escritas do que o observador vê, ouve, experimenta e pensa, durante o decorrer dos acontecimentos e da sua reflexão daquele momento. “ São usados nos sistemas narrativos, tratando-se essencialmente de retrospectivas escritas em que se regista a própria experiência vivencial ou se relatam acontecimentos e comportamentos observados.

(Sousa, 2009, p. 260)

O Diário tem como propósito retratar/descrever a realidade o mais detalhadamente possível e com o rigor exequível num contexto específico, no local de estágio – instituição - Instituto para o Desenvolvimento Educativo Integrado na Ação (IDEIA). Uma investigação interpretativa é uma investigação interativa concebida através de um processo contínuo de construção de significados. Estes surgem através da arrumação de indicadores (palavras, frases, padrões de comportamento, entre outros) que se destacam nas observações e que têm ligação com o problema enunciado (Esteves, 2008, p. 103). A investigação interpretativa encontra-se presente ao longo de toda a pesquisa e faz-nos questionar o significado da informação recolhida.

Permite uma compreensão gradual, uma reflexão progressiva sobre as configurações que vão emergindo em torno das questões de partida o que origina um movimento de vai e vem entre os novos dados que vão sendo coligidos e as posteriores interpretações dos mesmos.

(Esteves, 2008, p. 103)

O Diário é um instrumento reflexivo e de análise, onde o investigador regista, não apenas, as notas de campo, mas também as suas reflexões, como a receção do mundo que vê e ouve (Rodríguez, Flores, & Jiménez, 1999). O Diário é um instrumento para registo dos processos e procedimentos de uma investigação. Este instrumento é o local onde permanecem “com vida” os dados, os sentimentos e as experiências da investigação. O Diário demonstra uma visão diacrónica do percurso da investigação apresenta dados formais e informais (Vásquez & Angulo, 2003, p. 39).

A interpretação da investigação é realizada através de quatro procedimentos: condensação, categorização, estruturação da narrativa e construção de significados.

A condensação pretende sintetizar os significados essenciais contidos no instrumento metodológico - Diário. É uma análise realizada através de “unidades de significado natural, identificando, explicitando e relacionando os temas fundamentais que daí emergem.” Esta análise mantém-se fiel ao fenómeno, “dando primazia ao mundo experiencial, à abordagem descritiva e ao ponto de vista do respondente.” A categorização pretende organizar o texto em categorias. É um “processo de redução do texto que procura a identificação e codificação das unidades de análise presentes no texto.” A estruturação da narrativa é um “processo analítico dirigido para a organização temporal e social dos significados dispersos ao longo do texto”, onde o material em análise é tratado como uma narrativa formal. A construção de significados integra todos os dispositivos que acabam de ser enunciados, fazendo uso indiferenciado e livre das várias técnicas e abordagens. Os Diários são um relato descritivo de diferentes acontecimentos da realidade do Estágio e que são pertinentes para a investigação da problemática em estudo. Revelam informações fundamentais para refletir, questionar, teorizar e analisar o tema estudado (Esteves, 2008, pp. 104-105).

## 2.2. Entrevista

A realização de Entrevistas “constitui uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes na investigação naturalista, e consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio do telefone” (Afonso, 2005, p. 97). As Entrevistas podem ser distinguidas entre Entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas. Esta distinção deve-se às características do “dispositivo montado para registar a informação fornecida pelo entrevistado” (Afonso, 2005). O tipo de Entrevista realizado no presente trabalho é a Entrevista semiestruturada. É distinguida como tal por possuir as seguintes características: segundo o autor anteriormente citado, em geral são constituídas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semiestruturada. O guião deve ser construído a partir das questões de pesquisa. A Entrevista é organizada por objetivos, questões e itens ou tópicos. “A cada objetivo corresponde uma ou mais questões. A cada questão correspondem vários itens ou tópicos que serão utilizados na gestão do discurso do entrevistado em relação a cada pergunta” (Afonso, 2005, p. 99). Em termos gerais “as dificuldades na gestão de entrevistas resultam do eventual enviesamento resultante do entrevistador (atitude, comportamento, etnia, sexo, posição

social), podendo gerar respostas entendidas pelos entrevistados como socialmente desejáveis” (Afonso, 2005). Como tal é necessário obedecer a uma série de regras:

Em primeiro lugar, é indispensável estabelecer e garantir uma boa relação de confiança, empatia e segurança com o entrevistado, explicando claramente o objetivo da pesquisa e, quando for caso disso, explicitando as regras do anonimato e da confidencialidade em relação à sua identidade, (...) e em relação à informação recolhida. Durante a entrevista, é necessário saber ouvir, isto é, não interromper a linha de pensamento do entrevistado, aceitar as pausas, e, em geral, aceitar tudo o que é dito numa atitude de neutralidade atenta e empática.

(Afonso, 2005, p. 99)

Para o presente estudo é relevante referir diferentes estratégias a ter em consideração no decorrer da Entrevista de modo a clarificar as respostas:

- (1) Repetir o que o entrevistado disse, por outras palavras, para confirmar o sentido;
- (2) Pedir exemplos;
- (3) Solicitar que explique interpretações, causas ou objetivos;
- (4) Pedir clarificação de contradições;
- (5) Pedir a elaboração de diagramas ou desenhos, se necessário prever material de escrita para o efeito (Afonso, 2005).

A Entrevista qualitativa permite ao investigador recolher dados que visam compreender um determinado fenómeno e a sua relação com os sujeitos, os valores, as atitudes e as motivações das pessoas, resultando num discurso dos entrevistados que está cheio de referências ao tema que se pretende estudar, possibilitando posteriormente a sua interpretação.

A Entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134).

As questões deverão ser formuladas de modo a permitir que o sujeito discorra e verbalize os seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, de confiabilidades (Afonso, 2005).

Os dois guiões de Entrevista, para professores (anexo II) e alunos (anexo V), elaborados para a investigação em curso, têm como base a estrutura apresentada por dois investigadores (Afonso, 2005) e (Rodrigues, 2002). Ambos exigem que se componha um roteiro [guião] de tópicos selecionados. As questões seguem uma

formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente (Rosa & Arnoldi, 2006). Desse modo, os guiões estão organizados do seguinte modo: Identificação do entrevistado; Condições da realização da Entrevista; tema; destinatários; finalidades; objetivos; blocos temáticos; estratégia; Bloco A – Legitimação da entrevista; Bloco B – Motivação para a profissão; Bloco C – Princípios pedagógicos; Bloco D – O papel do livro e da leitura na sala de aula; Bloco E – O Roteiro como mediador de aprendizagens e o Bloco F que contempla as considerações finais.

O conhecimento construído através da interpretação dos dados não é conclusivo nem generalizável, sendo válido apenas naquele contexto e explicando apenas o que acontece naquele lugar e naquele tempo. Porém, é útil e importante, porque aumenta o conhecimento e a compreensão do investigador acerca do seu contexto de trabalho permitindo-lhe ainda comunicar as suas descobertas.

Em conclusão, uma investigação interpretativa consiste numa procura dos vários significados, selecionando as informações “pertinentes” neles contidos (Esteves, 2008). O posicionamento paradigmático utilizado é qualitativo e interpretativo, como tal os “instrumentos metodológicos”, utilizados para a recolha dos dados observados, (Entrevista e Diário) são de cariz naturalista. A metodologia utilizada neste relatório, através do rigor e dos instrumentos fundamentais de análise, procura que o educador/professor tenha um “pensamento reflexivo” sobre a temática em estudo. Esta atitude reflexiva perante o ensino é fundamental para melhorar a ação pedagógica. John Dewey (1859-1952), filósofo da educação, defendeu a importância do pensamento reflexivo e escreveu extensivamente sobre o papel da reflexão (Barroso, 2013). O pensamento crítico ou reflexivo tem implícita uma avaliação contínua de princípios e de hipóteses face a um conjunto de dados e de possíveis interpretações desses dados (Serrazina & Oliveira, 2002).

### **3. Descrição dos Procedimentos**

O presente trabalho está inserido na Área Científica de PES e instiga na Investigação em Educação e o Estágio. É pretendido a busca de uma atitude investigativa; A Observação para que posteriormente se possa realizar o Registo e de forma encadeada a esta sucessão de acontecimentos vem a atitude reflexiva que todo o Educador/Professor deve ter, de modo a que seja possível melhorar e evoluir na sua prática educativa. A

significância apura a escolha, no sentido de convocar os autores que nos fazem decodificar significados, sentidos, e orientações à nossa atitude reflexiva e investigadora.

Dentro de cada objetivo existem ramificações que tocam campos distintos, tais como: a perspectiva profissional, a perspectiva humana e social, a perspectiva coletiva e individual. A dimensão humana na profissão de educador/professor é unificadora. O Estágio, pertencente à Área Científica de PES e desse modo, esta Unidade Curricular bebe a Prática Pedagógica, pois é esta a sua fonte.

A investigação implica o questionar e o interrogar para melhor conhecer a realidade e promove o Respeito, a construção no entendimento sustentado (na reflexão, na partilha e nas fontes teóricas), na descoberta de alternativas significativas. A investigação aposta no investimento humano e no campo educativo potencia: a capacidade de agir e de produzir conhecimento potencia transformações e promove a capacidade de acreditar. Para investigar é necessário observar, selecionar, filtrar, criar redes.

A observação permite o conhecimento de fenómenos, ser sensível às reações das crianças, colocar problemas e verificar soluções, recolher objetivamente a informação, organizá-la e interpretá-la, situar-se criticamente face aos modelos existentes, realizar a síntese entre a teoria e a prática. Nesta U.C aprendemos também a utilizar diferentes instrumentos metodológicos importantes para registar os dados da observação, fundamentais para uma atitude reflexiva do educador/professor. Criar ciência a partir do comportamento humano é uma das principais tarefas do Investigador Qualitativo.

O período da investigação iniciou-se em novembro e terminou em março do presente ano. Os Diários (Anexo VII) foram realizados nos contextos de sala de aula. Após a leitura dos Diários realizados foram selecionados 10 para a análise de dados do Relatório Final. As Entrevistas (Anexo III e IV) foram realizadas após o período de Estágio de modo a aprofundar a investigação. Os professores entrevistados foram previamente contactados de modo a esclarecer as intenções da entrevista e a importância do seu contributo para o estudo em questão. É indispensável, que haja um contato inicial entre o entrevistado e o entrevistador, fora do contexto da Entrevista, de modo a que ambos adquiram afinidade e confiabilidade“ (Rosa & Arnoldi, 2006).

Após diálogo acerca dos objetivos da Entrevista, foram marcadas datas, horas e locais para a realização das mesmas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Em relação às Entrevistas realizadas pelas crianças (Anexo VI), foi pedido à direção da Escola a autorização necessária para a realização das Entrevistas, carecendo sempre de

confidencialidade. De seguida foi combinado com a professora da turma o dia e hora disponível para a realização da Entrevista. Selecionei aleatoriamente quatro crianças que no momento combinado com a professora estariam mais disponíveis para sair da sala. As crianças estiveram sempre no contexto escolar. Pedi a cada criança que fosse à biblioteca da sala e seleccionasse o livro preferido. De seguida dirigimo-nos para a ludobiblioteca da instituição e nesse local, rodeadas de livros, as crianças respondiam a um guião previamente preparado (anexo V). Todas as Entrevistas foram gravadas em ficheiro áudio com a autorização prévia de todos os entrevistados. Durante a realização das Entrevistas, os entrevistados apresentaram um comportamento descontraído. É de realçar que as crianças demonstraram mais “descontração” do que os adultos mas ambos expressaram as suas opiniões de forma livre e aberta.

Após a realização das Entrevistas, foi necessário ouvir os ficheiros áudio de modo a transcrever de forma literal as entrevistas efetuadas. A transcrição das entrevistas é uma tarefa árdua mas necessária para a elaboração correta dos procedimentos. As transcrições devem ser o mais completo e fiel possível de modo a que a análise tenha a mais alta qualidade, tal implica a audição das entrevistas tantas vezes quanto necessário pois todos os factos são muito importantes (Rosa & Arnoldi, 2006).

“O interacionismo interpretativo tenta tornar os significados que circulam no mundo das experiências acessíveis para o leitor. Ele tenta capturar e representar as vozes, as emoções das pessoas estudadas” (Stake, 1999).

São estas vozes e estas emoções que me levam a questionar o papel do Professor e da sua prática que tanto influenciam o contexto educativo.



#### 4. Implementação – cronograma – PES

<b>Etapas</b>	<b>Tempo</b>	<b>Novembro/Dezembro</b>	<b>Janeiro</b>	<b>Fevereiro</b>	<b>Março</b>	<b>Abril</b>	<b>Maio</b>	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>
<b>Estágio em 1º Ciclo</b>		Conhecimento da instituição de estágio e do meio envolvente Observação e interação com as crianças Início do Diário	Elaboração de sínteses reflexivas semanais (Caderno de estágio)	Elaboração de sínteses reflexivas semanais Continuação da elaboração da fundamentação					
<b>Orientação tutorial</b>						Acompanhamento personalizado e em grupo da investigação e do Relatório Final – O.T	Continuação da elaboração da fundamentação teórica – O.T	Revisão do relatório final – O.T	Entrega do Relatório Final
<b>Trabalho de investigação/elaboração do relatório final</b>		Pesquisa e conhecimento de investigadores teóricos Análise e caracterização das idades de 7 e 8 anos		Elaboração do problema (primeira abordagem e dúvidas)	Definição do final do problema		Realização de Entrevistas: Pesquisa dos conceitos das palavras-chave Explicitação do posicionamento paradigmático qualitativo-interpretativo Definição da metodologia Categorização dos instrumentos de investigação: Entrevista e Diário.	Análise de Dados.	Considerações finais

Nota: Unidade Curricular de Investigação em Educação – lecionada pelas professoras Teresa Brito e Deolinda Botelho no ano letivo 2011-2012.

## Capítulo III

### Análise de Dados – *As flores e os frutos*

*Estive a ver uma planta começar a furar a  
terra...As plantas procuram a luz, como as traças e  
os filósofos*

**Afonso Cruz, 2013**

A análise de dados parte dos instrumentos que selecionei para o Relatório Final, o Diário e a Entrevista. O investigador trabalha começando no terreno, de seguida segue-se a apreciação aprofundada do material recolhido para posteriormente se construírem conceitos que se articularão com a teoria (Guerra, 2006).

“A análise de dados consiste em tratar os dados para inferir as conclusões” e “depois de recolhidos os resultados brutos com os diferentes instrumentos, nas diferentes observações, há a necessidade de se proceder ao seu estudo para se poder chegar a inferências” (Sousa, 2009, p. 291).

É necessário categorizar os dados. Categorizar os dados permite a identificação das unidades pertinentes que influenciam o estudo (Guerra, 2006). “A categorização tem como objetivo fornecer, por condensação uma representação simplificada dos dados brutos” (Sousa, 2009, p. 276). Um sistema de categorias deve possuir duas características fundamentais (Neto, 1997, citado em Sousa 2009):

1 – Um conjunto de duas ou mais categorias significativas para o problema em estudo – que decorrem normalmente das questões investigativas, das hipóteses, conceitos-chave ou temas importantes.

2 – Um conjunto de regras ou normas para associar os fenómenos estudados às várias categorias”.

Ainda segundo este autor, “a atividade da categorização implica, entre outras, as seguintes tarefas:

- A decomposição do texto original em unidades de significado;
- A numeração dessas mesmas unidades;
- A classificação das unidades de significado em função do sistema de categorias estabelecido.”

Assim sendo, após leitura dos Diários e das entrevistas realizadas, encontrei como indicadores, o modo como o professor organiza a sala e os diferentes tempos, de modo a promover a formação de leitores, o gosto que as crianças demonstram pela leitura, e o livro como mediador de aprendizagens.

Desse modo, categorizei os meus dados do seguinte modo:

- **CATEGORIA A: O papel do professor na promoção do livro e da leitura. Diário n.ºs. 1, 2, 4 e 8. Entrevista Professora Lúcia, entrevista Professora Ana e entrevista crianças.**
- **CATEGORIA B: A leitura realizada por gosto. Diário n.º 16 e n.º 3 entrevista crianças e entrevista da Professora Ana**
- **CATEGORIA C: O Roteiro como mediador de aprendizagens. Diário n.º 11, 14, 15 e 17, entrevista Professora Lúcia e entrevista Professora Ana.**

As categorias apresentadas procuram dar resposta aos objetivos do Relatório Final, identificar e repensar a importância da leitura na sala de aula, compreender o livro como um roteiro de mediação de aprendizagens nas diferentes áreas curriculares e não curriculares e refletir no papel do professor enquanto mediador/animador/promotor da leitura. Os objetivos vão ao encontro das questões deste relatório onde se pretende de forma transversal compreender o gosto pela leitura na expressão oral da criança e de que modo a reflexão da literatura, através do livro, se poderá tornar um roteiro de aprendizagens.

Para dar resposta aos objetivos e às questões de investigação foram formadas três categorias: a categoria A: O papel do professor na promoção do livro e da leitura. Esta categoria pretende analisar o modo como o professor organiza o espaço e o tempo de modo a promover o livro e a leitura na sala de aula. A categoria B: A leitura realizada por gosto. Nesta categoria é analisada a expressão das crianças e a forma como manifestam o gosto pelo livro e pela leitura. E na categoria C: O roteiro como mediador de aprendizagens é analisado a potencialidade do livro na sala de aula de modo a mediar aprendizagens.

A organização das três categorias mencionadas tem a ordem apresentada propositadamente: Na categoria A, a organização do tempo e do espaço para receber o livro e a leitura na sala de aula; na categoria B é analisada a perspetiva dos alunos, em relação ao tempo e ao espaço e como demonstram as crianças o gosto pela leitura; Na categoria C é analisado o trabalho mediado pelo professor e pela turma tendo como

ponto de partida o livro e realizando através deste um roteiro. O roteiro torna-se um mediador de aprendizagens. O livro e a leitura são parte integrante do processo de aprendizagem.

## **Significado(s)**

### **1. CATEGORIA A: O papel do professor na promoção do livro e da leitura.**

Ao entrar para a escola o professor tem a importante tarefa de dar o seu contributo para ajudar a criança a construir o seu projeto pessoal de leitor. A criança deve sentir-se motivada para continuar a ler depois de já o saber fazer. Por esse motivo, é preciso, por um lado, criar um ambiente pedagógico rico em escrita e, por outro lado, ouvir ler muito e contactar com diferentes tipos de suportes, especialmente com livros. É essencial tornar a sala de aula num contexto promotor de leitura (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011). A sala deve conter materiais de escrita e de leitura variados, o professor deve criar rotinas diárias de leitura recreativa, as crianças devem ver e ouvir os adultos a ler materiais diversos para fins específicos, que seja criado um ambiente cúmplice e que as crianças conversem sobre o que ouviram ler (Sim- Sim, 2009).

O papel do professor é fundamental na promoção da leitura. Esta categoria pretende olhar para o papel do professor de modo a perceber como é promovida a leitura na sala de aula. É importante compreender o papel do livro na sala de aula e como é que este chega até à sala.

Na entrevista realizada à Professora Ana é dada uma perspetiva relativamente ao papel do livro na Sala de Aula.

O livro pode ter várias funções. Pode surgir como um momento mais descontraído e de apenas contato com a leitura e fomentar o gosto pela leitura e ouvir histórias ou pode surgir como um elemento para futuras aprendizagens. Ser norteador daquilo que vamos trabalhar, quer na área da matemática, quer no estudo do meio, quer na língua portuguesa. Pode surgir nessas duas funções, depende depois do objetivo que a aula tiver.

(Entrevista Professora Ana - 19/5/2013)

O livro surge em duas funções distintas, o de leitura por gosto por um lado e por outro como norteador de aprendizagens. O professor como contador de histórias desempenha um papel duplo, por um lado o de entreter, por outro o de divertir

instruindo, interligando assim o prazer ao conhecimento, principio este fundamental para a prática de uma boa pedagogia (Albuquerque, 2000).

No projeto “Como fazer um Projeto de Promoção da Leitura” (Prole, 2008) realizado para a Casa da Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian, defende no seu enquadramento teórico:

O processo de aprendizagem leitora e, conseqüentemente, a formação de um leitor, é uma tarefa complexa e que exige a criação de hábitos de leitura como condição fundamental (...) A leitura literária, a leitura de histórias, é um instrumento privilegiado para a criação de hábitos de leitura e, simultaneamente, um precioso auxiliar para o desenvolvimento da compreensão leitora.

(Prole, 2008, p. 1)

Tendo em conta esta perspetiva de Prole, a caracterização do programa de português do 1º ciclo, homologado em 2012, vem reforçar esta mesma ideia e relativamente aos dois primeiros anos de ensino (1º e 2º ano) é defendido o seguinte: “O convívio frequente com textos literários adequados à faixa etária dos alunos assume uma importância fundamental neste ciclo, tal como a descoberta de diversas modalidades de texto, escritos e multimodais (Reis, et al., 2009, pp. 22-23). É fundamental trabalhar em sala diversas modalidades de texto. No próximo Diário o texto poético é mote para a promoção da leitura de poesia em sala de aula.

A poesia foi o mote. Acompanhada pelo livro “*As Fadas Verdes*” e pelo quadro “*A árvore da vida*” de Gustav Klimt. Foi pedido que as crianças fizessem um acróstico a partir da palavra árvore. O texto poético gera-se normalmente em redor de uma emoção, sentimento, ideal... neste caso seria em redor da árvore. O mesmo tema pode ser abordado de maneiras diferentes: a poesia e a pintura – ambos trabalhando o tema “Árvore”.

Diário nº 8 (15/1/2013)

Os jogos poéticos fazem mais parte do processo do que do fim em si (Guedes, 2000). O livro “*As Fadas Verdes*” surge como mote. Poesia que gera escrita. O jogo de palavras permitiu a realização de acrósticos com a palavra árvore. “A leitura alimenta-se de outras leituras” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 13). As diferentes experiências de leitura, com fins e em contextos diversificados, possibilitam o desenvolvimento da velocidade e da fluência imprescindíveis à sua formação enquanto leitores, num trabalho diário com materiais de natureza e objetivos variados” (Reis, et al., 2009, pp. 22-23).

O livro habita a sala de aula de forma variada e segundo esta perspectiva, Bastos defende:

É indiscutível a importância que atualmente se atribui à questão da leitura. Se o contexto social e cultural dos nossos dias se revela particularmente aberto às mais diferentes formas de comunicação, também é verdade que a leitura se assume igualmente como uma prioridade educativa.

(Bastos, 1999, p. 283)

No Diário de dia 4 de dezembro a autora do livro “História da pequena estrela” foi à escola.

É o dia de vir à escola a autora do livro que tem sido trabalhado em sala de aula “A História da Pequena Estrela”. Para tal é necessário afinar os últimos pormenores: quem faz as perguntas pré estabelecidas, quem entrega a caixa com as prendas... todas as crianças colocaram a mão no ar a professora explicou que quem lê as perguntas não pode dar a caixa. Não é justo uma criança ter duas tarefas e outras não terem nenhuma. A distribuição de tarefas continuou de forma tranquila.

Diário nº 4 (4/12/2013)

O encontro com um escritor requer uma preparação cuidada. Para que os alunos se envolvam é necessário conhecer, pelo menos, uma das obras do escritor e tenham preparado uma entrevista (Magalhães, Alçada, Maximino, & Cabral, 1998). Para além destes preparativos, as crianças enfeitaram uma caixa e fizeram uma caneta para oferecer à autora. O Diário nº 4 dá conta da distribuição de tarefas para a receção da autora. A vivência é forte e todos querem participar ao máximo.

A promoção da leitura assenta, assim, em três pilares que se inter-relacionam entre si: hábitos de leitura, competência leitora e leitura literária e que determinam toda a sua arquitetura: público-alvo, tipologia e metodologia, e que a distingue de outras formas de abordagem do livro e da leitura.

(Prole, 2008, p. 2)

Para existir promoção da leitura é necessário a existência de livros. É importante perceber como chegam os livros à sala de aula. **Como chega o livro à Sala de Aula? O que pensa do Plano Nacional de Leitura (PNL)?**

Eu acho que todos os livros são possíveis de trabalhar em todas as idades. Obviamente que alguns livros são mais complexos que outros. (...) Se eu sigo a lista do PNL? Não. Porque acho que é uma orientação e como eu tenho o hábito de comprar livros novos, e de lhes trazer, acho que não tem de ser de uma lista de livros que está feita porque o livro não é só a história em si, o livro tem outras coisas. Tem a ilustração, tem a própria mensagem e há livros que estão recomendados para o segundo ano e eu já os trabalhei o ano passado (primeiro ano), há livros que nem sequer aparecem no PNL e que

são muito bons e que também têm de ser trabalhados. O último livro que lhes li foi “O segredo do rio” de Miguel Sousa Tavares, este livro está recomendado para o quarto ano mas eles perceberam perfeitamente a história, portanto foi feita a leitura, por mim, na sala, fomos lendo parte a parte. (...) E, na minha opinião, qualquer pessoa que entre naquela sala e lhes pergunte qual é a mensagem que o livro quer passar, eles sabem responder. Daí eu achar que sim, devemos consultar a lista e saber o que é suposto mas não precisamos de a seguir à risca. Há mais coisas para além da lista do PNL.

(Entrevista Professora Lúcia – 19/5/ 2013)

Através da resposta da Professora Lúcia é visível que o livro chega à sala de diferentes maneiras, em primeiro lugar a professora gosta de comprar livros “eu tenho o hábito de comprar livros novos, e de lhes trazer”, para além disso a professora assume que consulta o PNL mas que não o segue à risca. “Devemos consultar a lista e saber o que é suposto mas não precisamos de a seguir à risca. Há mais coisas para além da lista do PNL”.

Existem outras formas do livro chegar à sala, a Professora Ana refere: “O livro pode chegar através dos alunos, através dos momentos ‘ler, contar e mostrar’ ou por vezes mesmo sem ser neste momento eles trazem livros que leem ou me pedem para ler (...) mas também pode chegar por mim “, (Entrevista Professora Ana – 19/5/213).

Os livros chegam à sala através de momentos específicos, a professora Lúcia esclarece esta questão com a resposta:

**Como organiza e gere a sala de aula de modo a promover o desenvolvimento do gosto pela leitura?**

Começa à segunda-feira, têm aqueles 30 a 45 minutos para lerem à vontade, e aí sim é o verdadeiro gosto pela leitura. Leem o que querem. Há meninos que andam há semanas a ler o mesmo livro, outros começam na sala, depois levam para casa, acabam e trazem outro. Há meninos que não trazem e que leem os livros da biblioteca da sala, os quais já conhecem a história e este acho mesmo que é o momento crucial para promover o gosto pela leitura.

(Entrevista Professora Lúcia- 19/5/2013)

Na sala da Professora Lúcia a semana começa com um bloco de 45 minutos onde as crianças escolhem o seu livro e o leem de forma livre. As crianças que não trazem livro de casa, têm sempre a hipótese de ir à biblioteca da sala e realizar a sua leitura individual de forma livre. A promoção da leitura está a ser realizada pela prática da Professora Lúcia num primeiro ponto através da autonomia e liberdade pessoal que é dada a cada aluno, e num segundo ponto, respeitando o ritmo próprio de cada um, dando espaço ao amadurecimento da criança (Bastos, 1999).

Depois, todo o trabalho que é feito ao longo da semana, de lhes ser lida uma história uma vez por semana, ou mais, depende do tipo de história que estamos a trabalhar. Normalmente uma vez por semana leio uma história, e acho que é a partir daí... o oferecer livros, o recomendar nas férias que eles leiam um livro, o motivar da leitura com os pais. Esses pequenos momentos são fundamentais. E aqui os pais têm um papel muito importante. Quase todos eles ouvem uma história ao deitar. É muito importante este momento.

(Entrevista à Professora Lúcia – 19/5/2013)

Existe toda uma dinâmica pedagógica que implica a presença do livro e da leitura na sala de aula: Momentos próprios como o “Momento de Leitura”, o “Ler, contar e mostrar”, a história ou as histórias que são contadas semanalmente, a oferta de livros e ainda a leitura além portas como o caso da recomendação de livros, a motivação da leitura com as famílias. O programa de português vem reforçar a ideia da necessidade

Das diferentes experiências de leitura, com fins e em contextos diversificados, possibilitam o desenvolvimento da velocidade e da fluência imprescindíveis à sua formação enquanto leitores, num trabalho diário com materiais de natureza e objetivos variados.

(Reis, et al., 2009, pp. 22-23)

À pergunta **Lês em casa?** As crianças responderam:

Tomás – Leio.

Maria – Sim. Ainda na sexta-feira pedi ao pai para comprar aquele livro da “Sereiazinha”. Gosto muito deste livro. É a continuação de outro. Agora “a bruxa tinha morrido e depois a sereia casou-se e ficou com pés e com voz.

Cristiana - Sim. Costumo quando vou dormir. Em casa do meu pai eu tenho uma cómoda cheia de livros para ler (...)

Catarina – Muitos! E já li um livro inteiro com 337 páginas. Era um do Gerónimo Stilton.

(Entrevista às crianças – 24/5/2013)

As crianças leem dentro e fora da sala. Tal significa que estão motivadas para a leitura.

Dentro da sala a rotina organiza-se através de diferentes momentos. O Momento de Leitura que se realiza à segunda-feira de manhã. O facto de trazerem o livro de casa cria um elo extremamente significativo: a escola e a casa não estão separadas. Pelo contrário, este momento de leitura permite criar pontes onde o mesmo livro pode ser lido em espaços diferentes. “Só com o contacto permanente do aluno com textos que alimentem e potenciem as suas capacidades será possível construir uma consciência metalinguística e metaliterária, indispensável a uma mais ampla fruição estética” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 16). As crianças entrevistadas referiram todas que



leem em casa e que os pais oferecem livros e que têm espaços em casa destinados a livros. Neste sentido o papel da escola aliado ao papel da família é um potencial para a promoção da leitura. É importante motivarmos as crianças para a leitura mas ainda é melhor se mostramos que também somos leitores (Bastos, 1999).

O registo das leituras realizadas permite ajudar a criar memória do processo evolutivo. Quando começa e termina o livro... quantas páginas tem o livro. Se a leitura de algum livro é repetida. O conhecimento assenta na memória e um dos elementos mais importantes na aprendizagem reside na construção de imagens mentais e de esquemas que vão integrando e consolidando os conhecimentos adquiridos. Esta memória permite que a criança vá constituindo a sua identidade pessoal e social, ajudando a fortalecer uma memória cultural. O trabalho da memória consolida-se ainda através da realização de registos que permitem ao aluno-leitor construir o seu percurso pessoal neste domínio: no Programa aconselha-se, por isso, a organização de diários, cadernos de leitura ou outro tipo de registos sobre as leituras que vão sendo realizadas (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011).

As crianças estão em silêncio. Algumas mudam de livro várias vezes durante os 40 minutos, o que significa que procuram essencialmente imagens e poucas frases. Outras porém, leem o mesmo livro durante os 40 minutos, e no final do tempo colocam o marcador na página em que ficaram para posteriormente continuarem a sua leitura.

Diário nº 1 (26/11/2012)

É interessante como os diferentes ritmos de aprendizagem se manifestam na seleção dos livros. Algumas crianças procuram essencialmente livros com frases curtas e muitas ilustrações, outras porém selecionam livros com um maior número de páginas e com pouca ilustração.

Aos 7/8 anos, a criança gosta de manipular os livros, ver as suas imagens com atenção, tentar descodificar as frases escritas. Tudo isto fá-lo valorizar mais a história escrita e lida, (...) ao mesmo tempo que descobre que o livro tem potencialidades de observação, definição e classificação, essenciais para a compreensão das complexidades da realidade. As crianças parecem compreender que nos livros as palavras, as imagens e as coisas são equivalentes e certamente o mundo e o imaginário também podem ser representados conjuntamente por palavras e imagens.

(Albuquerque, 2000, p. 107)

O momento “Ler, contar e mostrar” é um tempo onde as crianças apresentam o que quiserem. Podem ler uma parte de um livro, ou livro inteiro se for pequeno, podem

apresentar um texto do caderno de escrita livre, caderno do cinzentinho que é o hamster da turma, desenhos, histórias criadas por eles. É um tempo de partilha.

É interessante no final de cada apresentação duas crianças comentarem a apresentação realizada. Para além da opinião em relação ao conteúdo mostrado, as crianças comentam a postura dos colegas em relação à leitura, ao tom de voz. São verdadeiros comentadores uns dos outros.

O próximo Diário demonstra como decorre a rotina “Ler, contar e mostrar”.

O dia começa com partilha de apresentações. A **Bianca** (8 anos e 10 meses) foi a primeira, trouxe o livro “Marley um Natal desastrado”. A leitura foi realizada em frente ao quadro. No final duas crianças comentam a prestação da colega, dando mesmo pistas em relação à leitura, postura... De seguida o **Salvador** (7 anos e 7 meses) apresenta um texto escrito por ele. Pega no seu caderno de escrita livre e lê um texto sobre o seu pai. O caderno de escrita livre, como nome indica, é um caderno que anda sempre com a criança casa-escola e onde a criança é livre de escrever o que quiser. Uma vez por semana a professora leva todos os cadernos para casa para ler, corrigir e dar algum conselho que seja necessário. O **Tiago** (7 anos e 4 meses) lê o caderno do Cinzentinho. Lê com o caderno em frente à cara e a professora dá a indicação que deve ler novamente com o caderno para baixo. A professora pede às crianças para me explicarem como e porquê surgiu aquele caderno: todos os fins-de-semana o Cinzentinho que é o hamster da turma vai para casa de uma criança da turma e esse caderno serve para registar/fazer um texto para ler à turma.

Diário nº 2 (27/11/2013)

Na sala de aula, para além dos momentos próprios que são organizados, é importante o espaço. Observemos a pergunta realizada ao Tiago no decorrer da entrevista:

**Quando estás na sala de aula qual o teu local preferido?**

Tiago – “É na biblioteca porque é o sítio onde estou mais confortável na sala. Tem as almofadas, tem mais livros para nós lermos.”

A resposta do Tiago demonstra que a biblioteca ocupa um lugar de destaque na Sala de aula. É um lugar confortável, com o aconchego das almofadas. Mas para além do abrigo que esta área oferece, é o livro que ganha ênfase com a expressão “tem mais livros para lermos”. A resposta da aluna Catarina vem reforçar esta mesma ideia: “É a biblioteca porque tem lá muitos livros que eu posso ler.” Na sala de aula é importante criar um espaço organizado, confortável, acolhedor, com almofadas coloridas, tapete, cadeiras diferentes das carteiras. E seleccionar livros diversificados, propícios à idade. (Sim-Sim, 2009) onde exista um canto de leitura acolhedor que permita ler

informalmente na sala de aula e tenha como finalidade tornar a leitura uma atividade apetecível e descontraída (Santana, 1998).

A promoção do livro e da leitura na sala de aula para além de pedir uma organização do espaço e do tempo leva a questões mais profundas ao nível da prática pedagógica. A dinâmica de um canto de leitura ou área da biblioteca pressupõe uma conceção de organização do espaço que envolve a dinâmica de todo o trabalho escolar. Esta organização permite o crescimento de crianças autónomas e promove a diferenciação pedagógica (Santana, 1998). A promoção da leitura não existe por si só aquando a criação de um espaço de leitura. É necessário ir ao fundo das raízes para compreender os princípios pedagógicos inerentes à prática. A entrevista realizada à professora Lúcia foca estas questões:

**Que princípios pedagógicos orientam a sua prática? E porquê?**

Quando eu estive na faculdade os princípios pedagógicos que mais me foram transmitidos foram os princípios pedagógicos do Movimento Escola Moderna. Portanto, acima de tudo, a participação democrática dos alunos na sala de aula. E eu tento todos os dias que eles se sintam parte do processo.

(Entrevista Professora Lúcia – 19/5/2013)

A prática adotada é fator preponderante para a promoção do livro e da leitura na sala de aula. De seguida foi perguntado como é que esses mesmos princípios são colocados em prática.

**Como coloca esses princípios em prática?**

O conselho, o momento das oficinas em que os alunos trabalham autonomamente, portanto eles planificam no início da semana o que pretendem fazer nos três momentos de oficinas: no português, matemática e estudo do meio e no final da semana há uma troca de cadernos entre eles. Eles avaliam primeiro a sua semana e depois trocam com o colega para ele avaliar e ter uma perspetiva de como trabalhou e também são avaliados por mim. A evolução não é momentânea, eles não vão melhorar de uma semana para a outra, mas aos poucos vão interiorizando o que têm de fazer e isso ajuda-os a serem melhores.

(Entrevista Professora Lúcia – 19/5/2013))

A autonomia, da valorização da criança, a criança no centro da aprendizagem estão presentes na prática adotada na sala onde realizei o estágio. A questão da autonomia referida pela Professora Lúcia explica que “o funcionamento efetivo de um canto de leitura pressupõe, de facto, uma conceção de organização do espaço e do trabalho escolar que permita a autonomia e a diferenciação do trabalho” (Santana, 1998, p. 15).

Deste modo a promoção da leitura na sala de aula não se prende apenas à organização da área da biblioteca ou canto da leitura mas a uma prática que é planeada e mediada entre o professor, a criança e as famílias. O professor que promove diariamente este contato está a contribuir para a formação de leitores. Na entrevista realizada a quatro crianças da turma de estágio todas responderam que gostam de ler.

Estamos a falar de crianças com 7 e 8 anos que evidenciam grande motivação para a leitura e onde a presença do livro está presente tanto na escola como em casa. Um ambiente social propício aliado ao facto de estarem rodeadas de adultos que gostam do livro e da leitura desempenha um papel fundamental na formação de hábitos de leitura (Bastos, 1999). Cabe a nós adultos que afirmamos «gostar de ler», e que pretendemos partilhar esse amor continuar esta nobre missão (Pennac, 1993).

O papel do professor é fundamental mas como expressam as crianças o gosto pela leitura? A próxima categoria procura analisar o que dizem as crianças sobre a organização do tempo, do espaço e o que pensam e sentem em relação ao livro e à leitura.

## **2. CATEGORIA B: A leitura realizada por gosto**

Esta categoria procura analisar como expressam as crianças o seu gosto pela leitura e como a vivem na sala de aula.

“A toda a leitura preside, por mais inibida que seja, o prazer de ler, e, pela sua própria natureza - este prazer dos alquimistas – o prazer de ler não receia qualquer imagem” (Pennac, 1993, p. 41).

O programa de Língua Portuguesa define como objetivo de leitura para o 1º e 2º anos: “Ler com clareza textos variados com extensão e vocabulário adequados; Compreender o essencial dos textos lidos; Ler textos variados com fins recreativos” (Reis, et al., 2009, p. 26). Neste sentido e reforçando os objetivos delineados, a semana começa com o Momento de Leitura. É importante interpretar o que dizem as crianças sobre este momento.

### **O que pensas do Momento de leitura?**

Tiago – Vou sempre buscar este livro, às vezes não mas às vezes vou buscar. Podemos praticar a nossa leitura. Lemos para nós. Nós podemos ler o que nós quisermos da biblioteca ou de casa.

Maria – À segunda-feira. Penso que é bom ler porque aprendemos a ler melhor, mais rápido e a respeitar os sinais de pontuação e aprendemos mais coisas que não sabemos e muitas aventuras nos livros.

Cristiana- É muito bom porque eu leio sempre as minhas histórias preferidas que não tenho em casa e que eu gosto mais. Vou buscar os livros à biblioteca da sala.

Catarina – Acho que é muito giro porque podemos escolher o livro que quisermos e depois podemos lê-lo.

(Entrevista das crianças – 24/5/2013)

O aluno Tiago refere que “lemos para nós”, podemos” ler o que nós quisermos” a Cristiana refere que é muito bom porque pode ler as suas histórias favoritas. As crianças apreciam este momento como sendo deles. Também é de referir que as crianças têm uma postura crítica em relação a este processo “Penso que é bom ler porque aprendemos a ler melhor, mais rápido e a respeitar os sinais de pontuação e aprendemos mais coisas que não sabemos e muitas aventuras nos livros. Também é de realçar o facto de poderem escolher livremente o que querem ler.

(...) Parece mais natural associar a leitura por prazer e divertimento ao texto literário, visto que a intriga ficcionada ou a exploração lúdica dos sons das palavras a tal o parecem instigar. De um modo sensato, no referido Programa do 1º ciclo, relaciona-se a prática de leitura por prazer e divertimento com atividades desenvolvidas em biblioteca (de turma, de escola, municipais, itinerantes). São esse prazer e esse divertimento proporcionados pela ficção que, neste ciclo de ensino, preponderantemente, têm de guiar o trabalho dos diferentes animadores de leitura.

(Magalhães, 2006, p. 65)

No momento “Ler, contar e mostrar” as crianças realizam apresentações livres aos colegas. Tanto podem apresentar textos, histórias, desenhos. É livre. Existe gosto e divertimento neste momento. O Diário de dia 28 de fevereiro dá “voz” à opinião das crianças: O que apresentam e os comentários que se tecem após a apresentação.

No momento de “Ler, contar e mostrar” foram apresentar as suas seleções de textos três crianças. A **Maria** (7; 3) apresentou um texto sobre a sua madrinha no caderno de escrita livre, a **Rosa** (7; 5) apresentou um acróstico e um resumo da história “O lobo e o cordeirinho” e o **Ricardo** (7;7) apresentou o texto do caderno do cinzentinho.

Após a leitura duas crianças dão a sua opinião em relação ao que ouviram. Após a leitura da **Maria** a **Rosa** dá a seguinte opinião “Gostei do texto e de te ouvir ler”. E o RB diz: “Gostei deste texto. Estás a ler mais alto e já não colocas o caderno à frente da cara.”

Após a leitura da **Rosa** a **Bela** (7;1) diz que gostou de ouvir o acróstico e o **Ricardo** dá os parabéns à colega e diz para ela continuar assim.

O **Ricardo** relatou a ida do Cinzentinho à sua casa e realizou um desenho que também apresentou aos colegas. O **Tiago** (7;4) dá a sua opinião dizendo “ gosto do que escrevemos no caderno do cinzentinho. Podias pintar o

desenho e fazer textos maiores”. E a **Eduarda** (8;1) diz que gostou de ouvir mas que concorda com o **Tiago**.

(Diário nº 16 – 28/2/2012)

O Diário apresentado revela diferentes casos a ter em consideração: em primeiro lugar as crianças realizam apresentações livremente. Neste momento de dia 28 de fevereiro, um dos textos é sobre um elemento da família, texto este que foi escrito no caderno de escrita livre. (caderno onde as crianças escrevem o que querem). A importância da partilha e das emoções expressadas através da escrita. Por outro lado, a criança **Rosa** apresenta um acróstico. Neste caso a criança brinca com as palavras e tem gosto em partilhar com os colegas e esta mesma aluna apresenta o resumo da história “O lobo e o cordeirinho” o que significa que leu o texto e que o resumiu para apresentar aos colegas. O **Ricardo** apresenta um texto do caderno do cinzentinho, que é o hamster da turma e faz um desenho relacionado com esse mesmo texto. O diário apresentado revela uma panóplia de diferentes textos: texto livre, o acróstico, literatura tradicional e registo da ida do Cinzentinho (hamster da turma) à casa do aluno **Ricardo**. Para além da apresentação livre, a riqueza deste momento consiste também, nas opiniões que são dadas pelos colegas. A **Rosa** diz “Gostei do texto e de te ouvir ler”. E o **Ricardo** diz: “Gostei deste texto. Estás a ler mais alto e já não colocas o caderno à frente da cara.”

A **Bela** diz que gostou de ouvir o acróstico e o **Ricardo** dá os parabéns à colega e diz para ela continuar assim. O **Tiago** comenta a apresentação do colega **Ricardo** dizendo “ gosto do que escrevemos no caderno do cinzentinho. Podias pintar o desenho e fazer textos maiores”. E a **Eduarda** diz que gostou de ouvir mas que concorda com o **Tiago**.

Este momento é uma verdadeira partilha de leituras e de afeto entre os colegas da turma.

O “Ler, contar e mostrar” é um tempo de livre comunicação, de partilha de produções e troca de afetos e requer tempo, paciência e amor. Não há pedagogia da leitura que não passe e não seja também a pedagogia dos afetos. Se as crianças gostarem de ler, amarem ler, têm o requisito primeiro para se formarem enquanto leitoras e neste momento após inscrições dos alunos que se voluntariam para ler, uns para os outros, as suas respetivas produções nas diversas áreas curriculares, com principal destaque para os textos livres; de contar vivências que consideram relevantes e mostrar outros trabalhos elaborados por iniciativa dos próprios alunos e dos livros preferidos (Velooso & Riscado, 2002).

É importante analisar o que responderam as crianças à questão: **O que pensas do Momento ler, contar e mostrar?**

Tiago – Podemos partilhar as nossas escritas aos nossos colegas e eles assim podem saber o que é que nós pensamos na nossa imaginação, o que nós fizemos.

Maria – É a vontade de partilhar as coisas com os nossos colegas.

Cristiana – É muito giro porque nós vamos lá à frente lemos as histórias, os textos e os nossos colegas ficam a saber mais sobre o que é que nós fizemos e nas histórias o que nós imaginamos. E às vezes o que estamos a pensar.

Catarina- Acho que é muito giro porque posso ler o que escrevi e depois os outros podem dar a sua opinião. Também leio histórias.

(Entrevista às crianças – 24/5/2013)

As crianças sentem que este é um momento de partilha com os colegas e que desse modo consideram que os outros ficam a saber mais sobre eles, sobre as histórias que escrevem, o que imaginam e o que pensam. O gosto pela leitura pode ser partilhado: por exemplo, a confrontação entre hipóteses de leitura enriquece-se no diálogo cruzado, permitindo afinar, corrigir ou reorientar a leitura de cada um, através do diálogo com o texto (com as suas potencialidades, o que obriga a uma atenção à linguagem e à sua construção) e com os outros. Ler é, neste sentido, uma prática social pois para além da partilha as crianças aprendem umas com as outras (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011). As quatro crianças entrevistadas apreciam este momento.

O dia começa com o momento de “Ler, contar e mostrar”. O primeiro menino a ler tem uma fluência excelente na sua leitura. Depois de ler, dois colegas fazem comentários ou sugestões.

Diário nº 3 (29/11/2012)

O momento de ler, contar e mostrar é um tempo de partilha como referem as crianças na entrevista” é importante porque podemos partilhar as nossas escritas aos nossos colegas” diz o Tiago e “é a vontade de partilhar as coisas com os nossos colegas”, diz a Maria. A leitura oferece autonomia e liberdade para exercer a cidadania e participar de forma ativa na sociedade. A turma é uma micro- sociedade onde a criança se expressa enquanto ser individual e social (Bastos, 1999).

Em relação à questão **O que sentes quando lês?**

Tiago – O que eu sinto quando leio é que as imaginações das histórias vêm para dentro de mim para ter mais imaginação quando escrevo as histórias.

Maria- Muitas coisas, por exemplo sinto que estou dentro desse livro a fazer tudo.



Cristiana – Quando eu leio eu sinto que estou num mundo cheio de histórias onde posso ler tudo o que eu quiser. Sou a minha personagem preferida. Como na “caracóis dourados” eu sou a caracóis dourados.

Catarina – Sinto que entro numa história. Um dia eu li uma história e depois... ontem eu li uma história e depois eu sonhei que fui para o Japão de carro com a minha avó e depois fui para uma casa e depois voltamos para casa num jato.

(Entrevista das crianças – 24/5/2013)

As crianças gostam de ler porque “posso ser tudo o que quiser”, “estou dentro do livro a fazer tudo”, “Sinto que entro na história” e a história pode tornar-se um sonho e o sonho uma história.

A Professora Lúcia respondendo à questão: **Como expressam as crianças o gosto pela leitura?** Refere que o momento de leitura é um momento sagrado. Eles adoram. E então quando é criado aquele clima mais descontraído, sentado no chão, em cima da manta nas almofadas, alguns até se deitam para ouvir a história (...) as crianças mais “impacientes” que querem ver as imagens e se nós não mostramos as imagens como deve ser também se aborrecem mas mostram o gosto pela leitura a forma como eles tentam interagir na história, e como perguntam, a maneira como estão a ouvir, e a atenção que dão ao livro mostra também o gosto pela leitura. A resposta da Professora Ana levanta a questão do espaço confortável, descontraído, sentado no chão em cima de mantas e almofadas. A escola é um dos locais privilegiados para o contacto com o livro e dentro de uma turma nem todos têm o mesmo ritmo de leitura. O primeiro ciclo do ensino básico é o local eleito para a leitura recreativa possa ter lugar. Se os professores acreditam no papel importante do livro e da leitura devem então começar por encontrar momentos de leitura livre (Bastos, 1999) onde as crianças expressam de forma livre o seu gosto pela leitura. “A literatura oferece prazer no ato de ler, na medida em que promove um jogo intelectual que assenta nos pólos da realidade e da ficção” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011, p. 17).

Após a análise da Categoria A que refere o papel do professor na promoção do livro e da leitura e a categoria B que apresenta a leitura realizada por gosto, irei analisar a categoria C que pretende investigar o roteiro como mediador de aprendizagens. A categoria C é um ramo unificador da Categoria A e B na medida em que contempla o papel do professor na promoção do livro e da leitura e a leitura realizada por gosto. “Na verdade, se cultivarmos nas crianças, e desde tenra idade, o gosto e o prazer de ouvir



cantar e contar histórias, elas tornar-se-ão gradualmente fiéis amantes da leitura” (Vieira, 2009, p. 26).

### **3. CATEGORIA C: O Roteiro como mediador de aprendizagens**

A presente categoria procura analisar o roteiro nas diferentes áreas disciplinares de frequência obrigatória: Português, Matemática, Estudo do meio e Expressões artísticas e por áreas não disciplinares, nomeadamente a cidadania.

O livro ocupa um lugar central na sala de aula. A literatura é contemplada como área artística “ Não é possível elaborar aqui uma lista completa, mas uma lista indicativa poderá incluir as artes performativas (dança, teatro, música, etc.), literatura e poesia, artes decorativas, design, arte digital, narração oral, património, artes visuais e filme, média e fotografia.” (Roteiro para a Educação Artística, 2006, p. 11). Portanto, falar de roteiro significa falar de uma prática que parte da arte. A leitura do livro é integral e as propostas surgem a partir de histórias. A arte não pode ser limitada a uma única área disciplinar, deve dar-se maior atenção aos aspetos interdisciplinares da arte. (Roteiro para a Educação Artística, 2006).

O Programa de Português estabelece como tópico para o 1º e 2º ano Escrever para aprender e como descritor de desempenho propõe elaborar uma descrição – de uma cena, objeto, paisagem, personagem (Reis, et al., 2009). Para trabalhar este tópico do programa foi lido o livro O palhaço verde de Matilde Rosa Araújo.

Hoje as crianças começaram o dia com o desafio de realizar um texto descritivo a partir do texto “O palhaço verde”.

- Nome verdadeiro; idade; onde vive;
- Porque decidiu ser palhaço;
- Descrição física e psicológica do palhaço utilizando as comparações.

O texto é realizado a pares e são as crianças que escolhem o seu par. As crianças estão contentes e divertidas. A professora lança um desafio: cada par deve tirar (de um conjunto possível) uma frase que ajude na descrição do palhaço, por exemplo:

- Palhaço colorido como um arco-íris.
- Palhaço alto e magro como um esparguete.
- Palhaço vermelho como um tomate.

Após realização do texto, o mesmo é corrigido por mim ou pela professora. De seguida passado a limpo para outra folha e posteriormente realizam a atividade de expressão plástica onde devem desenhar o palhaço que descreveram.

Diário nº 11 (7/2/2013)

A propósito deste livro foi realizado um texto descritivo sobre um palhaço ao qual as crianças deveriam atribuir uma série de características. Após a realização do texto, foi pedido que o ilustrassem. Desse modo, esta tarefa partiu do livro e para além do texto descritivo foi também realizado um trabalho de expressão plástica, demonstrando assim o caráter transversal e transdisciplinar do livro [arte]. No contexto da animação da leitura, em que o livro é o centro de atividades continuadas e regulares é fundamental criar contextos de intertextualidade, partindo do texto e regressando sempre ao texto (Prole, 2008). Em relação a esta questão do livro e do roteiro como ponto de partida esclarece a Professora Ana:

Eu pessoalmente gosto muito de trabalhar a partir de roteiros de leitura porque a partir do livro, depois de ler e de ele ser trabalhado oralmente na sala de aula é sempre necessário haver uma proposta escrita e geralmente faço, agora com o primeiro ano, uma forma um bocadinho rotineira, lemos o livro, depois da leitura do livro fazemos a exploração oral e a seguir podemos fazer logo a ficha, um guião de leitura sobre a interpretação do oral do que foi lido, ou então, fazemos o reconto e depois eles legendam o reconto e depois esse reconto é que servirá de texto base para trabalhar.

(Entrevista Professora Ana – 19/5/2013)

A Professora Ana parte do livro e de seguida realiza o reconto. O reconto perpetua o oral no escrito pois é mantido na memória de quem os ouviu contar para os contar de novo (Meireles, 1998).

O Programa de Português estabelece como tópico para o 1º e 2º ano ler para apreciar textos variados e destaca como descritor de desempenho da leitura, o antecipar de conteúdos e dá como exemplo de atividades a desenvolver antes da leitura do texto: adivinhar o conteúdo do texto com base no título e nas ilustrações (Reis, et al., 2009).

Na segunda-feira foi apresentada mais uma história, “O elefante cor-de-rosa” da escritora Luísa Dacosta. Começámos por explorar os elementos para textuais como o título, autora, editora e ilustrador. Comecei a ler e deixei a história a meio. De seguida foi pedido que as crianças continuassem a história... as crianças inventaram as suas histórias tendo por base a história do elefante cor-de-rosa. Depois foi realizada a revisão textos. E os textos foram guardados na mola. No dia seguinte foi pedido que as crianças lessem as suas histórias e após a leitura dos seus textos, procedeu-se à leitura da restante história que tinha ficado a meio no dia anterior. Os finais foram confrontados.

Diário nº 17 (4 e5 /3/2013)

O Programa de Português estabelece como tópico para o 1º e 2º ano: ler para apreciar textos variados e destaca como descritor de desempenho da leitura, propor

soluções/alternativas distintas, mas compatíveis com a estrutura nuclear do texto e dá como exemplo de atividade a desenvolver acrescentar novos episódios, propor novos finais (Reis, et al., 2009). Neste sentido, o Diário nº 17 promove a apreciação de textos variados: o da escritora Luísa Dacosta e os novos finais inventados pelas crianças.

O livro é transdisciplinar, o que permite trabalhar todas as áreas disciplinares. A Professora Ana esclarece: “sempre que possível faço uma ficha de matemática que vai de acordo com o conteúdo que estamos a trabalhar, mas mesmo que não seja o conteúdo matemático que estamos a trabalhar, é sempre fazer um problema, um desafio matemático relacionado com a história” (Entrevista Professora Ana).

Na entrevista realizada às crianças foi realizada a pergunta: **Gostas mais de trabalhar a partir de uma história, do manual ou de outra forma? Qual?**

Tiago – A partir das histórias porque ficamos a saber a imaginação dos autores e ficamos a saber mais sobre eles. O que eles mais gostam. Nos manuais são textos que podem ser na realidade ou imaginação. Eu acho que esses autores que escrevem esses textos também têm tanta imaginação como nós. Podem ser ou pequenos ou grandes. Como nós, nós somos pequeninos mas escrevemos histórias. Eu acho que nós somos como eles. Nós na sala “fazemos” imensas profissões: escritor, cozinheiro, às vezes fazemos comida, construtor de histórias, carpinteiro, cientista.

Maria – Trabalhar a partir das histórias porque é giro e porque os exercícios ficam mais “bem-feitos”. As respostas ficam mais certas.

Cristiana- Eu gosto mais de trabalhar em língua portuguesa porque às vezes no início nós ouvimos uma história e depois fazemos em conjunto e no fim temos de pintar com cores. Através de histórias porque eu adoro histórias.

Catarina – A partir de histórias, porque assim podemos aprender mais sobre essa história.

(Entrevista às crianças – 24/5/2013)

As quatro crianças referiram que gostam mais de trabalhar a partir das histórias [roteiro]. Uma das crianças refere mesmo que “as respostas ficam mais certas”. A resposta do Tiago “nós somos pequeninos mas escrevemos histórias” abre um campo onde o aluno se manifesta como leitor, autor e onde o livro ocupa o centro das aprendizagens. A promoção da leitura responde a um duplo sentido: por um lado à criação de hábitos de leitura e de desenvolvimento de competências de compreensão leitora e devem ser incluídas no próprio processo educativo (Prole, 2008).

A matemática chega à sala de aula a partir da história *200 amigos (ou mais) para uma vaca* e pretende trabalhar o tópico operações com números naturais com o objetivo específico de compreender a multiplicação nos sentidos aditivo e combinatório (Ponte, et al., 2007).

A partir da história “200 amigos (ou mais) para uma vaca” foi realizada uma ficha de matemática. Esta ficha teve como objetivo rever a tabuada do 2, do 3 e do 4 numa perspectiva didática e lúdica.

Diário nº 15 (31/1/2013)

A partir da história, de imagens selecionadas, foi criada uma tarefa matemática de modo a trabalhar o tópico e o objetivo específico mencionado anteriormente.

Na realização da Entrevista foi perguntado à Professora Ana e à Professora Lúcia o seguinte: **Qual ou quais os pontos de partida necessários para elaborar um Roteiro de Leitura?**

Em primeiro lugar, o roteiro tem de ter acima de tudo um livro que é a base do nosso trabalho. Eu normalmente começo sempre pela exploração dos elementos para textuais, para os alunos terem consciência do que é um autor, um ilustrador e que são estas duas pessoas que têm o papel mais importante porque foram elas que fizeram nascer o livro. Depois, habitualmente começo sempre pelo português, por exercícios de compreensão do oral e do texto. Depois vou à matemática a maior parte das vezes e depois ao estudo do meio e às expressões é conforme o livro que está a ser lido. Há livros, como o “200 amigos (ou mais) para uma vaca” em que foi utilizado para trabalhar acima de tudo a matemática mas também não deixámos a língua portuguesa de parte.

(Entrevista Professora Lúcia – 19/5/2013)

A matemática espreita em cada história, seja através da noção de número, da cor, da forma ou partindo para questões problemáticas “Visita-nos a Matemática em alqueires de trigo, arrobas de batatas, dúzias de ovos ou de maçãs mágicas” (Vieira, 2009, p. 20).

O livro apresenta um potencial de trabalho enorme. O roteiro é criado pelo professor e como diz a Professora Lúcia “Portanto é tentar ligar os conteúdos e o que se pretende trabalhar e aquilo que eu quero para aquele momento. Há alturas em que só quero que eles falem de como se sentem, e isso também é importante. Nós conhecemos muito deles nestas alturas. E às vezes somos surpreendidos.” Esta resposta da Professora Lúcia demonstra que algumas histórias são contadas para que as crianças falem dos seus sentimentos. Existem objetivos que nem sempre estão ligados ao ensino formal.

Foi levado para a sala de aula o livro “A maior flor do mundo” de José Saramago. A história foi projetada em power point para que fosse visível para toda a turma. Foi colocada em projeção a capa do livro. Foi explorada a capa do livro no sentido de perceber pistas sobre a história. Após a exploração da capa foi realizada a leitura da história. De seguida começou a ser explorado o tema de estudo do meio – as plantas. Após reflexão sobre o tratamento correto cada criança semeou num algodão embebido em água e de seguida colocou num frasco o seu feijão ou grão. Foi distribuído por cada

criança uma tabela onde deviam registar o crescimento da planta durante algumas semanas.

Diário nº 14 (18/2/2013)

O livro “A maior flor do mundo” de José Saramago permitiu abordar o Estudo do Meio e neste ponto saliento o facto de “os textos literários terem o poder de levantar questões morais e éticas na sala de aula. As tarefas e atividades que programamos para explorar estes textos devem encorajar os nossos alunos a explorar estes temas e a ligá-los com a luta por uma sociedade melhor” (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011). No Diário nº 14 é também importante referir o fato da história ter sido projetada assim como a exploração da capa. A dinamização do livro pode concretizar-se através da expressão plástica, expressão dramática, expressão oral / escrita (Bastos, 1999). A reflexão realizada sobre o tratamento correto das plantas deu-se a nível da expressão oral e escrita.

O Programa de Português estabelece como um dos descritores de desempenho da leitura para o 1º e 2º ano no tópico Ler para apreciar textos variados o recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (verbal, musical, plástica, gestual e corporal), (Reis, et al., 2009). No Diário que se apresenta de seguida as crianças exploram plasticamente o poema “Mar Português” de Fernando Pessoa.

A turma irá participar numa mostra de desenho infantil que tem como mote o poema “Mar Português” de Fernando Pessoa. A professora declama e poema, de seguida faz a exploração do poema verso a verso para esclarecer os alunos. É pedido que os alunos explorem plasticamente o poema em questão. Diferentes materiais estão disponíveis para a realização do trabalho.

Diário nº 13 (15/2/2013)

A poesia é mote para a expressão plástica. As crianças interpretam o significado do poema e desenham, explorando diferentes materiais, realizando assim a sua composição plástica a partir de um poema. A leitura de poesia para fruição é fundamental. É fundamental ouvir ler poesia, na evocação de sentimentos e memórias, na descoberta das palavras e no jogo interpretativo e emotivo, propondo a preparação de uma boa leitura oral para partilhar com os outros (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011). A professora realizou a leitura declamada do poema e o jogo interpretativo esteve adjacente à própria interpretação, a qual foi realizada oralmente e a nível plástico. “A leitura de poesia alimenta o gosto pela sonoridade da língua (rima, ritmo, som das

palavras- aliterações e onomatopeias), pelo poder da linguagem (sentido literal e figurativo) e pelo uso da linguagem poética e simbólica” (Sim- Sim, 2007, p.55).

“A poesia em particular, e a literatura em geral, pode e deve constituir-se, para as crianças e adolescentes, numa experiência multidisciplinar e enriquecedora, pronta a despertar a curiosidade do saber mais, ao estabelecer múltiplas relações com o sujeito e o mundo que o rodeia (Bastos, 1999, p. 157).

Foi perguntado às professoras Como reagem as crianças a essa metodologia?

Gostam muito. Ficam entusiasmados com o novo livro que entra, gostam sempre muito de ver as imagens e curiosos com o que vamos fazer a seguir. Eles próprios sugerem atividades que possamos fazer em torno do livro. Já faz parte deles, como faz parte de mim, “sem querer” também já faz parte deles.

(Entrevista à Professora Lúcia – 19/5/2013)

A Professora Lúcia demonstra uma prática de parceria moral e de cooperação educativa, onde o aluno tem ação direta e onde existe a livre expressão (Niza, 1998).

A relação entre um professor e um aluno constrói-se com efeito, na plenitude desse dois verbos: ensinar e aprender, gestos que traduzem, respetivamente, o gosto em despertar alguém para a vida e para a arte onde existe o prazer da descoberta para com um mundo repleto de emoções (Vieira, 2009).

Saber o que pensam e sentem as crianças quando estão perante os roteiros é muito importante para analisar a questão do roteiro como mediador de aprendizagens. A Professora Ana refere (...) “Todo o trabalho é desenrolado em torno do livro e para eles isso também faz muito sentido (...) eles quase que entram dentro da história e sentem-se como parte dela.” A ação substitui a compreensão e quanto mais forte forem os seus sentimentos, mais poder tem a ação (Bettelheim, 1975). “E é- lhes muito intrínseco”. A criança “assume” a história como sua. A vida das personagens passa a existir em nós porque existe identificação (Vieira, 2009). As preferências da criança têm a ver com o facto de se identificarem com as personagens onde encontram um profundo eco (Bettelheim, 1975). O Roteiro está fomentado na prática das Professoras entrevistadas e as crianças “Depois ‘arrastam’ também a família para estas questões” disse a Professora Ana. A família é o primeiro mediador com a leitura (Bastos, 1999). Contam o que fizeram em casa e os pais perguntam: “Estás a ler uma história nova, como é que é? Costuma-se dizer “quem conta um conto, acrescenta um ponto”. A história que estão a

trabalhar é deles, apesar de ter sido escrita por outra pessoa, quando a recontaram apropriaram-se dela”. (Professora Ana – 19/5/2013)

**O que pensa da comparação “o roteiro de leitura é como uma árvore”?**

Eu vejo o livro como tronco e depois tudo o que surge a partir do tronco, que acabam por ser os diversos exercícios que fazemos com o roteiro de leitura, são os ramos que vão surgindo e que vão ganhando vida. E depois nascem as folhinhas. As folhinhas podem ser consideradas as aprendizagens que eles retiram das histórias e o gosto que eles ganham.

(Entrevista à Professora Lúcia – 19/5/2013)

Portanto o livro pode ser a raiz da árvore, e depois do livro surge uma proposta e mais outra e mais outra que são os ramos e que depois ainda se ramificam em ramos mais fininhos e nas folhas e no fundo quando vamos a ver, do livro saiu um roteiro de leitura com propostas que poderiam nunca mais acabar.

(Entrevista à Professora Ana – 19/5/2013)

À pergunta: **Consegues comparar o livro a uma árvore?** As crianças responderam

Tiago – Às vezes sim. Imagino uma história, por exemplo, tem uma árvore e essa árvore é um livro. E dentro dessa árvore tem a história que conta como é essa árvore.

Maria – De vez em quando. Por exemplo, vejo uma menina no livro, a imagem que o senhor, que é o ilustrador, fez, uma menina a arrancar flores. Faz-me lembrar uma árvore.

Cristiana – Sim, sim, sim. Uma árvore a ler uma história. Já vi na “Escola virtual do 4º ano”. Desenhar a história na árvore com pauzinhos.

Catarina- Porque é feito de papel e a capa é feita com cartão que é o tronco da árvore. Os ramos o título, a raiz a editora.

(Entrevista às crianças – 24/5/2013)

A literatura permite por um lado fortes reações emocionais dos alunos, recorrendo a textos literários na sala de aula, sendo uma forma de envolver o aluno (enquanto uma pessoa inteira), e provê excelentes oportunidades expressar as opiniões pessoais, reações e sentimentos (Silva, Bastos, Duarte, & Veloso, 2011), e por outro lado, pode-se pegar num livro e partir para atividades. Sem perder o caráter lúdico, o livro fará parte de atividades de aprofundamento que permitirão a fruição da leitura (Bastos, 1999). “Na aventura da palavra ouvida, ou lida, treinamos a imaginação, aprendemos a tocar com os olhos o que nos seduz, alimentamos a sensibilidade para o belo, nele incluindo a Natureza” (Vieira, 2009, p. 18).

O livro é comparado à árvore “Ando pela rua e ninguém repara no jardim enorme que levo na minha cabeça” (Cruz, 2013, p. 18). Um jardim interior cheio de árvores e de pássaros.



## Considerações Finais - O Voo

*Não é preciso ser cientista para compreender as  
árvores, basta ser pássaro. Ou abril*

**Afonso Cruz, 2013**

O presente Relatório Final tem como função dar uma perspetiva breve dos aspetos fundamentais que foram abordados ao longo do trabalho. Esta Investigação partiu do problema Como compreender o papel do professor na promoção do gosto de ler e na gestão da leitura como mediadora de aprendizagens? Do problema surgiram as questões: Como compreender o gosto pela leitura na expressão oral da criança? ;De que modo a reflexão da literatura, através do livro, se poderá tornar num roteiro de aprendizagens?

Para responder às questões foram delineados os seguintes objetivos:

Identificar e repensar a importância da leitura na sala de aula; Compreender o livro como um roteiro de mediação de aprendizagens nas diferentes áreas curriculares e não curriculares; Refletir no papel do professor enquanto mediador/ animador/ promotor da leitura. Neste contexto, as conclusões resultam de uma reflexão pessoal, mediada por uma sustentação teórica e por uma interpretação dos dados recolhidos através de Entrevistas e de Diários, chegando às seguintes conclusões:

Para responder à questão: Como compreender o gosto pela leitura na expressão oral da criança? Concluo que a leitura na sala de aula é exímia na medida em que desempenha diferentes papéis: a leitura realizada por gosto e a leitura como mediadora de aprendizagens. A leitura, no contexto do presente Relatório, implica a existência de um livro que se supõe, de valor literário. A literatura é arte, logo quando falamos de literatura na sala de aula, falamos de um ensino sensível à questão artística no Ensino Básico. O ato de ler entrelaça-se com o conceito de criança leitora. Para a criança ler, na sala de aula, prevê-se uma metodologia atenta e isso passa por organizar o espaço e o tempo. Falamos de uma pedagogia que tem na sua base a liberdade, a autonomia e onde a criança é o centro da aprendizagem. Neste sentido, dentro da sala, o espaço e o tempo são organizados de modo a proporcionar à criança, o ato de ler. Leitura esta que é de caráter pessoal e de caráter social. A leitura pessoal, realizada silenciosamente e de forma livre, onde a criança lê por puro prazer, onde não é questionada sobre que livro lê e porquê. É a leitura recr(e)ativa, de deleite e pessoal. Por outro lado, a leitura é também



social. Existem momentos de leitura partilhada onde o fator social ganha uma dimensão muito forte.

A opinião dos outros sobre a leitura realizada cria laços. A afetividade é outra das características que surgem de mão dada com a presença da leitura na sala de aula. Quando lemos para os outros damos um pouco de nós e neste sentido a relação com os colegas e com o Professor entra num campo mais profundo.

Através dos Diários e das Entrevistas foi possível investigar o gosto que as crianças têm em momentos de leitura na sala, nomeadamente o tempo de “Ler, contar e mostrar” e o “Momento de Leitura”. Estes momentos são encarados pelas crianças como momentos de partilha, onde os colegas ficam a saber mais sobre o que se fez ou imaginou. As emoções e os pensamentos são partilhados e a dualidade realidade/ficção permite a construção de sentidos. Sentidos que desenvolvem novos olhares perante a realidade e o mundo que nos rodeia. Estes novos olhares atribuem-se de valores outros, onde aprendemos a respeitar a diferença; passamos a ser Seres Humanos munidos de uma panóplia de valores que promovem a coesão social. A coesão social promove a Educação pela paz.

Para refletir em relação à segunda questão: De que modo a reflexão da literatura, através do livro, se poderá tornar num roteiro de aprendizagens? A literatura permite a pluralidade de olhares. O roteiro como mediador de aprendizagens, possibilita a mediação entre o livro e o mundo. Mundo este que existe dentro e fora da sala de aula. Por um lado o professor tem o programa que direciona a aprendizagem para as diferentes competências a desenvolver no aluno nas diferentes áreas disciplinares como a língua portuguesa, matemática, estudo do meio e as expressões artísticas e motoras, por outro, o livro é transdisciplinar o que permite abordar as áreas não curriculares como questões de cidadania, filosofia e onde o mundo é questionado de forma geral.

O roteiro é uma viagem que permite ao professor e ao aluno mediar as diferentes aprendizagens. No presente Relatório foi criado e apresentado um roteiro que permite olhar para o livro do mesmo modo que se olha para uma árvore, é proposto que cada professor descubra o pássaro que existe dentro de si. A criança e o professor são também esta mesma árvore. E nesta troca mediada de papéis, o aluno e o professor são a árvore que com os seus ramos experienciam as diferentes aprendizagens e são pássaro para poderem voar em liberdade. Desse modo é proposto fazer brotar do céu das raízes, o caule e levar o olhar tão longe quanto possível: olhar sensorial, lúdico, sensitivo, mágico, artístico, de escritor, de cientista e de filósofo. Considero que com o trabalho de

investigação realizado foi possível cumprir os objetivos para os quais me propus, nomeadamente: Identificar e repensar a importância da leitura na sala de aula; Compreender o livro como um roteiro de mediação de aprendizagens nas diferentes áreas curriculares e não curriculares; Refletir no papel do professor enquanto mediador/animador/promotor da leitura. O Professor tem na sua mão a possibilidade de mediar a leitura para que esta seja realizada por gosto e para que seja ponto de partida para aprendizagens, ou seja que a partir do livro se crie um roteiro. Para que o papel do livro na sala de aula seja realizado com qualidade, é necessário que o profissional educativo/mediador, saiba por um lado adotar uma prática que promova o livro, como já foi referido a nível de leitura pessoal e social, por outro lado, que selecione livros apropriados e a um terceiro nível que tenha conhecimento de estratégias que promovam um ambiente agradável à promoção/animação da leitura.

Considero que atingi os objetivos para os quais me propus, na medida em que consegui através da fundamentação teórica e da análise de dados refletir, compreender, identificar e repensar o papel do livro, da leitura e do professor como mediador/animador/promotor da leitura e olhar para o livro como um roteiro de aprendizagens. E porque acredito que “Nós nascemos para ter asas, meus amigos.” Creio que com a presença do livro e da leitura no 1º Ciclo é possível escrever por dentro do peito: nós nascemos para ter asas” (Fanha, *Sou português aqui*).

## **Constrangimentos**

Após a realização das leituras necessárias para a elaboração do Relatório Final e após a análise de dados, fez-me sentir que muito mais haveria por dizer e que o estudo teria sido mais profundo se fosse alargado no tempo, por exemplo um ano letivo. Desse modo seria possível observar mais práticas que adotassem o Roteiro como mediador e contatar mais com a turma de estágio. É também importante referir a ausência de literatura sobre roteiros, o que se revelou um verdadeiro constrangimento.

Gostaria de referir que outros livros, para além dos que estão nas referências bibliográficas, foram para mim uma inspiração. Neste sentido considero que faria sentido a existência de bibliografia passiva.

## **Pistas que se delineiam - Uma árvore que cresce. Um pássaro que voa**

Apesar de apontar o tempo como um constrangimento, considero que é também uma pista que se abre no horizonte. A semente foi lançada e o presente Relatório Final pode ser um ponto de partida para futuros voos. A esperança faz-nos mover. Esta esperança existe nos corações e é visível no olhar onde habita.

Com a realização deste trabalho e como consequência das leituras que realizei, assim como das fundamentações teóricas, dos instrumentos utilizados (Diário e Entrevista) e da sua análise, acredito que é possível o livro e a leitura desempenharem um papel de destaque na sala de aula, assim como o livro ser utilizado como roteiro mediador de aprendizagens. E acredito também profundamente que esse é um caminho que nos leva a respeitar a criança na sua integridade de Ser. A minha esperança, na Educação, é poder promover atividades/tarefas/momentos onde cada criança se encontre a si própria, o outro, e se descubra num mundo de sensações e sentimentos.

A atitude de um Professor/investigador reflexivo é fundamental para manter a luz da esperança acesa. O presente Relatório Final permitiu-me, por um lado uma visão e atitude investigativa em relação à Educação, por outro, deixa a vontade de continuar a pesquisar e investigar mais sobre o tema. Acreditando que a Educação faz mais sentido quando existe a possibilidade de questionar e desafiar o mundo criativamente. Em última análise, a educação pode ajudar no caminho para a paz. Não querendo cair em utopias, acredito e tenho esperança num mundo melhor.

*Por hoje é tudo. Abram as janelas. Podem sair (José Fanha, Eu sou Português).*

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Lisboa: Asa.
- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Teorema.
- Araújo, M. R. (1998). O que será um bom livro para a infância. In *A estrada fascinante* (pp. 27-28). Lisboa: Livros Horizonte.
- Barroso, D. R. (25 de Junho de 2013). *O Pensar Reflexivo: Uma Análise à Luz de John Dewey*. Obtido de UFPI: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.2/GT2\\_25\\_2004.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.2/GT2_25_2004.pdf)
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bettelheim, B. (1975). *A psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2012). *Metas Curriculares de Português - Ensino Básico 1º, 2º e 3º Ciclos*. Ministério da Educação.
- Cruz, A. (2013). *O livro do ano*. Carnaxide: Alfaguara.
- Dacosta, L. (2002). Leitura e pedagogia do deslumbramento. In A. Mesquita, *Pedagogia do Imaginário* (pp. 199-206). Porto: Asa.
- Defourny, M. (1999). Do Dragão ao Pai Natal. In *Olhares sobre a Literatura para a Infância*. Porto: Campo das Letras.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Fanha, J. (s.d.). *Eu sou português aqui*. Obtido em 20 de Abril de 2013, de José Fanha: <http://www.josefanha.com/poemas.swf>
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra.
- Guedes, T. (2000). *Criatividade precisa-se na poesia, na narrativa e na área de projeto*. Lisboa: Caminho.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise conteúdo - Sentido e formas de uso*. Lisboa: Principia.
- Infopédia - Definição Espiral*. (s.d.). Obtido em 1 de Julho de 2013, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/espiral>

- Infopédia - Definição Roteiro*. (s.d.). Obtido em 2 de Julho de 2013, de <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/roteiro>
- Magalhães, A. M., Alçada, I., Maximino, C., & Cabral, F. D. (1998). *A biblioteca da escola e o prazer de ler*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Magalhães, V. (2006). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. In *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa* (pp. 55-73). Lisboa: CIED.
- Magalhães, V. (2009). *Sobressalto e Espanto Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Meireles, T. (1998). *Contos e Lendas-abordagem e Reflexão* (Vol. 1). Lisboa: Vega.
- Ministério da Educação. (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Néret, G. (2004). *Klimt*. Lisboa: Taschen/Público.
- Neves, M. (2002). Livros de leitura ou leitura de livros? Alternativas ao uso no manual. In *Actas do encontro internacional, 2 - O desafio de ler e escrever: leitura e coesão social* (pp. 108-109). Lisboa: Civitas.
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1º ciclo do ensino básico. *Inovação, 11*, pp. 77-98.
- Odes de Ricardo Reis*. (s.d.). Obtido em 27 de Junho de 2013, de Insite: <http://www.insite.com.br/art/pessoa/ficcoes/rreis/414.php>
- Oliveira, M. (2008). *Dinâmicas de Literatura Infantil*. Lisboa: Edições Paulinas.
- Paixão, M. L. (2002). Literacia e Cidadania - Literatura e Cultura de Paz. In *Actas do encontro internacional, 2 - O desafio de ler e escrever: leitura e coesão social* (pp. 86-87). Lisboa: Civitas.
- Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Lisboa: Asa.
- Pessanha, A. M. (2002). Literacia em contexto lúdico - expressivo. In *Actas do encontro internacional, 2 - O desafio de ler e escrever: leitura e coesão social* (pp. 47-50). Lisboa: Civitas.
- PNL*. (s.d.). Obtido em 29 de Maio de 2013, de <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>
- Ponte, J. P., Serrazina, L., Guimarães, M. H., Breda, A., Guimarães, F., Sousa, H., . . . Oliveira, P. A. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Prole, A. (2008). *Como fazer um projecto de Promoção da Leitura*. Casa da Leitura, Gulbenkian.
- Reis, C., Dias, A. P., Cabral, A. T., Silva, E., Viegas, F., Bastos, G., . . . Pinto, M. O. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Rodrigues, P. M. (2002). *Avaliação da formação pelos participantes em entrevista de investigação*. Porto: Fundação Caloust Gulbenkian.
- Rodriguez, G. G., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Rosa, M., & Arnoldi, M. (2006). *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa Mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Roteiro para a Educação Artística*. (2006). (F. Agarez, Trad.) Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Santana, I. (1998). *Como organizar um canto de leitura na sala de aula*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Serrazina, L., & Oliveira, I. (2002). A reflexão e o professor como investigador. In G. d. Investigação (Ed.), *Reflectir e Investigar sobre a Prática Profissional* (pp. 29-42). Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Silva, E., Bastos, G., Duarte, R., & Veloso, R. (2011). *Guião de implementação do programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silverstein, S. (1964). *A Árvore Generosa*. Figueira da Foz: Bruaá.
- Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A compreensão dos textos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I. (2009). *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.
- Torga, M. (1951). *Diário V*. Alfragide: D. Quixote.
- Vásquez, R. R., & Angulo, R. F. (2003). *Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Veloso, R. (2003). Não receita para escolher um bom livro. In *No branco dos livros - 5º Encontro sobre literatura para crianças e jovens* (pp. 173-192). Lisboa: Caminho.

- Veloso, R. M., & Riscado, L. (2002). Literatura Infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes, 10*, pp. 26-29.
- Vieira, M. C. (2009). *A arte, mestra da vida - Reflexões sobre a escola e o gosto pela leitura*. Lisboa: Quimera.
- Villasante, C. B. (1977). *História da Literatura Infantil Universal* (Vol. I). Lisboa: Vega.
- Wahooart. (s.d.). Obtido em 4 de Julho de 2013, de <http://pt.wahooart.com/>

## **ANEXOS**



**Anexo I**  
**A Árvore da Vida**

**Gustav Klimt**



(Painel pintado entre 1905 e 1909)

Consultado em (Wahooart)

**Anexo II**  
**Guião de Entrevista – Professores**

<b>Tema:</b>	A literatura como mediadora de aprendizagens
<b>Destinatários:</b>	Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico
<b>Finalidades:</b>	Analisar e compreender o papel do professor e a sua dinâmica na sala de aula de modo a promover o gosto pela leitura e respetivas aprendizagens.
<b>Objetivos:</b>	1) Compreender de que modo os professores encaram o papel do livro na sala de aula. 2) Identificar referenciais comuns aos participantes. 3) O livro como roteiro de leitura
<b>Blocos Temáticos</b>	A) Legitimação da entrevista B) Motivação para a profissão C) Princípios pedagógicos D) O papel do livro e da leitura na sala de aula E) O Roteiro de Leitura como mediador de aprendizagens F) O percurso do livro até chegar à sala de aula. G) Considerações Finais
<b>Estratégia</b>	A entrevista é semiestruturada;

	<p>O guião está ordenado tendo em conta uma perspectiva de abordagem do mais lato para o mais focado.</p> <p>Procurar que os participantes clarifiquem e expliquem de forma mais natural possível as suas opiniões, perspectivas e pontos de vista em relação às perguntas efetuadas.</p>
<b>Legitimação da entrevista</b>	<p>Informar acerca dos objetivos da entrevista e do contexto em que surge;</p> <p>Valorizar a disponibilidade do participante;</p> <p>Garantir o anonimato e a confidencialidade (se o entrevistado assim o quiser)</p> <p>Garantir a autorização da utilização do material da entrevista;</p> <p>Agradecer a participação e contributo no estudo.</p>
<b>B - Motivação para a profissão</b>	<p>B1 Quando decidiu ser professora?</p> <p>B2 O que significa para si ser professora?</p>
<b>C - Princípios pedagógicos</b>	<p>C1 Que princípios pedagógicos orientam a sua prática? E porquê?</p> <p>C2 Como coloca esses princípios em prática?</p>
<b>D - O papel do livro e da leitura na Sala de Aula</b>	<p>D 1 Qual o papel do livro na Sala de Aula?</p> <p>D 2 Considera o livro um mediador de aprendizagens? Porquê?</p> <p>D 3 Como expressam as crianças o gosto pela leitura?</p> <p>D 4 Como chega o livro à Sala de Aula?</p> <p>D 5 Como organiza e gere a Sala de Aula de modo a promover o desenvolvimento do gosto pela leitura?</p>

<b>E - O roteiro como mediador de aprendizagens</b>	<p>E 1 O que pensa dos roteiros de leitura?</p> <p>E2 Utiliza roteiros de leitura na sua prática?</p> <p>E3 Qual ou quais os pontos de partida necessários para elaborar um Roteiro de Leitura?</p> <p>E 4 Como reagem as crianças a essa metodologia?</p> <p>E 5 O que pensa da comparação “ O roteiro de leitura é como uma árvore”?</p>
<b>F - Considerações Finais</b>	F 1 Gostaria de acrescentar alguma ideia ou mensagem?

### Anexo III

#### Entrevista 1

##### Identificação do Entrevistado A

A Professora Lúcia tem 26 anos. Realizou a sua formação Na Escola Superior de Educação de Lisboa. Leciona há 5 anos.

##### Condições de realização da Entrevista

A entrevista realizou-se na Escola onde a Professora Lúcia leciona após data e hora combinada por ambas O ambiente foi descontraído e agradável. A entrevista realizou-se no dia 19 de maio pelas 14h00.

##### Entrevista, Indicadores e Categorias

Entrevista	Indicadores	Categorias
<p><b>Entrevista à Professora Lúcia (P.L)</b></p> <p><b>- (...) Quando decidiu ser professora?</b></p> <p>P.L– Eu decidi ser professora no final do 12º ano. Não era a minha primeira opção, eu queria ser psicóloga educacional, portanto sempre ligada às crianças, só que eu estava no agrupamento de letras e para entrar na faculdade de psicologia precisava de biologia, e na altura como não nos deixaram assistir às aulas de biologia, depois optei pela via educacional porque eu sabia que queria trabalhar com crianças mas nunca tinha pensado nesta perspetiva de professora mas sempre lá</p>	<p>Começou pela trajetória profissional. Descobriu a vocação na adolescência. Foi a circunstância da vida de estudante que definiu a sua trajetória.</p>	

<p>esteve o “bichinho”.</p> <p><b>- O que significa para si ser professora?</b></p> <p>P.L – Essa pergunta é de facto muito complexa. Ser professora acima de tudo significa acordar todos os dias e pensar que tens um grupo de crianças que tens de fazer o melhor que conseguires com elas. E principalmente quando esse percurso é feito ao longo de quatro anos, como aqui vou ter oportunidade de o fazer, é muito mais motivante. E começa com o acordar, continua com o chegar à escola e ouvires chamar o teu nome, e virem a correr e de repente abraços e muitas vezes ouvires a palavra mãe, que para eles é muito sentida. Quando dizem isso, e mesmo quando tu dizes “mas eu não sou a tua mãe” eles dizem “não”. Eles sabem diferenciar muito bem. “Tu és a mãe da escola” e eles percebem que tu passas imenso tempo com eles. E acho que acima de tudo a nossa profissão tem um carater emocional imenso que tem mesmo de ser olhado assim porque é isso que nos dá força para continuar no dia-a-dia. Porque não é fácil, o trabalho todo que vai para casa. Há dias em que não é fácil mas depois lembras-te, neste caso dos dezasseis que estão à tua espera no dia a seguir e que olham para ti como se tu fosses a pessoa mais perfeita deste mundo e que não existisse mais nada à volta. Creem muito em ti e é isso que dá</p>	<p>Preocupação, afeto, atitude e sentido maternal. O adulto ainda é o adulto de referência para as crianças.</p> <p>Inteligência emocional</p> <p>Olhar de perfeição. As crianças confiam no adulto. – Confiança.</p>	
--	---	--

<p>força e acho que é a base de tudo, sem dúvida.</p> <p>- Que princípios pedagógicos orientam a sua prática? E porquê?</p> <p>PL – Quando eu estive na faculdade os princípios pedagógicos que mais me foram transmitidos foram os princípios pedagógicos do Movimento Escola Moderna. Portanto, acima de tudo, a participação democrática dos alunos na sala de aula. E eu tento todos os dias que eles se sintam parte do processo. Afinal, não é o meu processo educativo, é o processo educativo deles. E eles têm de perceber o porquê que estão a fazer aquilo. Tudo bem que depende de um currículo que tem de ser cumprido, e eles percebem isso porque é a primeira coisa que lhes é apresentada no início do ano, os conteúdos que vão ter de trabalhar naquele ano. Mas dentro daqueles conteúdos que têm de trabalhar, eles podem ajudar a selecionar quais os que vamos trabalhar e quando e muitas vezes de que forma é que os vamos conseguir trabalhar. Não nos cingindo ao que é quase que norma para o resto e isso faz desta escola, porque a escola também tem este princípio, faz desta escola uma escola diferente nesse aspeto. E acima de tudo, acho que o maior princípio que tem de estar é a valorização da criança e a transmissão de afetos porque se não os conquistarmos pelo</p>	<p>MEM: a criança é o elemento ativo do seu processo de aprendizagem. A participação democrática.</p> <p>Valorização da criança.</p>	
---	--	--

<p>afeto, pelo carinho, tudo perde sentido. Eles sentem-se mais responsabilizados se perceberem as coisas, perceberem que há alguém que confia neles e que acredita que eles são capazes de fazer o que é suposto. Acima de tudo são esses os princípios principais, obviamente que depois fazemos mais coisas mas acho que são estes dos principais: a participação democrática e a valorização da criança.</p> <p>- Como coloca esses princípios em prática?</p> <p>PL – O conselho de turma como momento fundamental da semana onde são debatidas as ideias, onde são feitas novas propostas por eles e muitas vezes por mim. Eu normalmente não introduzo uma nova rotina sem lhes perguntar primeiro se eles concordam, ou explicar-lhes a minha ideia e depois com as ideias deles fazemos outro tipo de momento. E este momento do conselho é a base de toda a prática. O conselho, o momento das oficinas em que os alunos trabalham autonomamente, portanto eles planificam no início da semana o que pretendem fazer nos três momentos de oficinas: no português, matemática e estudo do meio e no final da semana há uma troca de cadernos entre eles. Eles avaliam primeiro a sua semana e depois trocam com o colega para ele avaliar e ter uma perspetiva de como trabalhou e também são avaliados por mim. O momento das oficinas</p>	<p>Através do conselho de turma e da autonomia.</p>	
--	---	--



<p>requer constantes paragens e constantes reflexões sobre o que devemos fazer para a semana correr bem, avaliar o caderno do outro colega, o que eu posso melhorar e este dialogo no início da semana é fundamental para que eles evoluam. A evolução não é momentânea, eles não vão melhorar de uma semana para a outra, mas aos poucos vão interiorizando o que têm de fazer e isso ajuda-os a serem melhores.</p> <p><b>- Qual o papel do livro na Sala de Aula?</b></p> <p>PL - Eu acho que... eu sou apaixonada por livros e tenho imensos livros de literatura infantil e sem me aperceber também lhes passei isso. O livro surge muitas vezes como motor de arranque de introdução de um novo conteúdo, de reflexão de conteúdos, de reflexão da própria vida, das nossas atitudes. Acho que é um motor que ganha rapidamente o papel principal.</p> <p><b>- Considera o livro um mediador de aprendizagens? Porquê?</b></p> <p>PL – Nós na sala, temos conseguido que a partir do livro, da leitura da história, todas as aprendizagens estejam em torno, a língua portuguesa, a matemática, o estudo do meio e as expressões e eles percebem que o livro é o centro e que a partir dali nascem diversas ramificações que os levam a mundos diferentes e é muito giro ver essa</p>	<p>Gosto pela leitura</p> <p>O livro como motor de arranque.</p> <p>O livro é o centro.</p>	<p>O papel do professor na promoção do livro e da leitura.</p> <p>O Roteiro com mediador de aprendizagens.</p>
---	---	--

<p>evolução neles.</p> <p><b>- Como expressam as crianças o gosto pela leitura?</b></p> <p>PL – Quando à segunda-feira, por exemplo, realizem ficha de verificação e não conseguimos fazer o Momento de Leitura de manhã.</p> <p>O resto da semana estou a ouvir “Quando é que fazemos o Momento de Leitura de segunda-feira?” Portanto eles sentem falta. À segunda-feira de manhã temos entre 30 a 45 minutos em que os alunos chegam à sala, arrumam as suas coisas e leem o livro que trazem de casa ou um livro que vão buscar à biblioteca da sala. E se esse momento não existe na sala, temos um problema o resto da semana. Eles pedem e acho que quando eles pedem e sentem falta de alguma coisa é porque já faz parte. E mesmo no Ler, Contar e Mostrar eles leem textos produzidos por eles mas também apresentam muitos livros aos colegas e isso também pode estar ligado ao facto de eles todos o ano passado no aniversário, terem recebido um livro. Todos eles o ano passado receberam um livro no aniversário e tinham muito prazer em apresentá-lo à turma. Mesmo os alunos que fizeram anos em julho ou agosto, a primeira coisa que fizeram quando chegaram à escola em setembro foi querer apresentar a história à turma. “Este foi o livro que li nas férias...” E isso também os motiva a ler mais, e outras coisas...</p>	<p>Gosto pela leitura</p> <p>As Crianças pedem para ler.</p>	<p>A leitura realizada por gosto.</p>
--	--	---------------------------------------

<p>entretanto também lhes sugeri uns livros que eu considero interessantes e bastante apelativos à idade que são as coleções do Gerónimo Stilton e eles acham piada a toda aquela brincadeira gráfica do livro e às palavras novas que surgem e perguntam o significado e na sala também existem algumas palavras que vão surgindo dos livros que vamos lendo na sala e eles depois conseguem utilizá-las e até mesmo utilizar a maneira de escrever daquele autor, que não é fácil, e que tem muito humor misturado mas eles querem começar a escrever, e isso nota-se nos textos, o querer começar a escrever à maneira de. Portanto aqui a leitura e a escrita estão de mãos dadas.</p> <p><b>Como chega o livro à Sala de Aula? O que pensa do Plano Nacional de Leitura (PNL)?</b></p> <p>PL- <b>Eu acho que todos os livros são possíveis de trabalhar em todas as idades.</b> Obviamente que alguns livros são mais complexos que outros. Mas se o trabalho que nós fazemos depois com o livro for bem planificado e se estiver tudo bem estruturado, os alunos percebem a história. Se eu sigo a lista do PNL? Não. Porque acho que é uma orientação e como eu tenho o hábito de comprar livros novos, e de lhes trazer, acho que não tem de ser de uma lista de livros que está feita porque o livro não é só a história em si, o livro tem outras coisas. Tem</p>	<p><b>Livros são um forte potencial.</b></p>	
---	--	--

<p>a ilustração, tem a própria mensagem e há livros que estão recomendados para o segundo ano e eu já os trabalhei o ano passado (primeiro ano), há livros que nem sequer aparecem no PNL e que são muito bons e que também têm de ser trabalhados. O último livro que lhes li foi “O segredo do rio” de Miguel Sousa Tavares, este livro está recomendado para o quarto ano mas eles perceberam perfeitamente a história, portanto foi feita a leitura, por mim, na sala, fomos lendo parte a parte. Com as dimensões do livro não podemos ler tudo de uma vez. Mas depois o trabalho de compreensão que foi feito, e as reflexões que foram feitas com eles durante a própria leitura, acho que tudo isso os ajuda a entender a história. E acima de tudo a entender a mensagem da história. E, na minha opinião, qualquer pessoa que entre naquela sala e lhes pergunte qual é a mensagem que o livro quer passar, eles sabem responder. Daí eu achar que sim, devemos consultar a lista e saber o que é suposto mas não precisamos de a seguir à risca. Há mais coisas para além da lista do PNL.</p> <p><b>Como organiza e gere a sala de aula de modo a promover o desenvolvimento do gosto pela leitura?</b></p> <p>PL – Começa à segunda-feira, como já disse, têm aqueles 30 a 45 minutos para lerem à vontade, e aí sim é o verdadeiro gosto pela</p>	<p>Delinear de um Roteiro</p> <p>Organização do tempo e do espaço para a leitura</p>	
---	--	--

<p>leitura. Leem o que querem. Há meninos que andam à semanas a ler o mesmo livro, outros começam na sala depois levam para casa, acabam e trazem outro. Há meninos que não trazem e que leem os livros da biblioteca da sala, os quais já conhecem a história e este acho mesmo que é o momento crucial para promover o gosto pela leitura. Depois, todo o trabalho que é feito ao longo da semana, de lhes ser lida uma história uma vez por semana, ou mais, depende do tipo de história que estamos a trabalhar. Normalmente uma vez por semana leio uma história, e acho que é a partir daí... o oferecer livros, o recomendar nas férias que eles leiam um livro, o motivar da leitura com os pais. Esses pequenos momentos são fundamentais. E aqui os pais têm um papel muito importante. Quase todos eles ouvem uma história ao deitar. É muito importante este momento.</p> <p><b>O que pensa dos roteiros de leitura?</b></p> <p>PL – Só posso pensar bem. Os roteiros de leitura permitem-nos aquilo que quando nos cingimos ao manual não conseguimos fazer. Que é, a partir do livro todas as aprendizagens fluem. Portanto, podem fluir ou não apenas aprendizagens ligadas aos conteúdos, podem ser em relação aos nossos sentimentos, como já aconteceu. Pode ser apenas um livro que nos faça refletir e que nos ajude a aprender</p>	<p>O Roteiro</p>	
---	------------------	--

<p>qualquer coisa que seja importante para a nossa vida e não só escolarmente. De qualquer forma, pegando na parte escolar, a partir do livro nós conseguimos trabalhar a compreensão do oral, porque é impossível que todos os alunos tenham um exemplar do livro que estamos a ler. Trabalhamos a compreensão do que está escrito, depois na parte em que lhes damos a interpretação do texto e colocamos excertos do livro a ser trabalhado, podemos trabalhar a matemática, com um número de situações que se tornam muito mais significativas para eles. Podemos trabalhar o estudo do meio, estou-me agora a lembrar novamente do livro “O segredo do rio” em que lhes foi dado um texto informativo sobre a carpa, e estivemos a estudar ao pormenor, porque é o peixe que aparece no livro, onde conseguimos ligar com as estações do ano que vão mudando ao longo da história e o aspeto da paisagem que também muda. A própria roupa do menino e o porquê de poder tomar banho no rio e o porquê de ser importante não poluir o rio. E tudo isto são conteúdos de estudo do meio e também para a vida. E a parte de expressões que estamos agora a fazer, os alunos estão a fazer desenho à vista para ilustrar o reconto que fizemos em coletivo a partir das imagens do livro. Depois vamos expor. Esta é mais uma prova de como eles conseguiram perceber um livro que está</p>	<p>Roteiro – propostas</p>	
--	----------------------------	--

<p>recomendado para o quarto ano de escolaridade.</p> <p><b>Utiliza roteiros de leitura na sua prática?</b></p> <p>PL – Sim. Sim.</p> <p><b>Qual ou quais os pontos de partida necessários para elaborar um Roteiro de Leitura?</b></p> <p>PL – Nem todos os roteiros são iguais. Há alturas em que penso nos conteúdos que tenho de trabalhar e penso de que forma e qual será a melhor história que se enquadra. Por vezes faço ao contrário e os conteúdos surgem. <b>Em primeiro lugar, o roteiro tem de ter acima de tudo um livro que é a base do nosso trabalho.</b> Eu normalmente começo sempre pela exploração dos elementos para textuais, para os alunos terem consciência do que é um autor, um ilustrador e que são estas duas pessoas que têm o papel mais importante porque foram elas que fizeram nascer o livro. Obviamente que a editora também é importante mas os criativos têm de lá estar. Depois, habitualmente começo sempre pelo português, por exercícios de compreensão do oral e do texto. Depois vou à matemática a maior parte das vezes e depois ao estudo do meio e às expressões é conforme o livro que está a ser lido. Há livros, como o “200 amigos (ou mais) para uma vaca” em que foi utilizado para trabalhar acima de tudo a matemática mas também não</p>	<p><b>O livro é a base do trabalho.</b></p>	
---	---	--

<p>deixámos a língua portuguesa de parte. Portanto é tentar ligar os conteúdos e o que se pretende trabalhar e aquilo que eu quero para aquele momento. Há alturas em que só quero que eles falem de como se sentem, e isso também é importante. Nós conhecemos muito deles nestas alturas. E às vezes somos surpreendidos.</p> <p><b>Como reagem as crianças a essa metodologia?</b></p> <p>PL – Gostam muito. Ficam entusiasmados com o novo livro que entra, gostam sempre muito de ver as imagens e curiosos com o que vamos fazer a seguir. Eles próprios sugerem atividades que possamos fazer em torno do livro. Já faz parte deles, como faz parte de mim, “sem querer” também já faz parte deles.</p> <p><b>O que pensa da comparação “o roteiro de leitura é como uma árvore”?</b></p> <p>PL – Acho que é uma boa comparação. Porque à puco estava a falar das várias ramificações que surgem em torno do livro e aí eu vejo o livro como tronco e depois tudo o que surge a partir do tronco, que acabam por ser os diversos exercícios que fazemos com o roteiro de leitura, são os ramos que vão surgindo e que vão ganhando vida. E depois nascem as folhinhas. As folhinhas podem ser consideradas as aprendizagens que eles retiram das histórias e o gosto que eles</p>	<p>Recetividade das crianças</p>	
--	----------------------------------	--



<p>ganham.</p> <p><b>Gostaria de acrescentar alguma ideia ou mensagem a esta entrevista?</b></p> <p>PL – Não. Penso que já foi dito tudo.</p>		
---	--	--

## Anexo IV

### Entrevista 2

#### Identificação do Entrevistado B

A Professora Ana tem 25 anos. Realizou a sua formação Na Escola Superior de Educação de Coimbra. Leciona há 3 anos.

#### Condições de realização da Entrevista

A entrevista realizou-se na Escola onde a Professora Ana leciona após data e hora combinada por ambas O ambiente foi descontraído e agradável. A entrevista realizou-se no dia 19 de maio pelas 18h30.

#### Entrevista, Indicadores e Categorias

Entrevista	Indicadores	Categorias
<b>Entrevista à Professora Ana (Prof. Ana)</b> <b>- (...) Quando decidiu ser professora?</b> Prof. Ana – Decidi ser professora aos cinco anos, coincide com a entrada no 1º ciclo. Era a única menina da minha turma e para mim foi muito alto o contato com a minha professora. Uma professora em tudo diferente daquilo que sou hoje mas foi uma inspiração e um modelo a seguir. Ela era extremamente rígida e segura mas também tinha o outro lado e eu encarava aquela maneira de estar e de ser como exigência que me iria dar com certeza boas bases para o futuro. Foi basicamente	Começou pela trajetória profissional. Infância Adulto de referência: professora – professora modelo. Professora com atitude rígida e segura (própria do ensino tradicional) Presente: estado da educação.	

<p>aos cinco anos, depois tive aqui uns desvios na minha vida, sobretudo por questões que nada têm a ver com a educação mas o estado da educação no nosso país e a forma como as coisas estão nos dias de hoje, fez-me na altura escolher o curso de direito e depois acabei por mudar de curso ao final de um ano porque quando é aquilo que se quer não há nada a fazer.</p> <p><b>O que significa para si ser professora?</b></p> <p>Prof. Ana – Essa pergunta não é fácil mas acho que para mim é ser tudo e mais alguma coisa ao mesmo tempo. Somos um bocadinho pais, um bocadinho psicólogos, um bocadinho camas, um bocadinho sofá para o miminho, também nos faz ter a capacidade de nos estruturarmos e reinventar dia após dia. Aquilo que nós fazemos e aquilo que nós somos depende muito do “público” que temos à frente e portanto é um bocadinho um pouco de tudo. Para mim significa isso mesmo, uma realização pessoal muito grande e essa capacidade de dia após dia me superar e fazer coisas diferentes e ter a possibilidade de fazer tudo e mais alguma coisa na minha profissão. Se nós pensarmos que há profissões que nunca mais mexem em cola nem tesoura e nem pintam, e nós continuamos a ser um bocadinho de tudo: artistas plásticos, artistas de drama e teatro, continuamos a ler histórias e a ter</p>	<p>Esquecer/desprender o sentido de pessoa e passamos também a ser objetos.</p> <p>Possibilidade de reformular, reinventar e inovar.</p> <p>Meio em que nos movemos – Paulo Freire.</p> <p>Profissão muito abrangente</p>	
--	---	--

<p>aquilo que é de bom da nossa profissão e que nos é transmitido.</p> <p><b>Que princípios pedagógicos orientam a sua prática? E porquê?</b></p> <p>Prof. Ana – Na minha prática procuro que os princípios que me estruturam sejam o princípio da <b>autonomia</b>. Aos poucos e poucos vão criando a sua capacidade de <b>serem livres e de poderem escolher e fazer as coisas sozinhos</b>. Isso também é um treino e um caminho que devem ser feitos desde o início para que no futuro não fiquem “e agora o que é que eu faço?”. Outro tem que ver precisamente com o princípio da liberdade de escolha, de poder escolher, do pensar antes de agir, e de ver que tudo aquilo que eu faço e escolho tem uma consequência no futuro e que é isso que vai ditar a forma como eu penso e permite à criança autoestruturar-se e perceber “se eu fizer isto vou ter esta ou aquela consequência” e que se calhar é melhor agir de outra forma. <b>O trabalho colaborativo e cooperativo para mim faz muito sentido. É importante que o trabalho não seja individual. Que haja trabalho de grande grupo e que envolvam a turma toda, mas também trabalho com grupos mais pequenos em que eles próprios descubram e explorem e investiguem por si, e muito orientado também pelas próprias questões que já vêm deles. E claro que é sempre bom ter um ambiente feliz, alegre e com boa disposição para a aprendizagem. Uma criança que</b></p>	<p><b>Princípio da autonomia.</b></p> <p><b>O trabalho cooperativo.</b></p> <p><b>Bom ambiente</b></p>	
--	--	--

<p>não está disposta a aprender, e que não se sente bem na sala de aula, não aprende.</p> <p><b>Como coloca esses princípios em prática?</b></p> <p>Prof. Ana – O princípio do trabalho colaborativo: O trabalho que eles realizam pode ser em grande grupo com a turma toda ou em grupos mais pequenos e depois, dependendo da metodologia que estamos a utilizar, por exemplo se estamos a trabalhar em trabalho de projeto há uma série de etapas: o que já sabem sobre o tema, o que querem saber a seguir, e depois passam à fase da investigação e selecionam informação. Este projeto é todo feito por eles, obviamente com o apoio do adulto mas no final o objetivo é que o trabalho seja feito o mais autonomamente possível mas cooperativamente e ajudando-se entre pares. Depois há também o trabalho <b>mais de pares</b> que sendo um grupo mais pequeno permite uma troca direta de informação e também para aqueles alunos que têm mais necessidade de ajuda é um outro meio de ajudar. No fundo, estão a ser ajudados por um colega e estão mais de igual para igual e a maneira como a informação chega até eles também é diferente porque se for o professor é como uma verdade inquestionável que é imposta, e quando é o colega, podem duvidar e questionar e depois, de repente faz-se luz</p>	<p>Trabalho de pares</p>	
---	--------------------------	--

<p>e eles percebem porque é que é assim. O outro princípio, o da autonomia, está também relacionado com o trabalho cooperativo. No dia-a-dia é confrontá-los com as escolhas que têm de fazer e decidirem por eles mesmos. Claro que aqui nós também temos um papel muito importante porque por muita autonomia que tenha, não deixa de ser uma criança que por muito que pense nas suas questões, nem sempre consegue chegar à solução. E importa também nós fazê-los pensar sobre o assunto e regular as situações. A liberdade de escolha tem a ver também com a autonomia, ser capaz de escolher ,claro que às vezes nós também direcionamos um bocado as escolhas. A maior liberdade é aquela que é também limitada e existe um autor que defende “ nós somos livres dentro de limites” e enquanto não nos estivermos a colocar em perigo ou a magoar, a nossa liberdade está dentro do espaço e portanto penso que não faz mal nenhum colocar limites dentro dessa liberdade. A felicidade dentro da sala coloco-a em prática criando desde cedo uma relação com as crianças para que se sintam à vontade e acho que nisso a minha turma está muito à vontade. Andam sempre descalços como se estivessem na praia.</p> <p><b>Qual o papel do livro na Sala de Aula?</b></p> <p>Prof. Ana – o livro pode ter várias funções. Pode surgir como um</p>	<p>Autonomia e trabalho cooperativo.</p> <p>Liberdade e autonomia</p> <p>Segurança</p> <p>Ambiente descontraído e confortável.</p>	
---	--	--

<p>momento mais descontraído e de apenas contato com a leitura e fomentar o gosto pela leitura e ouvir histórias ou pode surgir como um elemento para futuras aprendizagens. Ser norteador daquilo que vamos trabalhar, quer na área da matemática, quer no estudo do meio, quer na língua portuguesa. Pode surgir nessas duas funções, depende depois do objetivo que a aula tiver.</p> <p><b>Considera o livro um mediador de aprendizagens? Porquê?</b></p> <p>Prof. Ana – O livro pode ser um ponto de partida para tudo. Se for um bom livro, e existem livros de literatura para a infância muito bons, pode a partir daquela história levar a vários caminhos. Agora como estou com o primeiro ano tenho utilizado muito, mais na área da língua portuguesa e depois tento fazer também a ponte com a matemática. Mas geralmente dá para trabalhar um bocadinho de tudo. Dá para trabalhar quer a letra ou sílaba, dá para trabalhar as diferentes tipologias dos textos, dá para trabalhar os vários conteúdos da matemática porque há sempre maneira de fazer a ponte com os conteúdos que estamos a trabalhar. Por exemplo agora estamos a trabalhar “O H perdeu uma perna” e uma forma de trabalhar o livro foi fazer a ponte para os números até cem e portanto fazer as contagens, por exemplo se todas as letras tivessem a olhar para o H quantos olhos</p>	<p>Gosto pela leitura.</p> <p>Livro como norteador de futuras aprendizagens.</p> <p>O livro é ponto de partida para tudo.</p>	<p>A leitura realizada por gosto</p> <p>O papel do professor na promoção do livro e da leitura.</p>
--	---	---

<p>olhariam? E se todas levantassem as mãos e os pés e aí houve uma ligação entre o livro e a matemática. Também na língua portuguesa aproveitei o livro para trabalhar com eles a ordem alfabética. Depende um bocadinho do tipo de livro. Quando trabalhamos por exemplo “ O Zonzo” que falava sobre o valor da amizade, a partir daí saiu uma proposta de texto sobre o melhor amigo, já que as personagens do livro “Zonzo e Edmundo” ficaram com uma amizade muito especial, com certeza todas as crianças têm também o amigo especial e saiu uma proposta de texto descritivo, que no fundo já é uma tipologia de texto muito específica para um final de primeiro ano mas que também lhes deu muito gosto fazer. A partir do livro dá para fazer um bocadinho de tudo.</p> <p><b>Como expressam as crianças o gosto pela leitura?</b></p> <p>Prof. Ana – O momento de leitura é um momento sagrado. Eles adoram. E então quando é criado aquele clima mais descontraído, sentado no chão, em cima da manta nas almofadas, alguns até se deitam para ouvir a história, depois também existem as crianças mais “impacientes” que querem ver as imagens e se nós não mostramos as imagens como deve ser também se aborrecem mas mostram o gosto pela leitura a forma como eles tentam interagir na história, e como</p>	<p>O livro é um potencial.</p> <p>Gosto pela leitura – interação</p>	<p>A leitura realizada por gosto.</p>
---	--	---------------------------------------



<p>perguntam, a maneira como estão a ouvir, e a atenção que dão ao livro mostra também o gosto pela leitura. Agora momento está de tal modo fomentado que eles próprios também querem trazer livros e como temos o momento do “ Ler, contar e mostrar” semanal, no início havia muito o trazer um animal de estimação, mostrar uma arte marcial, agora neste momento, como a leitura já lhes é muito íntima, já começam também a trazer os livros que leem em casa para lerem aos colegas. E isso também mostra que gostam de ler e que estão no bom caminho para serem bons leitores.</p> <p><b>Como chega o livro à Sala de Aula?O que pensa do Plano Nacional de Leitura (PNL)?</b></p> <p>Prof. Ana – O livro pode chegar através dos alunos, através dos momentos ler, contar e mostrar ou por vezes mesmo sem ser neste momento eles trazem livros que leem ou me pedem para ler, essencialmente no início quando ainda não estavam familiarizados com a leitura, mas também pode chegar por mim. Pode servir um objetivo muito específico de aprendizagem. Para trabalhar, no caso do primeiro ano, um quadro silábico ou uma letra, no caso do segundo ano, utilizo o livro de uma forma diferente e gosto dele para trabalhar diferentes tipologias de texto, portanto a partir do livro sai sempre um</p>	<p>com a história.</p> <p>O livro chega à sala de diferentes formas.</p>	
---	--	--

<p>guião de leitura e do guião saem várias propostas de escrita. No fundo é quase trabalhar por ateliers. Portanto, o livro pode chegar à sala de diferentes maneiras. Em relação ao PNL tenho noção da lista em relação ao meu ano de escolaridade mas para ser sincera não é propriamente um instrumento que me prenda. Algumas propostas do PNL são muito fraquinhas para o primeiro ano e não contemplam alguns livros que são belíssimos para trabalhar neste ano ou nos anos seguintes. Porque qualquer livro pode ser trabalhado todos os anos, depende da abordagem que é feita. Depende da maneira como o encaramos.</p> <p><b>Como organiza e gere a sala de aula de modo a promover o desenvolvimento do gosto pela leitura?</b></p> <p>Prof. Ana – Tenho a área da biblioteca a qual pode ser utilizada em vários momentos: no tempo das oficinas, onde é possível as crianças lerem e depois colocar o marcador de livros e continuar a ler mais tarde, e depois realizam uma ficha de leitura sobre a história que leram. Mas também qualquer momento que acabem mais cedo ou mesmo que no intervalo não queiram ir até ao pátio, têm a biblioteca disponível e depois há varias propostas que vamos fazendo, por exemplo esta semana mandei uma proposta para fazer em família e</p>	<p>O Plano Nacional de Leitura.</p> <p>Organização do tempo e do espaço.</p>	<p>O papel do professor na promoção do livro e da leitura.</p>
---	--	--

<p>chamei-lhe “Mimar a ler”. É um momento de leitura com a família. O objetivo é que eles levem a proposta para casa, escolham um livro que tenham na prateleira ou outro que queiram adquirir, arranjam um cantinho confortável para ler em família. Neste momento como já estão a ler sozinhos, o objetivo é que leiam a história aos pais e depois com a ajuda dos pais façam a ficha técnica do livro. Que tenham os elementos para textuais que temos andado a trabalhar e também para fazer um pequeno reconto que depois apresentarão à turma com o objetivo de suscitar o interesse por aquele livro, portanto o objetivo não é tanto eles lerem o livro à turma é a partir do reconto deixarem a vontade dos outros elementos da turma lerem o livro. Dando continuidade no próximo ano, o objetivo é eles trocarem entre eles estes livros que foram trabalhados agora. É só para fomentar aquele bichinho.</p> <p><b>O que pensa dos roteiros de leitura?</b></p> <p>Prof. Ana – Eu pessoalmente gosto muito de trabalhar a partir de roteiros de leitura porque a partir do livro, depois de ler e de ele ser trabalhado oralmente na sala de aula é sempre necessário haver uma proposta escrita e geralmente faço, agora com o primeiro ano, uma forma um bocadinho rotineira, lemos o livro, depois da leitura do livro</p>	<p>Projetos escola –casa.</p> <p>O Roteiro como ponto de partida.</p>	<p>O Roteiro como mediador de aprendizagens.</p>
--	---	--

<p>fazemos a exploração oral e a seguir podemos fazer logo a ficha, um guião de leitura sobre a interpretação do oral do que foi lido, ou então, fazemos o reconto e depois eles legendam o reconto e depois esse reconto é que servirá de texto base para trabalhar a sílaba que no início era aquela que eles conheciam, agora vai de acordo com as necessidades que eu vou encontrando na turma. Portanto como já estão a ler praticamente tudo, já não faz sentido vamos trabalhar aquela sílaba porque é a que todos conhecem, neste momento, faz sentido ver onde é que há mais questões ortográficas e o que é necessário ou não trabalhar. E quando eu trago essa proposta de livro já tenho definido na minha cabeça o que eu pretendo. Depois fazemos a lista de palavras do caso de leitura ou da sílaba que estamos a trabalhar nesse momento e depois daí poderá surgir propostas de texto. Fizemos agora uma proposta de texto descritivo, também já continuamos a história, fizemos um aviso. Neste momento eles estão a ter um contato com os diferentes tipos de texto, portanto ainda é tudo de uma forma muito simples. O objetivo é que para o próximo ano este trabalho seja continuado.</p> <p><b>Utiliza roteiros de leitura na sua prática?</b></p> <p>Prof. Ana – Sim e para além da língua portuguesa, sempre que</p>		
---	--	--

<p>possível faço uma ficha de matemática que vai de acordo com o conteúdo que estamos a trabalhar , mas mesmo que não seja o conteúdo matemático que estamos a trabalhar, é sempre fazer um problema, um desafio matemático relacionado com a história.</p> <p><b>Qual ou quais os pontos de partida necessários para elaborar um Roteiro de Leitura?</b></p> <p>Prof. Ana – Primeiro temos de ter um bom livro, é a primeira parte. Às vezes um bom livro não quer dizer que tenha muito texto, pode ser uma história muito curtinha e apostar muito na parte da imagem. Um bom livro também ganha pela ilustração. E a partir daí dá também para fazer imensas coisas. Por exemplo, estou-ma a lembrar de um livro que trabalhei, não com esta turma, foi um livro que em termos de texto é muito pequenino mas é muito rico em termos de imagem. O livro é “O meu gato é o mais tolo do mundo” e trabalhei a partir da desta história: gramática, texto descritivo porque tem as imagens dos diferentes gatos, trabalhei a carta informal e a formal, porque numa das imagens do livro aparece uma carta formal e apesar de ser uma carta diferente do que os alunos estão habituados a trabalhar, permite trabalhar diferentes vocábulos. O ponto de partida é ter um bom livro, e a partir da história criam-se várias propostas. É dar largas à</p>	<p>Roteiro – mediador.</p> <p>Bom livro é a base.</p> <p>Roteiro</p>	
---	--	--

<p><b>imaginação.</b> O livro “O meu gato é o mais tolo do mundo” tem uma página com diferentes quadros de pintores famosos, como o Monet, Manet, Picasso, Mondrian, tem imensos quadros e eles transformam e adaptam o quadro original à personagem que é o elefante. Portanto aparece retratado como o menino do tambor de Monet. Por isso dá para fazer um bocadinho de tudo. E a partir daí pode-se estudar a biografia do pintor. Este livro tem pouco texto, como referi anteriormente. À partida este livro pode ser trabalhado também no pré – escolar e neste caso foi trabalhado com uma turma de quarto ano. De seguida adaptamos o quadro de cada pintor onde os alunos recriaram os quadros de cada pintor à sua maneira.</p> <p><b>Como reagem as crianças a essa metodologia?</b></p> <p>Prof. Ana – Eles gostam. Para eles faz tudo muito sentido. Nós na nossa profissão nem sempre ficamos com a mesma turma. E então quando a turma não vem habituada com esta metodologia, quando choca com a metodologia de outros professores, quando já viram outro tipo de propostas, é muito interessante ver a receptividade que eles têm a este tipo de propostas é enorme. Porque depois tudo faz sentido e está tudo encadeado. Em relação à minha turma atual que começaram comigo, e têm estado sempre comigo, não lhes é estranho. Portanto,</p>	<p><b>Transdisciplinaridade.</b></p> <p><b>Reação das crianças.</b></p>	
--	---	--

<p>trazer um livro, eles sabem que a partir dali essa semana toda vai ser organizada em torno do livro e que a seguir virá outro livro. Depois todo o trabalho é desenrolado em torno do livro e para eles isso também faz muito sentido porque as propostas não surgem do nada, surge tudo encadeado e depois quando é uma história que eles gostam, eles quase que entram dentro da história e sentem-se como parte dela. E é- lhes muito intrínseco. Depois “arrastam” também a família para estas questões. Contam o que fizeram em casa e os pais perguntam: “Estás a ler uma história nova, como é que é?” e respondem “depois tu lês no reconto”. Já sabem que a seguir o texto que vamos trabalhar vai ser recriado por eles através do reconto. Costuma-se dizer “quem conta um conto, acrescenta um ponto”. E depois para eles é um apropriarem-se da história. A história que estão a trabalhar é deles, apesar de ter sido escrita por outra pessoa, quando a recontaram apropriaram-se dela, é deles, da turma e essas questões fazem todas muito sentido. Não há ali nada despegado da realidade deles.</p> <p><b>O que pensa da comparação “ o roteiro de leitura é como uma árvore”?</b></p> <p>Prof. Ana – É um comparação interessante. Agora depende, está a olhar para o roteiro de leitura como a raiz, e a partir daí surge tudo e</p>	<p>As crianças e as histórias</p>	
--	-----------------------------------	--

<p>mais alguma coisa. Pode ser nesse sentido. Portanto o livro pode ser a raiz da árvore, e depois do livro surge uma proposta e mais outra e mais outra que são os ramos e que depois ainda se ramificam em ramos mais fininhos e nas folhas e no fundo quando vamos a ver, do livro saiu um roteiro de leitura com propostas que poderiam nunca mais acabar. Poderíamos estar a trabalhar em torno do mesmo livro, no mínimo uma semana mas no máximo podemos andar duas, três semanas à vontade porque dali tudo se pode desenrolar. É fácil este trabalho prolongar-se e ramificar-se. A árvore... é uma interessante comparação.</p> <p><b>Gostaria de acrescentar alguma ideia ou mensagem a esta entrevista?</b></p> <p>Prof. Ana – Acho interessante estar a estudar a relação entre o roteiro de leitura e a forma como eles são aplicados na sala de aula porque ainda não li nada estruturado sobre esta questão. Portanto nós conhecemos o novo programa do português e das orientações do PNEP que falam muito nisto e assentam na metodologia do trabalho em atelier ou em roteiro de leitura mas no fundo ainda não há investigação neste âmbito e é interessante tentar perceber como é que os roteiros de leitura estão a ajudar nas aprendizagens das diferentes</p>	<p>Roteiro - árvore</p>
--	-------------------------



áreas. Acho o projeto muito interessante.		
---	--	--

## Anexo V

### Guião de Entrevista – Crianças

<b>Tema:</b>	As crianças e a leitura
<b>Objetivos gerais:</b>	<p>4) Compreender o que sentem e pensam as crianças dos livros e da leitura</p> <p>5) Perceber o que pensam das rotinas da sala de aula que estão relacionadas com a leitura</p> <p>6) O roteiro de leitura</p>
<b>Blocos Temáticos</b>	<p>H) Legitimação da entrevista</p> <p>I) Gosto pela leitura</p> <p>J) Espaço da sala</p> <p>K) Rotinas</p> <p>L) As histórias e as aprendizagens</p> <p>M) A leitura além portas</p>
<b>Estratégia</b>	<p>A entrevista é semi-estruturada;</p> <p>O guião está ordenado tendo em conta uma perspetiva de abordagem do mais lato para o mais focado.</p> <p>Procurar que os participantes clarifiquem e expliquem de forma mais natural possível as suas opiniões, perspetivas e pontos de vista em relação às perguntas efetuadas.</p>
<b>A- Legitimação da entrevista</b>	<p>Informar acerca dos objetivos da entrevista e do contexto em que surge;</p> <p>Valorizar a disponibilidade do participante;</p> <p>Garantir o anonimato e a confidencialidade;</p> <p>Agradecer a participação e contributo no estudo. Entrevista realizada num contexto natural para a criança. De preferência a sala de aula e/ ou recreio.</p>
<b>B - Gosto pela leitura</b>	<p>B1 Gostas de ler?</p> <p>B2 Qual o teu livro preferido? Porquê?</p>
<b>C - Espaço da sala</b>	C1 Onde gostas mais de ler?

	C2 Qual o teu espaço preferido dentro da Sala? Porquê?
<b>D - Rotinas</b>	D1 O que pensas do Momento Leitura? D2 E do momento LER, CONTAR E MOSTRAR? D3 Qual a atividade que mais gostas de fazer depois de ouvires ou leres uma história em sala de aula?
<b>E - As histórias e as aprendizagens</b>	E 1 Gostas mais de trabalhar a partir das histórias, do manual ou de outra forma? Qual?
<b>F - A leitura além portas</b>	F1 O que sentes quando lês? F2 Lês livros em casa? F3 Achas que podes comparar um livro a uma árvore? Porquê?
<b>G - Considerações Finais</b>	G 1 Gostarias de acrescentar alguma ideia?

## **Anexo VI**

### **Entrevista Crianças**

#### **Identificação dos Entrevistados**

O Tiago tem (7 anos e 4 meses). A Maria tem ( 7 anos e 3 meses). A Cristiana tem (7 anos e 2 meses) e a Catarina (7 anos e 11 meses). As quatro crianças entrevistadas frequentam o 2º ano do 1º ciclo.

#### **Condições de realização da Entrevista**

A entrevista foi realizada na Ludobiblioteca da Escola. Primeiro comecei por combinar o dia e horário com a professora da turma. Marcámos as entrevistas para a parte da manhã no dia 24 de maio. Eu cheguei à sala e aleatoriamente pedi que uma criança viesse ter comigo. De seguida pedi que fossem à Biblioteca da Sala e que se fizessem acompanhar do livro que mais gostavam. Perguntei se me queriam ajudar a realizar um trabalho e acompanhados do livro escolhido fomos para o local referido acima. Foi pedido que trouxessem um livro de modo a que a entrevista começasse a partir de um gosto pessoal deles e também como objeto transitivo, pois apesar de continuarem no espaço da Escola, saíram da sua sala de referência. Cada entrevista durou em média 15 minutos. O ambiente foi de descontração e muitos risos a acompanhar.

### Entrevistas, Indicadores e Categorias

Entrevistas	Indicadores	Categorias
<p><b>Entrevista às crianças Tiago (T), Maria (MP) Maria, Cristiana (CR) e Catarina (CF)</b></p> <p>- (...) Gostas de ler?</p> <p>T – Sim.</p> <p>MP- Gosto.</p> <p>CR- Gosto.</p> <p>CF- Sim.</p> <p>– <b>Qual o teu livro preferido? Porquê?</b></p> <p>T – “ O casamento da gata”. Porque tem um casamento que não é normal de acontecer. Os gatos, as gatas e outros animais não casam. Nas histórias casam. É realidade.</p> <p>MP – “A pequena estrela”. Porque tem muitas coisas giras e esquisitas que eu nunca vi. Como por exemplo o rei-peixe e a árvore da sabedoria.</p> <p>C.R – È um livro que eu tenho em casa que “é este” (levanta-se e vai buscar o livro à prateleira na biblioteca) “365 histórias de</p>	<p>Todas as crianças gostam de ler.</p>	

<p>encantar” e a que eu gosto mais é a “ O natal do compadre leão”. Porque tem muitas histórias e há histórias muito engraçadas neste livro.</p> <p>CF – É o pequeno azul e o pequeno amarelo porque há dois amigos que depois eles se tornam verdes porque azul e amarelo dá verde. Deram um abraço tão forte que ficaram verdes.</p> <p><b>Onde é que gostas mais de ler?</b></p> <p>T – Em casa no quarto porque estou sossegado, e consigo ler em paz.</p> <p>MP – Na biblioteca. Em todas as bibliotecas.</p> <p>MR – O sítio onde eu mais gosto de ler é quando estou deitada na minha cama porque a história ajuda-me a adormecer melhor.</p> <p>CF – No meu quarto.</p> <p><b>Quando estás na sala de aula qual o teu local preferido?</b></p> <p>T – É na biblioteca porque é o sítio onde estou mais confortável na sala. Tem as almofadas, tem mais livros para nós lermos.</p> <p>MP – Das expressões porque se faz muitas pinturas e está-se em silêncio. Gosto de pintar.</p> <p>CR – É as expressões porque nas expressões fazemos muitas coisas</p>	<p>Três das crianças preferem ler em casa. Uma na biblioteca. Todas procuram o silêncio.</p> <p>Duas crianças preferem a biblioteca e duas as expressões. A CR descreve um trabalho que realizou de expressão plástica a partir da história.</p>	
---	--	--

<p>divertidas e em conjunto. Fizemos “O zonzo e o cabritinho”. Fizemos a história em cartão e com vozes para enviarmos para o concurso do “livro” a ver se eramos os vencedores. Gostei mais da parte em que era eu a ler a parte que o zonzo subia a montanha e salvava o cordeirinho, o Edmundo.</p> <p>CF – É a biblioteca porque tem lá muitos livros que eu posso ler.</p> <p><b>O que pensas do Momento de leitura?</b></p> <p>T – Vou sempre buscar este livro, às vezes não mas às vezes vou buscar. Podemos praticar a nossa leitura. Lemos para nós. Nós podemos ler o que nós quisermos da biblioteca ou de casa.</p> <p>MP – À segunda-feira. Penso que é bom ler porque aprendemos a ler melhor, mais rápido e a respeitar os sinais de pontuação e aprendemos mais coisas que não sabemos e muitas aventuras nos livros.</p> <p>CR- É muito bom porque eu leio sempre as minhas histórias preferidas que não tenho em casa e que eu gosto mais. Vou buscar os livros à biblioteca da sala.</p> <p>CF – Acho que é muito giro porque podemos escolher o livro que quisermos e depois podemos lê-lo.</p> <p><b>O que pensas do Momento ler, contar e mostrar?</b></p>	<p>Todas as crianças valorizam este momento. Porque: existe liberdade; aprendem a ler melhor porque praticam a leitura.</p> <p>Partilha de textos histórias</p>	<p>A Leitura realizada por gosto.</p>
---	---	---------------------------------------

<p>T – Acho que também é importante porque podemos <b>partilhar</b> as nossas escritas aos nossos colegas e eles assim podem saber o que é que nós pensamos na nossa imaginação, o que nós fizemos.</p> <p>MP – É a vontade de <b>partilhar</b> as coisas com os nossos colegas.</p> <p>CR – É muito giro porque nós vamos lá à frente lemos as histórias, os textos e os <b>nossos colegas ficam a saber mais sobre o que é que nós fizemos e nas histórias o que nós imaginamos. E às vezes o que estamos a pensar.</b></p> <p>CF- Acho que é muito giro porque <b>posso ler o que escrevi e depois os outros podem dar a sua opinião.</b> Também leio histórias.</p> <p><b>Qual a atividade que mais gostas de fazer depois de ouvires uma história?</b></p> <p>T – Fazer logo o registo desse livro. Para ficarmos a saber que “já li este livro” e que gosto muito deste livro. No registo escrevemos o nome do livro, depois escrevemos a data em que lemos, e depois as páginas que tem.</p> <p>MP – Imaginar como é que ela vai continuar e como vai completar a coleção dos livros.</p> <p>CR – A atividade que eu gosto mais de fazer a seguir é ser eu a contar uma história. Adoro histórias.</p>	<p><b>escritas pelas crianças ou em livros, imaginação.</b></p> <p><b>Valorização da opinião dos outros.</b></p>	<p><b>Gosto pela leitura</b></p>
---	--	----------------------------------



<p>CF – Gosto de fazer o resumo da história para depois ficar a lembra-me da história.</p> <p><b>Gostas mais de trabalhar a partir de uma história, do manual ou de outra forma? Qual?</b></p> <p>T– A partir das histórias porque ficamos a saber a imaginação dos autores e ficamos a saber mais sobre eles. O que eles mais gostam. Nos manuais são textos que podem ser na realidade ou imaginação. Eu acho que esses autores que escrevem esses textos também têm tanta imaginação como nós. Podem ser ou pequenos ou grandes. Como nós, nós somos pequeninos mas escrevemos histórias. Eu acho que nós somos como eles. Nós na sala “fazemos” imensas profissões: escritor, cozinheiro, às vezes fazemos comida, construtor de histórias, carpinteiro, cientista.</p> <p>MP – Trabalhar a partir das histórias porque é giro e porque os exercícios ficam mais “bem-feitos”. As respostas ficam mais certas.</p> <p>CR- Eu gosto mais de trabalhar em língua portuguesa porque às vezes no início nós ouvimos uma história e depois fazemos em conjunto e no fim temos de pintar com cores. Através de histórias porque eu adoro histórias.</p> <p>CF – A partir de histórias, porque assim podemos aprender mais</p>	<p>Todas as crianças preferem trabalhar a partir de histórias.</p>	<p>O Roteiro como mediador de aprendizagens.</p>
---	--	--

<p>sobre essa história.</p> <p><b>O que sentes quando lês?</b></p> <p>T – O que eu sinto quando leio é que as <b>imaginações das histórias vêm para dentro de mim para ter mais imaginação quando escrevo as histórias.</b></p> <p>MP- Muitas coisas, por exemplo sinto <b>que estou dentro desse livro a fazer tudo.</b></p> <p>CR – Quando eu <b>leio eu sinto que estou num mundo cheio de histórias onde posso ler tudo o que eu quiser. Sou a minha personagem preferida. Como na “caracóis dourados” eu sou a caracóis dourados.</b></p> <p>CF – <b>Sinto que entro numa história. Um dia eu li uma história e depois... ontem eu li uma história e depois eu sonhei</b> que fui para o Japão de carro com a minha avó e depois fui para uma casa e depois voltamos para casa num jato.</p> <p><b>Lês em casa?</b></p> <p>T – <b>Leio.</b></p> <p>MP – <b>Sim. Ainda na sexta-feira pedi ao pai para comprar aquele livro da “Sereiazinha”. Gosto muito deste livro. É a continuação de outro. Agora “a bruxa tinha morrido e depois a sereia casou-se e ficou com pés e com voz.</b></p>	<p><b>Imaginação que entra e que permite ter mais imaginação.</b></p> <p><b>Estar dentro do livro.</b></p> <p><b>Entrar na história.</b></p> <p><b>Todas as crianças leem em casa.</b></p>	<p><b>Gosto pela leitura</b></p>
---	--	----------------------------------

<p>CR- <b>Sim. Costumo quando vou dormir.</b> Em casa do meu pai eu tenho uma cómoda cheia de livros para ler. E em casa da minha mãe só tenho este livro. ( aponta para 365 histórias de encantar). 365 histórias.</p> <p>CF – <b>Muitos!</b> E já li um livro inteiro com 337 páginas. Era um do Gerónimo Stilton.</p> <p><b>Consegues comparar o livro a uma árvore?</b></p> <p>T – Às vezes sim. Imagino uma história, por exemplo, tem uma árvore e <b>essa árvore é um livro.</b> E dentro dessa árvore tem a história que conta como é essa árvore.</p> <p>MP – De vez em quando. Por exemplo, vejo uma menina no livro, a imagem que o senhor, que é o ilustrador, fez, uma menina a arrancar flores. <b>Faz-me lembrar uma árvore.</b></p> <p>CR – Sim, sim, sim. <b>Uma árvore a ler uma história.</b> Já vi na “Escola virtual do 4º ano”. Desenhar a história na árvore com pauzinhos.</p> <p>CF- <b>Porque é feito de papel e a capa é feita com cartão que é o tronco da árvore. Os ramos o título, a raiz a editora.</b></p> <p><b>Gostavas de acrescentar alguma ideia ou aconselhar porque é bom ler?</b></p> <p>T – Eu diria a uma pessoa que não gostasse de ler “ <b>Olha se</b></p>	<p><b>Através da leitura aprendem</b></p> <p><b>mais e têm mais imaginação.</b></p>	
--	---	--

<p>quiseres ler, lê, mas se não quiseres, nunca vais aprender a ler”  porque essa pessoa não lê os livros e depois quando quisesse escrever  os textos ou as histórias não tinha imaginação.</p> <p>MP – É bom ler porque é divertido e engraçado porque faz-nos  imaginar que estamos a viver nessas histórias e que estamos a navegar  num barco a viver esta aventura.</p> <p>CR - Não.</p> <p>CF- Sim. Que gosto de saber mais e quando lemos aprendemos  mais.</p>		
---	--	--

## **Anexo VII**

### **Diários**

#### **Apresentação dos dados brutos coligidos no terreno**

- Diário Nº1
- Diário Nº2
- Diário Nº3
- Diário Nº 4
- Diário Nº 8
- Diário Nº11
- Diário Nº14
- Diário Nº15
- Diário Nº16
- Diário Nº17

Diário				Nº 1																
<b>Situação:</b> Momento de Leitura <b>Data:</b> 26/11/2012 <b>Hora:</b> 9h15 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> Turma de 2º ano <b>Dados do Observado</b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7 anos																				
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> segunda-feira 1º tempo da manhã.																				
Descrição			Inferência																	
<p>As crianças pegam num livro (no seu livro) e manipulam e realizam a sua leitura por puro prazer.</p> <p>Os livros pertencem, alguns às próprias crianças, outros à biblioteca da turma.</p> <p>Este momento tem a duração de 40 minutos.</p> <p>O registo deste momento é realizado numa folha que tem a seguinte estrutura:</p> <p style="text-align: center;"><b>Registo de leituras</b></p> <p>Nome: _____</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Título do livro</th> <th>Quando comecei</th> <th>Quando acabei</th> <th>Nº de páginas</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> </tbody> </table>			Título do livro	Quando comecei	Quando acabei	Nº de páginas													<p>O facto de trazerem o livro de casa cria um elo extremamente significativo: a escola e a casa não estão separadas. Pelo contrário, este momento de leitura permite criar pontes onde o mesmo livro pode ser lido em espaços diferentes.</p> <p>O registo das leituras realizadas permite ajudar a criar memória do processo evolutivo. Quando começa e termina o livro... quantas páginas tem o livro. Se repito a leitura de algum livro.</p>	
Título do livro	Quando comecei	Quando acabei	Nº de páginas																	

<p>As crianças estão em silêncio. É interessante observar que algumas mudam de livro várias vezes durante os 40 minutos, o que significa que procuram essencialmente imagens e poucas frases. Outras porém, leem o mesmo livro durante os 40 minutos, e no final do tempo colocam o marcador na página em que ficaram para posteriormente continuarem a sua leitura.</p>	
<p align="center"><b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b></p>	
<p>É interessante como os diferentes ritmos de aprendizagem se manifestam na seleção dos livros. Algumas crianças procuram essencialmente livros com frases curtas e muitas ilustrações, outras porém selecionam livros com um maior número de páginas e com pouca ilustração.</p> <p>O programa de português do 1º ciclo, homologado em 2012, vem reforçar a ideia de reforçar o contato com diferentes experiências de leitura. Relativamente aos dois primeiros anos de ensino (1º e 2º ano) é defendido o seguinte:</p> <p align="center">“O convívio frequente com textos literários adequados à faixa etária dos alunos assume uma importância fundamental neste ciclo, tal como a descoberta de diversas modalidades de texto, escritos e multimodais. As diferentes experiências de leitura, com fins e em contextos diversificados, possibilitam o desenvolvimento da velocidade e da fluência imprescindíveis à sua formação enquanto leitores, num trabalho diário com materiais de natureza e objetivos variados.”</p> <p align="right">(Reis, et al., 2009, pp. 22-23)</p>	

Diário		Nº2
<p><b>Situação:</b> Ler, contar e mostrar e momento de escrita  <b>Data:</b> 27/11/2012      <b>Hora:</b> 9h20      <b>Local:</b> Sala de aula  <b>Intervenientes:</b> Turma de 2º ano  <b>Dados do Observado</b>  <b>Sexo:</b> F; M      <b>Idade:</b> 7 anos</p> <p><b>Outros Indicadores de Contexto:</b> terça-feira.</p>		
Descrição	Inferência	
<p>O dia começa com partilha de apresentações. A <b>Bianca</b> (8 anos e 10 meses) foi a primeira, trouxe o livro “Marley um Natal desastrado”. A leitura foi realizada em frente ao quadro. No final duas crianças comentam a prestação da colega, dando mesmo pistas em relação à leitura, postura...</p> <p>De seguida o <b>Salvador</b> (7 anos e 7 meses) apresenta um texto escrito por ele. Pega no seu caderno de escrita livre e lê um texto sobre o seu pai. O caderno de escrita livre, como nome indica, é um caderno que anda sempre com a criança casa- escola e onde a criança é livre de escrever o que quiser. Uma vez por semana a professora leva todos os cadernos para casa para ler, corrigir e dar algum conselho que seja necessário.</p> <p>O <b>Tiago</b> (7 anos e 4 meses) lê o caderno do Cinzentinho. Lê com</p>	<p>O momento Ler, contar e mostrar é um tempo onde as crianças apresentam o que quiserem. Podem ler uma parte de um livro, ou livro inteiro se for pequeno, podem apresentar um texto do caderno de escrita livre, caderno do cinzentinho que é o hamster da turma, desenhos, histórias criadas por eles. É um tempo de partilha.</p> <p>É interessante no final de cada apresentação duas crianças comentarem a apresentação realizada. Para além da opinião em relação ao conteúdo mostrado, as crianças comentam a postura dos colegas em relação à leitura, ao tom de voz. São verdadeiros comentadores uns dos outros.</p>	



<p>o caderno em frente à cara e a professora dá a indicação que deve ler novamente com o caderno para baixo.</p> <p>A professora pede às crianças para me explicarem como e porquê surgiu aquele caderno: todos os fins-de-semana o Cinzentinho que é o hamster da turma vai para casa de uma criança da turma e esse caderno serve para registar/fazer um texto para ler à turma.</p> <p>De seguida a professora pega no livro “A história da pequena estrela” e fazem em turma uma pequena contextualização/ponto de situação da história. A professora começa a ler o último capítulo e fica a meio pois das reticências “A pequena estrela encontrou a árvore da sabedoria, esta arrancou uma parte do seu tronco com um novo mapa...” das reticências nasce a proposta de texto que deve conter:</p> <p>Referir o caminho</p> <p>Quanto tempo vai demorar</p> <p>Nome do lugar para onde vai.</p> <p>As crianças pedem para realizar o trabalho a pares.</p> <p>É importante referir que foram as crianças a pedir para trabalharem a pares.</p>	
---	--

<p>Alguns pares trabalham melhor. Um dos pares que ficou para último não mostraram grande vontade de trabalharem juntos mas, na verdade, foi um dos grupos que trabalhou melhor.</p> <p>A professora lê os textos realizados em voz alta mas não diz quem foram os autores.</p>	
<p align="center"><b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b></p>	
<p>A história “A pequena estrela” está a ser trabalhada em sala de aula. A professora começa a ler o último capítulo mas não o termina. Deixa em aberto numa frase motivadora e misteriosa: “A pequena estrela encontrou a árvore da sabedoria, esta arrancou uma parte do seu tronco com um novo mapa...” a partir desta parte da história surge uma proposta de texto. A língua portuguesa é trabalhada a partir da história. A professora entrega a cada par um plano de trabalho que devem seguir como orientação.</p> <p>No final e após correção dos textos realizados pela professora e por mim, os textos são lidos sem referir o autor. As histórias inventadas pelas crianças fluem sem ser atribuído um rosto.</p> <p>As crianças criam histórias a partir da história narrada. Criam uma ação encadeada numa outra ação (Meireles, 1998).</p>	

Diário		Nº3
<b>Situação:</b> Ler, contar e mostrar <b>Data:</b> 29/11/2012 <b>Hora:</b> 9h25 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> Turma de 2º ano <b>Dados do Observado</b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7 anos		
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> quinta-feira.		
Descrição	Inferência	
<p>O dia começa com o momento de “Ler, contar e mostrar”. O primeiro menino a ler tem uma fluência excelente na sua leitura. Depois de ler, dois colegas fazem comentários ou sugestões.</p> <p>De seguida a professora lê o último capítulo da história “A pequena estrela”. No decorrer da sua leitura aparece a palavra “disfrutará”. Algumas crianças perguntam o que significa. Outras duas crianças levantaram prontamente a mão e responderam: “significa aproveitar”. A dúvida foi esclarecida e a professora continua a leitura.</p> <p>Houve um momento da história em que chegámos à frase “O elefante não esquece os passos que dá...” A propósito desta frase, a professora foi buscar a mascote da turma que é também um elefante, e desta frase nasceu um momento muito bonito:</p>	<p>O livro “A pequena estrela”, surge mais uma vez, como ponto de partida para a língua portuguesa, para a expressão plástica e estudo do meio.</p>	

<p>A professora pediu que cada criança recordasse um momento especial. Cada criança disse o seu. Eu perguntei à professora se podia fazer com as crianças a mascote da turma. Pegámos em papel de cenário e começámos a desenhar o elefante de seguida pintámo-lo, desenhámos e recortámos pegadas e colámos as frases que cada criança disse. Escolhemos em conjunto um local para colocar a nossa obra.</p>	
<p align="center"><b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b></p>	
<p>A história que surge como motor para a língua portuguesa a nível do significado da palavra “disfrutarás” e para a expressão emocional das crianças.</p> <p>Este mesmo momento de partilha de momentos especiais deu mote a uma atividade de expressão plástica onde foi realizado um elefante e onde foram colocadas pegadas com as frases dos alunos.</p> <p>O momento de ler, contar e mostrar é um tempo de partilha como referem as crianças na entrevista” é importante porque podemos partilhar as nossas escritas aos nossos colegas” diz o Tiago e “é a vontade de partilhar as coisas com os nossos colegas”, diz a Maria. A leitura oferece autonomia e liberdade para exercer a cidadania e participar de forma ativa na sociedade A turma é uma micro- sociedade onde a criança se expressa enquanto ser individual e social (Bastos, 1999).</p>	

Diário		Nº4
<p><b>Situação:</b> Autora do livro “A pequena Estrela” vem à Escola</p> <p><b>Data:</b> 04/12/2012      <b>Hora:</b> 13h30      <b>Local:</b> Sala de aula e refeitório</p> <p><b>Intervenientes:</b> Turma 2º ano na sala e 1º, 2º, 3º e 4ºanos - Encontro com a escritora Rosária Alçada Araújo.</p> <p><b>Dados do Observado</b></p> <p><b>Sexo:</b> F; M      <b>Idade:</b> Entre 6 e 10 anos</p> <p><b>Outros Indicadores de Contexto:</b> terça-feira.</p>		
Descrição	Inferência	
<p>Hoje é o dia de vir à escola a autora do livro que tem sido trabalhado em sala de aula “A História da Pequena Estrela”. Para tal é necessário afinar os últimos pormenores: quem faz as perguntas pré estabelecidas, quem entrega a caixa com as prendas... todas as crianças colocaram a mão no ar a professora explicou que quem lê as perguntas não pode dar a caixa. Não é justo uma criança ter duas tarefas e outras não terem nenhuma. A distribuição de tarefas continuou de forma tranquila.</p> <p>“A História da Pequena Estrela” foi trabalhada no decorrer do 1º período e fez-se um levantamento de algumas das atividades realizadas em torno da história:</p> <p>Ao longo de várias semanas foi explorado cada capítulo do livro "A História da Pequena Estrela"...</p>	<p>A importância de recapitular o percurso realizado.</p> <p>O momento alto de receber a autora da história.</p> <p>O contato com um escritor.</p> <p>O envolvimento das famílias no acolhimento da escritora.</p>	

<p>Esta foi uma história que ajudou a refletir muito acerca de vários aspetos da nossa vida.</p> <p>Fomos à conquista do Lugar dos Grandes Corações, imaginando como seria um lugar com este nome e, depois, descrevemo-lo para que todos pudessem perceber ainda melhor como é o nosso Lugar dos Grandes Corações...</p> <p>Compreendemos que cada um de nós tem várias Árvores da Sabedoria na sua vida, são todas as pessoas que nos ajudam...</p> <p>Com a Pequena Estrela, vivemos uma nova aventura e descobrimos outros mundos...</p> <p>Recordámos os passos que demos juntos</p> <p>"o elefante não esquece os passos que dá..."</p> <p>A seguir ao almoço chegou o esperado momento de estar com a autora da história que durante tantas semanas foi trabalhada dentro da sala:</p> <p>Para além do 2º ano todos os meninos do 1.º CEB e famílias trabalharam esta história e prepararam o espaço para receber a autora da história Rosário Alçada Araújo a quem fizeram algumas perguntas: onde se inspira? Como se sente quando escreve? Onde gosta de escrever? Foi uma visita muito especial e, para agradecer,</p>	
---	--

foi oferecida uma caixa mágica com objetos simbólicos: uma caneta em forma de árvore, um bloco e fantoches para inspirar uma nova história.	
<b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b>	
O encontro com um escritor requer uma preparação cuidada. Para que os alunos se envolvam é necessário conhecer, pelo menos, uma das obras do escritor e tenham preparado uma entrevista (Magalhães, Alçada, Maximino, & Cabral, 1998) para além destes preparativos, as crianças enfeitaram uma caixa e fizeram uma caneta para oferecer à autora.	

Diário			Nº8
<b>Situação:</b> Acróstico <b>Data:</b> 15/01/2013 <b>Hora:</b> 9h30 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> 2º ano <b>Dados do Observado</b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7/8 anos			
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> terça-feira.			
Descrição	Inferência		
A poesia foi o mote. Acompanhada pelo livro <i>“As Fadas Verdes”</i> e pelo quadro <i>“A árvore da vida”</i> de Gustav Klimt. Foi pedido que as crianças fizessem um acróstico a partir da palavra árvore. O texto poético gera-se normalmente em redor de uma emoção, sentimento, ideal... neste caso seria em redor da árvore. O mesmo tema pode ser abordado de maneiras diferentes: a poesia e a pintura – ambos trabalhando o tema “Árvore”.	Poesia com o livro “As fadas verdes” de Matilde Rosa Araújo. Obra de arte “A árvore da vida” de Gustav Klimt. Língua portuguesa. Expressão plástica.		
Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)			
Os acrósticos realizados deram origem a uma representação plástica da árvore... uma árvore com letras...Na minha opinião foi criado plasticamente um poema visual.  Os jogos poéticos fazem mais parte do processo do que do fim em si (Guedes, 2000). O livro <i>As Fadas Verdes</i> surge como mote. Poesia que gera escrita. O jogo de palavras permitiu a realização de acrósticos com a palavra árvore. “A leitura alimenta-se de outras leituras” (PNL).  As diferentes experiências de leitura, com fins e em contextos diversificados, possibilitam o desenvolvimento da velocidade e da fluência			



imprescindíveis à sua formação enquanto leitores, num trabalho diário com materiais de natureza e objetivos variados.”

(Reis, et al., 2009)

O livro habita a sala de aula de forma variada e segundo esta perspetiva, Bastos defende:

É indiscutível a importância que atualmente se atribui à questão da leitura. Se o contexto social e cultural dos nossos dias se revela particularmente aberto às mais diferentes formas de comunicação, também é verdade que a leitura se assume igualmente como uma prioridade educativa.

(Bastos, 1999)

Diário		Nº11
<b>Situação:</b> Realização de um texto descritivo a partir da história “O palhaço verde” <b>Data:</b> 07/02/2013 <b>Hora:</b> 11h <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> 2º ano <b>Dados do Observado</b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7/8 anos		
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> quarta-feira.		
Descrição	Inferência	
<p>Hoje as crianças começaram o dia com o desafio de realizar um texto descritivo a partir do texto “O palhaço verde”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nome verdadeiro; idade; onde vive;</li> <li>- Porque decidiu ser palhaço;</li> <li>-Descrição física e psicológica do palhaço utilizando as comparações.</li> </ul> <p>O texto é realizado a pares e são as crianças que escolhem o seu par. As crianças estão contentes e divertidas. A professora lança um desafio: cada par deve tirar (de um conjunto possível) uma frase que ajude na descrição do palhaço, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Palhaço colorido como um arco-íris.</li> <li>- Palhaço alto e magro como um esparguete.</li> <li>- Palhaço vermelho como um tomate.</li> </ul>	<p>Tipologia textual.</p> <p>Realização de um trabalho de expressão plástica.</p>	

<p>Após realização do texto, o mesmo é corrigido por mim ou pela professora. De seguida passado a limpo para outra folha e posteriormente realizam a atividade de expressão plástica onde devem desenhar o palhaço que descreveram.</p> <p>Os trabalhos depois de finalizados são expostos na sala.</p>	
<p align="center"><b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b></p>	
<p>A propósito deste livro foi realizado um texto descritivo sobre um palhaço ao qual as crianças deveriam atribuir uma série de características. Após a realização do texto, foi pedido que o ilustrassem. Desse modo, esta tarefa partiu do livro e para além do texto descritivo foi também realizado um trabalho de expressão plástica, demonstrando assim o caráter transversal e transdisciplinar do livro [arte]. No contexto da animação da leitura, em que o livro é o centro de atividades continuadas e regulares é fundamental criar contextos de intertextualidade, partindo do texto e regressando sempre ao texto (Prole, 2008).</p>	

Diário		Nº14
<b>Situação:</b> A maior flor do mundo - laboratório <b>Data:</b> 18/02/2013 <b>Hora:</b> 13h30 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> 2º ano <b><u>Dados do Observado</u></b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7/8 anos <b>Outros Indicadores de Contexto:</b> sexta-feira.		
Descrição	Inferência	
<p>Foi levado para a sala de aula o livro “A maior flor do mundo” de José Saramago. A história foi projetada em power point para que fosse visível para toda a turma. Foi colocada em projeção a capa do livro. Foi explorada a capa do livro no sentido de perceber pistas sobre a história. Após a exploração da capa foi realizada a leitura da história. De seguida começou a ser explorado o tema de estudo do meio – as plantas numa abordagem onde é necessário ter em conta os cuidados a ter com as plantas: luz, água, carinho...</p> <p>Após reflexão sobre o tratamento correto cada criança semeou num algodão embebido em água e de seguida colocou num frasco o seu feijão ou grão. Foi distribuído por cada criança uma tabela onde deviam registar o crescimento da planta durante algumas semanas.</p>	<p>O livro permitiu abordar a língua portuguesa, o estudo do meio e a matemática.</p>	

<b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b>
<p>O livro <i>A maior flor do mundo</i> de José Saramago permitiu abordar o Estudo do Meio e neste ponto saliento o facto de “os textos literários terem o poder de levantar questões morais e éticas na sala de aula. As tarefas e atividades que programamos para explorar estes textos devem encorajar os nossos alunos a explorar estes temas e a ligá-los com a luta por uma sociedade melhor” (Silva, Bastos, Duarte, &amp; Veloso, 2011). No Diário nº 14 é também importante referir o fato da história ter sido projetada assim como a exploração da capa. A dinamização do livro pode concretizar-se através da expressão plástica, expressão dramática, expressão oral / escrita (Bastos, 1999). A reflexão realizada sobre o tratamento correto das plantas deu-se a nível da expressão oral e escrita.</p>

Diário		Nº15
<b>Situação:</b> 200 amigos (ou mais) para uma vaca <b>Data:</b> 31/01/2013 e 21/02/2013 <b>Hora:</b> 11h15 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> 2º ano <b><u>Dados do Observado</u></b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7/8 anos		
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> quinta-feira		
Descrição	Inferência	
A partir da história “200 amigos (ou mais) para uma vaca foi realizada uma ficha de língua portuguesa, que para além das perguntas de interpretação, era pedida às crianças que respondessem a questões relacionadas com gramática como a ordenação alfabética, a classificação silábica, colocação de sinais de pontuação e através de imagens e frases retiradas do livro, foi realizada uma ficha de matemática. Esta ficha teve como objetivo rever a tabuada do 2, do 3 e do 4 numa perspetiva didática e lúdica.	O livro permitiu abordar a matemática, mais concretamente a revisão das tabuadas aprendidas até ao momento e também a língua portuguesa.	
<b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b>		
A promoção da leitura responde a um duplo sentido: por um lado à criação de hábitos de leitura e de desenvolvimento de competências de compreensão leitora e devem ser incluídas no próprio processo educativo (Prole, 2008).		
A matemática chega à sala de aula a partir da história <i>200 amigos (ou mais) para uma vaca</i> e pretende trabalhar o tópico operações com		

números naturais com o objetivo específico de compreender a multiplicação nos sentidos aditivo e combinatório (Ponte, et al., 2007)

Diário		Nº16
<b>Situação:</b> Ler, contar e mostrar <b>Data:</b> 28/02/2013 <b>Hora:</b> 10h15 <b>Local:</b> Sala de aula <b>Intervenientes:</b> 2º ano <b>Dados do Observado</b> <b>Sexo:</b> F; M <b>Idade:</b> 7/8 anos		
<b>Outros Indicadores de Contexto:</b> quinta-feira.		
Descrição	Inferência	
<p>No momento de ler, contar e mostrar foram apresentar as suas seleções de textos três crianças. A <b>Maria</b> (7; 3) apresentou um texto sobre a sua madrinha no caderno de escrita livre, a <b>Rosa</b> (7; 5) apresentou um acróstico e um resumo da história “O lobo e o cordeirinho” e o <b>Ricardo</b> (7;7) apresentou o texto do caderno do cinzentinho.</p> <p>Após a leitura duas crianças dão a sua opinião em relação ao que ouviram. Após a leitura da <b>Maria</b> a <b>Rosa</b> dá a seguinte opinião “Gostei do texto e de te ouvir ler”. E o RB diz: “Gostei deste texto. Estás a ler mais alto e já não colocas o caderno à frente da cara.”</p> <p>Após a leitura da <b>Rosa</b> a <b>Bela</b> (7;1) diz que gostou de ouvir o acróstico e o <b>Ricardo</b> dá os parabéns à colega e diz para ela continuar assim.</p>	<p>O cinzentinho é o hamster da turma. Existe um caderno que acompanha as idas que o animal de estimação da turma realiza aos fins-de-semana. As crianças registam esta estadia escrevendo um texto, tirando fotos ou realizando um desenho.</p>	



<p>O <b>Ricardo</b> relatou a ida do Cinzentinho à sua casa e realizou um desenho que também apresentou aos colegas. O <b>Tiago</b> (7;4) dá a sua opinião dizendo “ gosto do que escrevemos no caderno do cinzentinho. Podias pintar o desenho e fazer textos maiores”. E a <b>Eduarda</b> (8;1) diz que gostou de ouvir mas que concorda com o <b>Tiago</b>.</p>	
<p><b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b></p>	
<p>A escola é um dos locais privilegiados para o contacto com o livro e dentro de uma turma nem todos têm o mesmo ritmo de leitura. O primeiro ciclo do ensino básico é o local eleito para a leitura recreativa possa ter lugar. Se os professores acreditam no papel importante do livro e da leitura devem então começar por encontrar momentos de leitura livre (Bastos, 1999).</p> <p>O momento de Ler, contar e mostrar é um tempo onde cada criança, com o seu próprio ritmo, apresenta aos colegas o texto ou livro selecionado. Esta escolha é realizada pela criança de forma livre.</p>	

Diário		Nº17
<p><b>Situação:</b> Exploração da história “Elefante Cor-de-rosa”  <b>Data:</b> 04/03/2013 e 05/03/2013    <b>Hora:</b> 13h30 e 9h15    <b>Local:</b> Sala de aula  <b>Intervenientes:</b> 2º ano  <b>Dados do Observado</b>  <b>Sexo:</b> F; M    <b>Idade:</b> 7/8 anos</p> <p><b>Outros Indicadores de Contexto:</b> segunda e terça-feira.</p>		
Descrição	Inferência	
<p>Na segunda-feira foi apresentada mais uma história, “O elefante cor-de-rosa” da escritora Luísa Dacosta. Começamos por explorar os elementos para textuais como o título, autora, editora e ilustrador. Comecei a ler e deixei a história a meio. De seguida foi pedido que as crianças continuassem a história... as crianças inventaram as suas histórias tendo por base a história do elefante cor-de-rosa. Depois foi realizada a revisão textos. E os textos foram guardados na mola. No dia seguinte foi pedido que as crianças lessem as suas histórias e após a leitura dos seus textos, procedeu-se à leitura da restante história que tinha ficado a meio no dia anterior. Os finais foram confrontados. De seguida realizou-se uma ficha de língua portuguesa e mais tarde no tempo de matemática foi utilizada uma das imagens da história para introduzir o tema.</p>	<p>As crianças inventaram um novo final, tiveram contato com a história integral, realizaram interpretação de um excerto da história.</p>	

<b>Comentário (informações/justificações/ fundamentação teórica)</b>
<p>O Programa de Português estabelece como tópico para o 1º e 2º ano ler para apreciar textos variados e destaca como descritor de desempenho da leitura, propor soluções/alternativas distintas, mas compatíveis com a estrutura nuclear do texto e dá como exemplo de atividade a desenvolver acrescentar novos episódios, propor novos finais (Programa de Português, 2012). Neste sentido, o Diário nº 17 promove a apreciação de textos variados: o da escritora Luísa Dacosta e os novos finais inventados pelas crianças.</p>